

UMA VIDA PARA TODOS



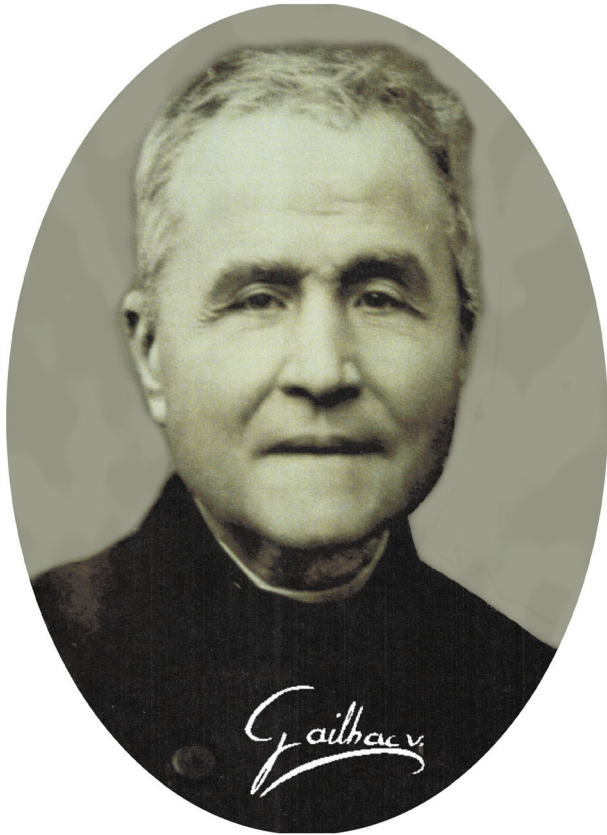
Margarida Maria Gonçalves
rscm

Margarida Maria Gonçalves
rscm

UMA VIDA PARA TODOS

Traços rápidos da vida
do Padre Jean Gailhac

2ª Edição no Brasil da versão Portuguesa
Religiosas do Sagrado Coração de Maria
Província Brasileira



Índice

| | |
|--|----|
| Prefácio..... | 07 |
| Capítulo I | |
| Primeiras influências: a mãe e o Padre Martin..... | 11 |
| Capítulo II | |
| Aquele olhar profundo e magoado do Papa..... | 25 |
| Capítulo III | |
| Um longo processo de discernimento vocacional..... | 30 |
| Capítulo IV | |
| Gailhac, sacerdote. “O ecônomo dos pobres”..... | 38 |
| Capítulo V | |
| Caminho para o céu..... | 44 |
| Capítulo VI | |
| Um sonho dinamizador..... | 50 |
| Capítulo VII | |
| O Refúgio – “Bom Pastor”..... | 55 |
| Capítulo VIII | |
| Da morte à vida..... | 67 |
| Capítulo IX | |
| Novos desafios..... | 75 |
| Capítulo X | |
| Visão de Fé..... | 83 |

| | |
|---|-----|
| Capítulo XI | |
| “Deus mais forte que os homens”..... | 89 |
| Capítulo XII | |
| Da Irlanda para Béziers..... | 94 |
| Capítulo XIII | |
| Quando a seara está madura..... | 102 |
| Capítulo XIV | |
| Olhares voltados para a Irlanda..... | 106 |
| Capítulo XV | |
| Por caminhos de Portugal..... | 113 |
| Capítulo XVI | |
| Pressentimentos e apreensões..... | 122 |
| Capítulo XVII | |
| Roma – Coração da Igreja..... | 127 |
| Capítulo XVIII | |
| Bodas de Ouro do Padre Gailhac..... | 132 |
| Capítulo XIX | |
| O Novo Mundo..... | 136 |
| Capítulo XX | |
| Os Pobres – Joia da comunidade..... | 144 |
| Capítulo XXI | |
| “Felizes os que morrem no Senhor” Ap 14,13..... | 148 |

Prefácio

Não há ninguém que não goste de recordar aqueles que ama, fazendo-os reviver, tornando-os conhecidos e amados sob um novo olhar, num tempo novo.

A Irmã Margarida Maria Gonçalves, Religiosa do Sagrado Coração de Maria, movida por uma convicção muito forte de fidelidade ao Espírito, quis transmitir às gerações futuras a mensagem do Venerável Padre Jean Gailhac, Fundador do Instituto a que pertence, confiando no impacto que essa mensagem possa causar em todos os que melhor o vierem a conhecer.

Descrever em pleno século XXI uma vida do século XIX, como foi a do Venerável Padre Gailhac, não era tarefa fácil. Mas a convicção e entusiasmo da Irmã Margarida Maria, visível seguidora do seu Fundador, não a deixaram olhar a obstáculos nem deter-se nas dificuldades. De forma decidida, lançou-se no desafio de escrever a biografia do Venerável Padre Gailhac, numa linguagem mais atualizada e adaptada aos jovens de hoje.

Cabem neste contexto as palavras de Mary Milligan, RSCM, na introdução do seu livro “PARA QUE TODOS TENHAM VIDA”:

“Cada época deve remontar à sua inspiração original, cada época verá essa inspiração na sua perspectiva própria. Cada época deve captar o que é essencial na motivação original do fundador, determinar o que era particular do seu próprio tempo. Cada geração deve olhar com discernimento para as origens que representam simultaneamente o lugar onde o essencial e o caduco, o mais necessário e o mais afastado

do presente se encontram. No seu trabalho, cada geração beneficia dos esforços das gerações anteriores e, portanto, volta às fontes através de uma tradição que se torna mais rica com cada tentativa de articular a experiência fundamental e normativa. Todo o presente faz para si a sua Imago primi saeculi e apreende do passado uma imagem até então escondida que lhe é proporcionada. As várias imagens apresentam um quadro sempre mais rico do passado e um desafio ao futuro”.

Foi este o projeto que a Irmã Margarida Maria se propôs levar a cabo e no qual investiu tanto de si. O modo como se familiarizou com o percurso do Venerável Padre Gailhac, desde o seu tempo de menino, seminarista, jovem sacerdote, fundador de várias Obras, permitiu-lhe falar dele com conhecimento de causa, de uma forma tão simples e acessível.

Jean Gailhac foi o menino igual a todas as crianças da sua idade. Desde muito cedo, começou a dar provas de uma grande sensibilidade ao sofrimento humano. Teve os sonhos de qualquer jovem que, sensível ao toque de Deus, procura sempre ir mais longe na doação aos outros. Foi o jovem sacerdote de busca em busca até acertar com os caminhos que Deus tinha reservado para si.

Tal como podemos constatar na obra que se apresenta, Gailhac nunca parou nas frustrações, nenhuma desilusão o deteve, ultrapassou todas as incompreensões, nunca desistiu de procurar resposta para as necessidades urgentes que o inquietavam.

Aparecem claros, nestas páginas, os muitos obstáculos que teve de enfrentar. Mas esses obstáculos, em vez de enfraquecer a sua determinação, deram-lhe a força de remar contra a maré ao encontro do rumo certo. Aplicou bem a si, em

todas as dificuldades, as palavras, que um dia, dirigiu a uma das suas religiosas:

“Façamos como os marinheiros do mar. O vento contrário não os faz parar. Se não podem navegar como queriam, fazem mais esforços, pelo menos para não se deixarem levar pelo vento. Se o tempo estiver sombrio navegam com mais precaução, mas navegam. Se a tempestade os surpreende, eles fixam os olhos na bússola para irem sempre pelo caminho certo e não de encontro a algum rochedo escondido, ou banco de areia. Se o vento cessa e atrasa a marcha, redobram de energia para manejar os remos e não ficarem parados”.

Foi este o rumo seguido pelo Venerável Padre Gailhac. A sua fidelidade constante aos ventos do Espírito tornou-o flexível aos sucessivos apelos de Deus, que se manifestavam nas necessidades urgentes e prioritárias, às quais procurou sempre dar resposta.

Deu-me gosto ler esta biografia sob a perspectiva da autora, cuja vida foi pautada pelo espírito que herdou daquele que descreve com tanto interesse e fidelidade. É que, se uma história biográfica pode ser desafiante, igualmente o poderá ser a vida de quem a descreve, quando se lhe reconhece a coerência de princípios e a sintonia com os valores incarnados pela pessoa que se pretende enaltecer.

A vida do Venerável Padre Gailhac, tal como aqui nos é apresentada, oferece a todos os que são atraídos pelo seu exemplo e pelo seu espírito a oportunidade de se entusiasmarem pelos desafios daqueles que deixam uma história que vale a pena ser contada.

Poderá ser um instrumento de reflexão para quem desejar acompanhá-lo no tempo e retomar seus ideais, ao serviço de todos.

O Venerável Padre Gailhac continua vivo nas muitas vidas que, em diferentes partes do mundo e diversas formas de missão, se têm colocado ao serviço de todas as classes sociais, “*para que todos tenham vida*”.

O heroísmo dos santos é de todos os tempos. Os cenários, as tradições, a linguagem podem mudar; mas a voz de Deus, essa continua a ecoar em todos os corações sensíveis ao mundo que grita por vidas generosas na vida consagrada e no sacerdócio.

Seja esta biografia, na nova época que vivemos, uma forma de continuar a estimular as RSCM e todos os que vão tornando herdeiros de um espírito e seguidores de um projeto, iluminado pelo exemplo de Jean Gailhac, Fundador do Instituto das RSCM.

Porto, 15 de setembro de 2001

Maria Lúcia Neto Brandão, RSCM

I**Primeiras Influências:
a Mãe e o Padre Martin**

Era o fim de uma tarde fria de Inverno. Na pequena cidade de Béziers, as ruas mergulhavam na escuridão, quebrada apenas de longe a longe pela luz mortiça da velha iluminação pública.

A fugir da chuva e da tempestade Jean e os pequenos que brincavam com ele correm para suas casas. A chuva é pesada e Jean corre a bom correr. Mas a surpresa sua, vê um rapazito a encostar-se a uma porta para se abrigar. Está descalço e parece cheio de frio. Jean pára de repente e cheio de pena pergunta:

- Porque não vais para tua casa? E olha para os pés!
- Não tens sapatos?

O rapaz envergonhado, responde com um aceno negativo de cabeça, que logo esconde entre os braços.

O coração de Jean bate mais forte. Tem que fazer alguma coisa... Durante uns segundos, debate-se com a única solução possível – dar-lhe os sapatos. “Mas o que dirá a mãe quando chegar a casa?”. Sem demoras, descalça-se, dá os sapatos ao rapazito e desata a correr, não querendo ver nem ouvir a sua reação. E à medida que se encaminha para casa, sente uma grande alegria.

Em casa, a Senhora Gailhac, preocupa-se com Jean, que anda lá fora. E a chuva e tempestade não abrandam. Já foi à porta vezes sem conta a ver se ele chega. Apercebe-se, então, de que alguém entra e vai ver quem é. Ao deparar com o filho descalço, aperta-se-lhe o coração. Mas domina-se e pergunta-lhe suavemente:

– Jean, que fizeste aos sapatos? Vens descalço, por este frio e com tanta chuva!

– Mãe, quando vinha para casa, encontrei um rapaz sem sapatos ali na rua de cima. Estava tão triste e com tanto frio que lhe dei os meus. Eu já estava perto de casa e tenho outros... – responde timidamente, mas seguro de ter feito bem.

A senhora Gailhac nem sabe que dizer perante o gesto do filho, que interiormente a deixa feliz. Sente, contudo, que tem de o advertir:

– Olha, filho, tu és ainda muito pequeno para saber o que podes dar. Deus quer que demos aquilo que temos, é verdade, e bem vêes como nós damos sempre a quem bate à porta. Mas dares os sapatos e ficares em risco de te constipares...

A senhora Gailhac entra na cozinha e olha, sem ver, o lume a que o marido se aquece, tão embebida estava nos seus pensamentos. Aproxima-se dele e diz-lhe:

– Jean deu os sapatos a uma criança. Veio para casa descalço e cheio de frio.

Surpreendido, o Senhor Gailhac olha a esposa:

– O quê? Jean deu os sapatos?

Mas refletindo melhor, também ele fica interiormente feliz com o gesto do filho. E acrescenta:

– Deixa lá. Afinal, ele fez o que nos vê fazer a nós.

A senhora Gailhac senta-se ao lado do marido, o rosto apoiado na mão direita, e ambos ficam em silêncio, por alguns segundos. Depois conversam sobre o filho e partilham apreensões e esperanças relativamente ao seu futuro.



– Tem muito bom coração nosso filho – conclui o Senhor Gailhac, saindo da cozinha.

Ali perto, Jean ouve a conversa dos pais. “Afiml eles não o censuram por ter dado os sapatos”. O coração salta-lhe de alegria. E acordam nele novos desejos de partilhar o que tem.

Noutra ocasião, é um rapaz esfarrapado e cheio de frio que bate à porta. Jean está sozinho em casa e vai abrir. Ao ver aquele pequeno tão miserável, enche-se de compaixão:

- Entra! Tens muito frio?

- Tenho, tenho. E a minha roupa está molhada. Em casa tenho uma camisa para mudar. Calças é que não tenho.

Jean pensa imediatamente nos calções de veludo que a mãe lhe fizera. “Ficará ela triste se os der? Irá zangar-se desta vez?”

As perguntas precipitam-se no seu íntimo...

- Espera aí.

E, num instante, vai lá dentro e traz os calções. Dá-os ao rapaz e diz-lhe:

- Ficam-te mesmo bem porque és da minha altura.

Não se passa muito tempo sem que a mãe dê pela falta dos calções de veludo. Imediatamente lhe vem ao espírito que Jean os terá dado também. Dera os sapatos. Agora, os calções. Que não dará ele ainda? “Ele é bom e generoso”, pensa a senhora Gailhac, entre sentimentos contrastantes de conformidade e satisfação. Mas, mais uma vez tem que lhe dizer alguma coisa:

- Jean, deste os calções de veludo?

Jean fica atrapalhado e não responde.

- Diz lá, insiste a mãe, deste os calções?

- Dei, mãe. Dei-os a um rapaz que veio bater à porta e

que tinha os calções todos molhados. Ele disse-me que não tinha outros para mudar. Eu tive muita pena dele e pensei que, se a mãe estivesse cá em casa, lhos daria também.

Crianças assim, que Jean encontra e com quem brinca, vão-no despertando para a realidade da pobreza em Béziers, sua cidade natal.

Béziers é uma cidade do Sul da França. Situada entre os Alpes e os Pirineus, possui uma incomparável beleza natural, reforçada pela vista grandiosa da Catedral de Saint-Nazaire, que a encima, e pelo Rio Orb que corre a seus pés. Béziers deve o nome às suas origens célticas e o caráter, à influência combinada dos Iberos e dos Fenícios, que a dotaram de uma brilhante civilização.

Os Romanos destruíram a cidade para construírem outra ainda mais bela. A tradição considera Saint-Aphrodise como o primeiro bispo lendário de Béziers e que deu o nome ao primeiro lugar de culto cristão na cidade – a Igreja de Saint-Aphrodise.

No tempo de Jean, havia muita pobreza em Béziers, sobre tudo nos bairros degradados, onde alastravam a miséria física, moral e material, a prostituição, o desemprego e a violência.

Antoine Pierre Jean Gailhac é o nome completo de Jean. Nasceu a 13 de novembro de 1802, justamente no alvorecer do século que viu o fim da Revolução Francesa e o começo do ressurgimento dos escombros da Revolução.

A França voltava lentamente ao seu equilíbrio político e social. A Concordata estabelecia entre Pio VII e Napoleão, a 15 de julho de 1801, restituía à Igreja a liberdade de culto,

a reconstituição da Hierarquia Eclesiástica e a aceitação do primado jurídico do Papa. E, como consequência, a abertura das igrejas ao público, o funcionamento dos seminários, a nomeação dos bispos com o acordo do Papa.

Os pais de Jean – Antoine Joseph Gailhac e Jeanne Elizabeth Crouzilhac - não puderam casar pela igreja, devido ao ambiente revolucionário, na altura do seu casamento civil. Só alguns anos mais tarde se efetuaria o casamento religioso. Mas, cristãos como eram, apressaram-se a batizar o filho logo no dia seguinte ao seu nascimento. Assim, a 14 de novembro do mesmo ano, Jean recebe o batismo na Igreja de Saint-Aphrodise, situada mesmo ao lado da casa da família Gailhac. Tal circunstância marcará a adolescência de Jean, ajudando o seu crescimento na fé e influenciando mesmo a sua orientação na vida.

Antoine Joseph Gailhac era um homem honesto, quer na família quer no trabalho. Pelas repercussões que teve o filho, pode concluir-se que baseava na fé a sua vida. De fato, na sua pequena oficina de carroças, tratava os poucos empregados não só com justiça mas com verdadeira solidariedade, dando assim testemunho de integridade e retidão.

Jeanne Elizabeth Crouzilhac era viva, inteligente e ativa, animada de uma fé pessoal, enraizada na vida. Era conhecida, à sua volta, a solicitude e caridade com que socorria os necessitados, procurando aliviar as suas carências.

Na família Gailhac cresceram sete filhos. Marie Anne Jeanne Elizabeth é a primeira. Depois dela, vem Antoine Pierre Jean, ao qual se seguem François Ignace Victor, Pierre Antoine, Elizabeth Marie Anne, Anne Louise e Pierre Antoine que tomou

o nome do quarto irmão entretanto falecido. Por ser o primeiro rapaz, Jean é designado, em família, por Gailhac.

Como todas as crianças, Jean gosta de histórias. Não larga a mãe:

- Mãe, conta-me uma história daquelas lindas que tu sabes.

Mas a pobre mãe não pára de um lado para o outro na sua lida caseira. Quando Jean a vê sentada salta-lhe para o colo e diz-lhe:

- Vá lá, conta agora.

- Já te disse quem é Jesus, que Ele era muito amigo das crianças.

- Também as punha ao colo como tu a mim?

- Sim, sim. Às vezes até os amigos que andavam com Jesus não gostavam muito disso, mas Jesus não se importava.

- Conta mais, conta... insiste Jean.

- Jesus era muito bom para toda a gente, mas tinha muitos inimigos, diz a mãe.

- Por que, mãe? Pergunta Jean indignado.

- Porque Jesus era muito amigo dos pobres e dos pecadores.

Comia e falava muito com eles, fazia milagres para os curar quando estavam doentes e ajudava-os em tudo. Ora os inimigos de Jesus não concordavam com estes gestos e começaram a persegui-Lo.

Mais tarde conto-te mais pormenores. Agora só te digo que o ódio deles a Jesus era tão grande que O condenaram à morte. E Jesus morreu pregado na cruz, como vês na imagem que está naquela parede.

- Mãe, gosto muito de Jesus! E Jesus também é meu amigo, não é?

Estas cenas repetem-se com frequência e a Senhora Gailhac fala a Jean de Nossa Senhora, do Papa, da Igreja. Conta-lhe histórias do Antigo Testamento, sobretudo as mais sugestivas para crianças. Ele ouve tudo atentamente e faz muitas perguntas. A mãe a tudo responde com grande sentido pedagógico, ajustando as palavras à compreensão infantil do filho.

Muitas vezes, as histórias acabavam com uma oração que a mãe rezava e Jean repetia. Mais tarde, dirá: “Foi nos joelhos de minha mãe que aprendi a amar Maria e o Santo Padre”.

Muito criança ainda, Jean começa a ajudar a mãe junto dos irmãos mais pequenos. Conta-lhes as histórias que ele próprio ouve de sua mãe. Fala-lhes de Jesus, de Nossa Senhora, de cenas da Bíblia. Mas os irmãozinhos nem sempre lhe dão atenção e Jean vai queixar-se à sua mãe que, pacientemente, o acarinha e o ajuda a ser compreensivo e tolerante com eles. Assim, momento a momento Jean vai aprendendo de sua mãe aquelas virtudes que o ajudam a superar as dificuldades e a crescer na relação com os outros.

Jean também não esquece o pai, ao longo do dia. Por vezes aparece-lhe na oficina a perguntar se quer que o ajude. O senhor Gailhac dá-lhe então pequenas coisas a fazer e ele esmera-se em as executar com perfeição. O pai fica feliz com a presença do filho e vai-o iniciando no seu trabalho.

O ambiente familiar em que Jean cresce, envolve-o de afeto e calor humano, proporcionando-lhe uma infância feliz. Gosta de ouvir o que os pais dizem e de ver o que eles fazem: as palavras de fê que acompanham as suas conversas, as orações da manhã e da noite em que Jean participa, os gestos de partilha com os necessitados e indigentes...

A casa da família Gailhac ficava situada num pátio e era aí que Jean costumava brincar com os companheiros. Por esse pátio, passava inúmeras vezes, a caminho de Saint-Aphrodise, o prior daquela Igreja, Padre Jean Jacques Martin. As crianças corriam ao seu encontro, para lhe beijar a mão e voltavam às suas brincadeiras. Ele ia conversando com elas e, nessas pequenas conversas, dava-se conta da vivacidade e inteligência de Jean. Este, por sua vez, gostava muito desses encontros fortuitos com o Padre Martin.

Um dia, ao beijar-lhe a mão, segurou-a na sua mãozinha com especial carinho. Apercebeu-se disso o Padre Martin e, depois de os outros rapazes se irem embora, convidou-o a ir com ele à sacrisita.

- Jean – diz o Padre Martin, meigamente – vamos conversar um pouco?

E sentam-se. Em frente dele, um tanto embaraçado, Jean esboça um ar de felicidade e alegria.

- O Menino Jesus gosta muito de ti – continua o Padre Martin e dos teus companheiros também. Mas a ti deu-te uns pais muito bons...e, com certeza, já te falaram de Jesus...

Jean não o deixa concluir e acode prontamente:

- Sim, a minha mãe falou-me de Jesus, o amigo das crianças, dos pobres e das pessoas que sofrem e que Ele ajudava e curava.

- Muito bem! – diz o Padre Martin.

Mais uma vez, Jean interrompe-o para dizer entusiasmado:

- Também me falou da Igreja e do Papa.

- Olha, Jean – prossegue o Padre Martin – foi por amor à Igreja e ao Papa que, durante uma grande revolução no nosso país, muitos padres foram perseguidos e tiveram que fugir. Eu fui um deles. Mas foi bom sofrer por Jesus e pela Igreja.

Admirado e pensativo, Jean não tira os olhos do Padre Martin que, passados uns instantes, lhe pergunta:

- Queres voltar mais vezes para continuarmos a falar destas coisas?

- Quero sim – responde Jean, muito feliz. E, corajoso, acrescenta:

- Gostava que me falasse mais dos pobres que sofreram por Jesus.

O Padre Martin sorri, intuindo alguma coisa mais no seu desejo.

Depois da conversa com Padre Martin, Jean não cabe em si de contente. Corre para casa e diz à mãe:

- Mãe, o Padre Martin chamou-me e conversou comigo na sacristia. Gostei muito de falar com ele. Contou-me que muitos padres sofreram por serem perseguidos e até tiveram de fugir. Também me disse que Jesus gosta muito de mim.

Depois de uma pausa de alguns momentos, acrescenta:

- Eu quero ser bom para Jesus gostar sempre de mim.

A senhora Gailhac convence-se cada vez mais de que este seu filho não é como as outras crianças. E, num misto de satisfação e ansiedade, dá graças a Deus por ele.

Depois deste primeiro encontro com o Padre Martin, muitos outros se lhe vão seguir. Quase todos os dias e, com frequência, mais de uma vez por dia.

O Padre Martin tinha muita influência na cidade. A população estimava-o pela sua grande caridade e por tudo o que ele fazia pelo público, sobretudo pelas crianças cujos pais não

tinham possibilidades de pagar a um professor particular. Como no bairro não havia escolas primárias do governo, funda uma escola para meninas e outra para rapazes, mandando ele próprio construir os dois edifícios, no bairro de Saint-Aphrodise.

Em repetidas conversas com Jean, o Padre Martin fala destas crianças, despertando nele sentimentos de compaixão e de ternura. Jean sente-se feliz ao pensar nos sapatos e nos calções que dera a dois rapazes. “Se tivesse mais”, pensa ele, “ainda mais os ajudava”.

A própria experiência de Jean, o que ouve e vê fazer a sua mãe e o que o Padre Martin lhe diz, vão delineando a sua personalidade. E ao mesmo tempo que aumenta nele o carinho pela mãe, cresce também a admiração pelo Padre Martin. Começa então entre ele e este sacerdote uma verdadeira amizade, que o tempo não apagará.

II

Aquele olhar profundo e magoado do Papa...

Jean atinge, entretanto, a idade escolar. Os pais confiam a sua educação ao Padre René que dirige, na cidade, um pequeno colégio de instrução primária. A mãe acompanha-o no primeiro dia de aulas. Tudo é novo para Jean: professor, colegas, atividades. Mas a maior novidade é o que ele vai apreendendo dia a dia. E chega a casa cheio de entusiasmo contando à mãe as coisas de que mais gostou.

É precisamente durante o seu tempo de colégio, que o Papa Pio VII, prisioneiro de Napoleão em Fontainebleau durante mais de quatro anos, é libertado e regressa a Roma. Entre outras cidades, passa por Béziers e ali permanece algumas horas para mudança de cavalos e descanso. Tinha Jean onze anos.

Depressa se propaga na cidade a notícia de que o Papa está a chegar. Grande alvoroço agita as pessoas que se precipitam em correria pelas ruas. Sabem que o Papa ficará ali por pouco tempo e todos querem aproveitar esta ocasião única e o ver e receber a sua benção.

Finalmente, chega o Santo Padre e para à saída da Ponte Velha. Os sinos das igrejas tocam festivamente, aumentando ainda mais o entusiasmo de toda aquela gente.

Entre a multidão que acorre a saudar o Papa, encontra-se o pequeno grupo dos alunos do colégio que Jean frequentava. O Padre René procura colocá-los à frente, para poderem ver bem o Santo Padre.

Pálido de emoção, olhar vivo e inquieto, Jean gostaria de avançar, beijar o Papa e dizer-lhe que lhe quer bem. Nada o distrai. Acode-lhe ao espírito tudo o que ouviu a sua mãe sobre o Papa. E não deixa de o fixar atentamente para nada perder daquele momento extraordinário.

- Jean Gailhac – diz o Padre René, olhando o Papa, enquanto punha a mão no ombro de Jean.

O Santo Padre olha para Jean, durante longos segundos, e esse olhar profundo e magoado penetra no coração da criança, como fogo que jamais se apagará.

- Jean Gailhac – repete Pio VII, hesitando um pouco no sobrenome como se quisesse dizer mais alguma coisa.

Jean não cabe em si de contente. Por entre a multidão que se vai dispersando, corre para casa e, com os olhos a brilhar de alegria, conta à mãe o feliz encontro.

- Mãe, vi o Papa. Ele olhou para mim e disse o meu nome. A mãe, pondo-lhe as mãos nos ombros e baixando-se ao seu nível, olhos nos olhos, diz-lhe, como que em tom profético:
- Meu filho, guarda sempre a lembrança deste dia. Ela será preciosa para ti. E a senhora Gailhac recorda com alegria que fora ela a primeira pessoa a falar-lhe do Papa, quando ele, ainda muito pequeno se sentava no seu colo.

Este acontecimento marcou profundamente Jean e fez crescer nele um grande amor ao Santo Padre. Também ao Padre Martin, Jean sente necessidade de comunicar a feliz experiência deste encontro com o Papa:

- Padre Martin, vi o Papa e ele disse o meu nome.

- Parabéns, Jean. É uma graça ver o Papa. Eu só o vi depois de ser padre e tu já o viste. Parabéns!

E o Padre Martin continua:

- Lembras-te, Jean, de quando eras pequeno, eu te falar dos padres e das pessoas perseguidas por amor à Igreja e ao Papa?

- Lembro sim, Padre Martin. Mas por quê?

- É que houve uma grande revolução em França – a Revolução Francesa – e os padres, como já te disse, foram perseguidos. Depois, apareceu uma lei, chamada a Constituição Civil do Clero. Esta lei era contra a Igreja porque a fazia depender do Estado e a tornava independente de Roma e do Papa. Ora, muitos padres recusaram-se a assinar essa Constituição. Eu fui um deles...

- E teve de sofrer muito? Pergunta Jean, com ternura.

- Sim. Tive de fugir e ir para Roma, o mesmo acontecendo a outros padres. Passei por muitas dificuldades e privações, é verdade. Mas Deus concedeu-me também muitas alegrias. Entre elas, a de poder ver e falar com o Santo Padre.

Jean fica cheio de entusiasmo e admiração pelo Padre Martin e não se cansa de o ouvir. Em encontros sucessivos, continuam a falar sobre o mesmo assunto. Por vezes, é Jean que inicia a conversa:

- Padre Martin, que aconteceu depois do que me contou das outras vezes?

- Olha Jean, a situação da Igreja em França parecia mais calma e nós regressamos de Roma.

- Que bom! – exclama Jean.

- Mas espera, porque nem tudo foi fácil. Depois de já estarmos em França, apareceu outra lei chamada a “Constituição do Ano VIII” que impunha outros limites à liberdade da Igreja.

- E também foram obrigados a assinar?

- Bem, o Estado queria obrigar-nos a assinar, mas nós não

assinamos e por isso tivemos que passar a exercer às ocultas o nosso ministério de padres.

- Por muito tempo?

- Até à Concordata, quer dizer, até ao acordo entre a Igreja e o Estado, em 1801.

- Então foi um ano antes de eu nascer – diz Jean, como quem faz uma feliz descoberta.

- Exatamente. E foi nessa altura que eu vim de novo, como pároco, para a Igreja de Saint-Aphrodise, a tua Igreja, onde te batizei.

- Também batizou os outros meninos meus amigos que brincam comigo no pátio?

- Alguns sim, batizei. Gosto de saber que continuas a ser amigo, mesmo que agora estejas afastado deles durante as tuas aulas. Sabes, os seus pais não têm recursos para os mandar para um colégio, como o teu, nem tem a preocupação de lhes falar de Jesus. Tu deves dar muitas graças a Deus pelos pais que Ele te deu e que põem a tua educação cristã acima de tudo, mesmo à custa de sacrifícios.

No colégio do Padre René, e com ótimos resultados, Jean chega ao fim do curso primário. Passa então para o colégio de ensino secundário de Béziers. Inteligente e desejoso de aprender, inicia com entusiasmo o novo ciclo de estudos. Agora, novas matérias despertam o seu interesse. E aplica-se a elas com curiosidade e muito gosto.

Nesse ano, entra também para o colégio, Eugène Cure, filho do Dr. Jacques Cure, juiz em Autignac. Era filho único e já não tinha mãe.

Pouco tempo depois da entrada de ambos para o colégio, começa entre eles uma verdadeira relação de amigos. É uma amizade de adolescentes, que nem um nem outro esquecerá.

Jean relaciona-se bem com os colegas e, por ser bom aluno é respeitado por eles. Muitas vezes os ajuda nos estudos, mas nunca se impõe. Ao contrário, é amigo e afável com todos.

“Vir um dia a ser padre, como Padre Martin” pensa ele. Mas afasta logo a ideia porque o admira muito e sente que não é capaz de ser como ele. Contudo, lembra com frequência e com agrado as conversas que ambos tiveram quando ele era menor. Agora essas conversas são mais raras e recaem, em certas ocasiões, sobre os problemas sociais de Béziers. Também a família e até os católicos no colégio fazem comentários sobre o assunto. Jean dá muita atenção a tudo o que ouve e vai tomando consciência da situação difícil que se vive à sua volta.

O meio social que o rodeia é de grande agitação. Os operários fazem manifestações de protesto, com grande algazarra nas ruas. Jean vai despertando para toda esta realidade, que tem vivas repercussões no seu espírito e o ajuda a crescer na fé. Vai crescendo também no seu coração um grande amor à Igreja e ao Papa, que ele tivera o privilégio de ver, na passagem de Pio VII por Béziers.

Observador perspicaz como é, o Padre Martin começa a aperceber-se de sinais de vocação sacerdotal nas atitudes de Jean. Um dia, numa das conversas íntimas com ele, aborda o assunto de leve. Jean não responde diretamente, mas o Padre Martin descobre mais um sinal, no entusiasmo com que ele o escuta. “É sempre Deus quem toma a iniciativa” – pensa o Padre Martin. Mas não deverá ele ajudar a abrir caminho a tal iniciativa, no coração dócil daquele jovem?

O Padre Martin será sempre, até ao fim da vida, um grande incentivo na caminhada espiritual de Jean.

III

Um longo processo de discernimento vocacional

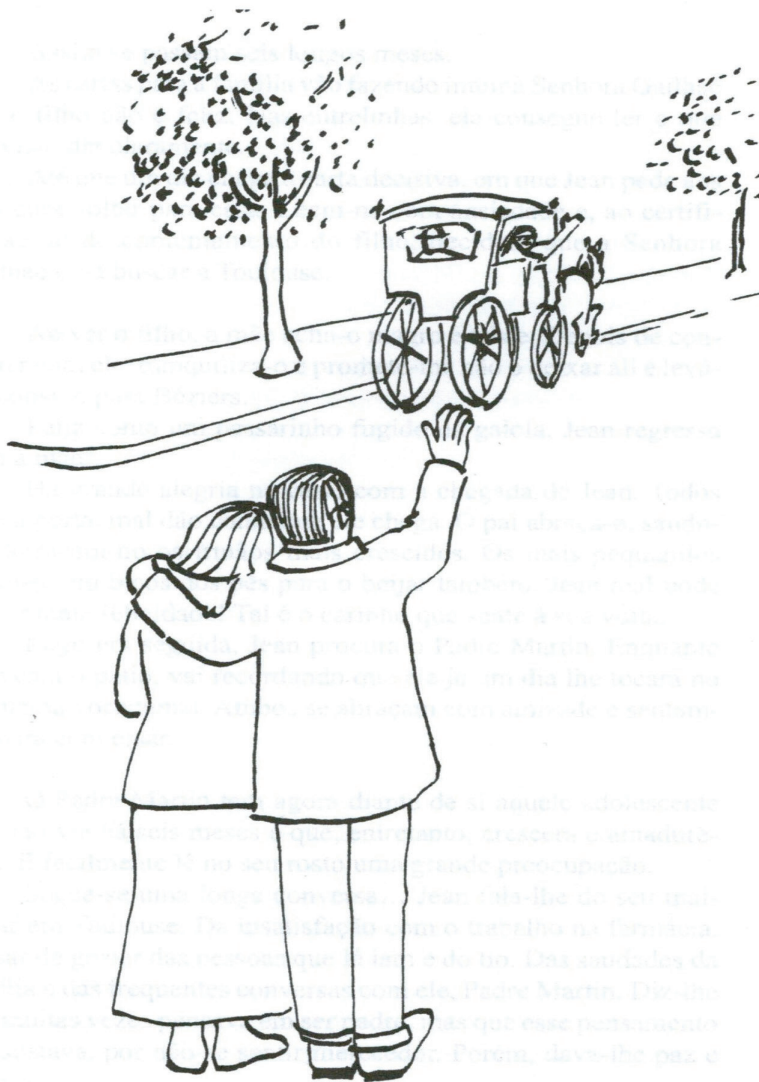
Um dia, veio visitar a família um tio de Jean, que vivia em Toulouse e possuía uma farmácia. Sabia que o sobrinho era inteligente e como não tinha filhos, pensava que talvez ele o pudesse ajudar, e até substituir, mais tarde. E propõe ao casal Gailhac levar Jean para Toulouse e iniciá-lo na carreira de farmacêutico. Se fosse bem sucedido, até poderia, no futuro, ficar com a farmácia. Esperava assim poder aliciar o sobrinho e os pais, com a promessa de uma pequena fortuna.

Jean é agora um rapaz de catorze anos, alto e robusto. Os cabelos castanhos caem-lhe para trás, deixando a descoberto a fronte larga. No olhar vivo, transparece uma inteligência penetrante.

Desinteressado do dinheiro e da farmácia, vê na proposta do tio a desistência dos estudos, o que muito lhe desagradava.

Contraria-o também a ideia de ter de sair de casa, deixar a família e o ambiente a que estava habituado, e ir para uma cidade completamente desconhecida. Além disso, com as interrogações vocacionais a assaltarem-no continuamente, desejava ficar mais perto do Padre Martin para que este o pudesse acompanhar no seu discernimento.

Por outro lado, Jean pensa nos irmãos. Os pais têm poucos recursos para os educar. Agora, está nas suas mãos ajudá-los... Deverá aceitar a proposta do tio? Dura indecisão para a sua idade.



Os pais vêm na proposta do tio um futuro cheio de promessas e um bom modo de vida para o filho, e procuram ajudá-lo, mostrando-lhe as vantagens de uma tal carreira. Deixam-lhe porém, toda a liberdade de escolha. Por fim, e depois de tantas hesitações, Jean resolve aceitar a oferta do tio e ir com ele para Toulouse.

A partida é dolorosa. Jean abraça a mãe, que procura ocultar as lágrimas para que o filho não sofra ainda mais. Abraça o pai. Recebe de ambos uma bênção carinhosa. Finalmente, abraça os irmãos. Visivelmente comovido, avança para o tio, que o acolhe com satisfação. E partem os dois, dizendo adeus aos que ficam, até se perderem na esquina do pátio.

Em Toulouse, Jean sente-se triste e só. Falta-lhe Béziers com as suas belas paisagens, os campos extensos e coloridos do outono, o rio tranquilo acariciando a cidade e banhando as longas planícies que se espraiam à sua volta. Falta-lhe os companheiros do colégio e as aulas. Falta-lhe tempo para frequentar a igreja e para as conversas com o Padre Martin. Falta-lhe sobretudo o ambiente familiar, os pais e os irmãos. Nem o carinho do tio, nem a boa relação com os clientes que vêm à farmácia podem compensar tudo aquilo que lhe falta.

Não lhe interessa o dinheiro que poderia ganhar nem a posição social que poderia vir a ter. E as grandes dúvidas acerca da sua vocação aumentam cada vez mais.

Começa então para ele um demorado e penoso discernimento vocacional. À medida que o tempo passa, vai-se sentido cada vez mais desmotivado pelo trabalho na farmácia e, no seu espírito, vai-se tornando claro que não é para ele a profissão de farmacêutico.

Entretanto, pensa frequentemente em ser padre, na felicidade que isso lhe daria, se fosse bom como o Padre Martin. Este pensamento era acompanhado de uma tão grande paz que até gostava de se deter nele. Mas vinham logo o cansaço e a tristeza a chamá-lo à realidade.

Assim se passam seis longos meses.

As cartas para a família vão fazendo intuir à Senhora Gailhac que o filho não é feliz. Nas entrelinhas, ela consegue ler o que Jean não diz claramente.

Até que um dia chega a carta decisiva, em que Jean pede aos pais para voltar para casa. Leem-na com ansiedade e, ao certificar-se do descontentamento do filho, decidem que a Senhora Gailhac o vá buscar a Toulouse.

Ao ver o filho, a mãe acha-o magro e triste. Depois de conversar com ele, tranquiliza-o e promete-lhe não o deixar ali e levá-lo consigo para Béziers. Feliz como um passarinho fugido da gaiola, Jean regressa com a mãe.

Há grande alegria na casa, com a chegada de Jean. Todos vêm à porta, mal dão conta que ele chega. O pai abraça-o, saudoso. Abraçam-no os irmãos mais crescidos. Os mais pequeninos põem-se na ponta dos pés para o beijar também. Jean mal pode conter tanta felicidade! Tal é o carinho que sente à sua volta.

Logo em seguida, Jean procura o Padre Martin. Enquanto atravessa o pátio, vai recordando que ele já um dia lhe tocara no problema vocacional. Ambos se abraçam com amizade e sentam-se para conversar.

O Padre Martin tem agora diante de si aquele adolescente que não via há seis meses e que, entretanto, crescera e amadurecera. E facilmente lê no seu rosto uma grande preocupação.

Segue-se uma longa conversa...Jean fala-lhe do seu mal estar em Toulouse, da insatisfação com o trabalho na farmácia, apesar de gostar das pessoas que lá iam e do tio, das saudades da família e das frequentes conversas com ele, Padre Martin. Diz-lhe que muitas vezes pensava em ser padre, mas que esse pensamento o assustava, por não se sentir merecedor. Porém, dava-lhe paz e alegria.

O Padre Martin ouve-o com amizade e interesse. Anima-o e procura mostrar-lhe que ser padre é uma graça muito grande que não se merece, mas que Deus dá gratuitamente. É também um serviço à Igreja e à sociedade. Promete acompanhá-lo no seu discernimento, durante os quatro anos que ainda vai passar no colégio para acabar o bacharelato em letras.

Ambos ficam felizes depois daquele encontro. Ao Padre Martin, não restam dúvidas. Sempre pensara que Jean poderia vir a ser padre. Jean fica com a certeza de poder contar com a ajuda do Padre Martin, na descoberta da sua vocação e com a esperança de se decidir naqueles quatro anos de colégio.

Não lhe falta também o apoio dos pais, nesta fase de discernimento vocacional. Vão-se convencendo, pelas atitudes do filho, que ele é chamado por Deus a ser padre. E não lhe põem obstáculos. Ao contrário, prometem mesmo ajudá-lo a realizar a sua vocação.

Ao terminar os estudos no colégio, Jean percebe que está no momento de tomar a decisão final. Passa então uns dias em

casa do Padre Martin.

Depois de muita oração e acompanhamento do seu orientador espiritual, e vendo mais claramente a vontade de Deus, aceita fazer-se padre e diz com firmeza e convicção: *“Far-me-ei padre, mas para ser um padre santo”*.

Ficou tão gravado no seu espírito o difícil processo de discernimento que, mais tarde, aos setenta e quatro anos, lhe faz referência em carta ao seu bispo. “Muito jovem ainda, depois de ter lutado contra a inspiração de Deus, por estar persuadido de que era preciso ser muito santo para ser padre; quando, dizia eu, depois de ter lutado, fui pressionado pela graça de Deus, procurei o Padre Martin de Saint-Aphrodise e meu confessor, para lhe contar o que se passava comigo e a minha decisão. Este venerável Padre abraçou-me e, prognosticando o que Deus me pedia, acrescentou: *“Toma cuidado, não vá a tua coroa passar para outro, se não fores fiel”*”.

Aos pais comunica também a sua decisão, não sem ter de calar a voz interior que, mais uma vez, lhe lembra os fracos recursos materiais da família, a educação dos irmãos...

Ele sabe que o sacerdócio é visto mais como uma carreira de privilégios do que uma opção de consagração a Deus para o serviço do povo. E quer tornar claro que o seu desejo de ser padre não é para trazer facilidades à família, mas apenas para o serviço do Reino. Assim, debaixo de uma aparente frieza, diz aos pais: “Quero ser padre, mas não o serei para vós. Sê-lo-ei só para Deus”.

Os pais compreendem este desejo tão profundo e tão sério do filho. E ajudam-no a levar por diante o seu projeto e a tornar mais forte a convicção que ele já tem da exigência de ser padre.

“Serei padre para Deus”. É irreversível esta motivação profunda da sua decisão. E já em idade avançada, poderá dizer: “Desde a minha mais tenra juventude, Deus encheu-me do seu fogo sagrado. O meu coração nunca quis viver sem o seu amor. Mas isto não é tudo. Sempre senti a necessidade de O fazer amar. Muito jovem, Deus chamou-me ao sacerdócio. A santidade necessária para uma vocação tão divina assustava-me. Resisti. Só consenti em ser padre com a condição de viver só para amar a Deus e levar os outros a amá-Lo”.

Será esta a preocupação envolvente de toda a sua vida, a condicionante de todos os seus atos: Amar a Deus e levar os outros a amá-Lo.

IV

Gailhac, sacerdote.

o “ecônomo dos pobres”

Terminadas as aulas, já bacharéis e prontos a ingressar nos estudo superiores, Jean e o seu grande amigo Eugène Cure decidem passar juntos aquela manhã e descer até à Ponte Velha. Amigos desde a entrada no colégio, haviam partilhado muita horas de brincadeira e de sonhos sobre o futuro.

Desta vez, a conversa é de teor diferente. Estão ambos com dezoito anos. É a idade de seguir um rumo na vida. E nessa manhã de verão, olhando distraidamente o Rio Orb, um e outro têm coisas importantes a dizer acerca do futuro. Tão importantes que não sabem por onde começar. Há um sentimento de nostalgia de quem se vai separar, porque a vida segue por caminhos diferentes. É a ameaça a uma amizade que tinha crescido espontânea na frescura da adolescência.

- Depois das férias, já não voltarei para Bèziers. Vou frequentar em Montpellier, a Faculdade de Direito – diz Eugène, depois de alguns momentos de silêncio.

Jean, tímido, e sem saber qual a reação do amigo, diz rapidamente:

- Eu também irei para Montpellier, mas para o Seminário. Ao receber a confiança do amigo, Eugène é colhido de surpresa:

- Queres ser padre?!

A conversa desenrola-se por várias horas, contando cada um os seus projetos. O momento é tão denso de sentido que se esquecem do tempo. Quando dão pela hora, é já tarde e despedem-se.

Jean fica pensativo. Invade-o a saudade da vida de jovem. Por outro lado, dá-se por feliz porque um sentimento interior o confirma na convicção de que Deus o chama.

No dia 7 de outubro de 1821, o Senhor e a Senhora Gailhac levam o filho ao Seminário. Falam com o superior a quem o entregam. E partem saudosos. Interessados no seu aproveitamento e formação, hão de voltar ali várias vezes, de tal modo que se estabelecerá uma verdadeira amizade entre eles e os professores.

Jean entra no Seminário num momento decisivo da sua vida. Com dezoito anos, traz consigo uma ótima orientação escolar e espiritual e uma determinação firme de se preparar bem para ser padre. Não tivera sido longo o seu discernimento!

Na adolescência Jean mostrara muito gosto pelo estudo. Não admira que, agora se dedique ainda mais às disciplinas que muito o interessam por serem a base de sua ascensão à vida sacerdotal e por valorizarem e enriquecerem a vida na sua totalidade. Gosta muito da Teologia e Filosofia porque vê nelas meios de melhor conhecer Deus e a pessoa humana. E este duplo conhecimento apresenta-se-lhe como verdadeiro desafio ao serviço da missão de padre.

Com muita pena sua vê que o programa de estudos não inclui Sagrada Escritura nem História da Igreja. Consciente da importância destas duas matérias na sua formação, resolve estudá-las por iniciativa própria, nos tempos livres que ficam assim bem reduzidos.

No fim do primeiro ano, os professores descrevem-no como possuidor de um caráter vivo mas temperado por aquilo em que acredita, pelo projeto pessoal que se propõe.

No ano seguinte, classificam de “excelente” o seu caráter, a sua piedade e aplicação ao estudo. Consideram ainda que tem uma boa capacidade de evolução.

O seminário é o local onde Jean aprofunda o seu conhecimento e adesão a Jesus Cristo e a experiência de Deus em que o havia lançado o Padre Martin. Através de tempos de oração, amadurece as suas convicções, intensifica a sua união com Deus e o desejo de se dar inteiramente aos que mais dele precisam.

O seu grande objetivo é vir a ser um padre totalmente comprometido com Deus e com os outros. E vai-se apercebendo da exigência que tal aspiração representa na sua vida cotidiana. Em primeiro lugar dá-se conta da importância do auto-domínio, não cedendo às suas próprias preferências, mas respeitando e acolhendo as opiniões dos seus companheiros, quando não são contrárias aos princípios da caridade e da justiça, entre outros. Depois impõe-se uma relação simples e amigável com todos: professores e alunos.

E, à medida que vai caminhando na aventura da fé, vai sentindo a radicalidade do seu sim ao chamamento de Deus e o desejo de Lhe ser fiel e de “O amar e fazer amar” sempre.

Passam os anos, mas permanece a mesma ideia. Durante um dos seus retiros, registra nas suas notas:

“Quero dedicar-me exclusivamente à glória de Deus, à minha santificação e à do próximo. A única coisa que quero ter em vista é a glória de Deus e o Seu amor. Quero que o último pensamento do meu coração e as últimas palavras da minha boca sejam: “Amo a Deus e quero fazê-Lo amar”. Para isso impõe-se a si mesmo um plano exigente de oração e de estudo.

E segue-o fielmente, não só porque não perde tempo, mas também porque o seu pensamento é organizado e rigoroso o seu método.

Maria ocupa um lugar muito particular na vida de Jean, como caminho seguro que leva a Jesus. A Ela se dirige em todos os desafios, numa interiorização progressiva que o levará a confidenciar, mais tarde: “Deus mostrou-ma tão bela, que fiquei preso dos seus encantos”.

Naquele tempo, o Seminário não previa, na sua organização ações de apostolado no exterior nem qualquer inserção na realidade da cidade, mas permitia a saída dos alunos para esses fins. Feliz com essa possibilidade, Gailhac aproveita-a ao máximo. E, sempre que pode, visita os doentes no hospital e os presos. Para isso percorre apressadamente algumas ruas da cidade, levando embrulhos com mantimentos para distribuir. Por vezes até levava tabaco para os seus amigos da prisão. E ainda consegue ajudar os párocos de Montpellier.

Estes contatos e experiências confirmam-no cada vez mais na certeza de que o seu coração se volta espontaneamente para os carenciados em geral. Tal inclinação deixa-o feliz e faz crescer nele o amor preferencial pelo pobre. Esta preferência mergulha na raiz do seu ser, tão forte ela é.

Gostaria de gastar a sua vida, e tudo o que pudesse vir a ter, no serviço das pessoas marginalizadas, que encontra no hospital, na prisão ou mesmo nas ruas, quando sai. E interroga-se sobre as economias que poderia fazer em favor dessas pessoas. Assim, num momento de generosidade e entrega, decide ser o “ecônomo dos pobres”. Fatos? Chega-lhe a batina que usa diariamente. E faz da pobreza “a sua moda”.

Jean tem vinte e dois anos. Aos dezoito entrara no Seminário. Estes quatro anos representam um longo percurso no amadurecimento deste jovem que se lança generosamente na carreira que o levará ao sacerdócio, para o serviço de Deus e dos irmãos, sobretudo os pobres.

Depois do diaconato e antes de ser ordenado sacerdote, Jean Gailhac é convidado a lecionar Filosofia no Seminário. Não é fácil a transição de aluno para professor. Mas a tática de Jean é levar os seus alunos pela razão e pelo sentido da responsabilidade e ser compreensivo e afável com eles.

Entretanto, aproxima-se o dia tão desejado da ordenação como padre. Jean prepara-se para ele com alegria e serenidade. Há quanto tempo suspirava por esta graça!

Durante o retiro que o procede, pensa nas dúvidas que acompanharam o seu discernimento. Pensa nos meses difíceis de Toulouse, na ideia tão elevada que fazia e faz de ser padre, na sua indignidade e no momento tão sério da sua decisão. Com imensa gratidão, pensa no Padre Martin. Sem ele, não teria chegado a este momento.

Como resolução do retiro, insiste na radicalidade da sua entrega a Deus e na programação do seu tempo de modo a não deixar espaços perdidos. “Toda a minha vida será consagrada a Deus. Todo o meu tempo será distribuído entre a oração, o cumprimento do meu dever e o estudo. Os momentos que não forem preenchidos por estas ocupações serão dedicados às boas obras”.

A 23 de setembro de 1826, com vinte e quatro anos, Jean é ordenado sacerdote. O que se passou no mais íntimo do seu

coração, neste dia em que celebrou a sua primeira Missa, não ficou registrado. Mas é fácil imaginá-lo um pouco, já que é tão elevada a ideia que ele tem do sacerdócio. O momento mais forte terá sido o da consagração, ao pronunciar as palavras sacramentais pelas quais o pão e o vinho se tornam Corpo e Sangue de Cristo. Ao interiorizar na fé a força da sua ação sacerdotal!

Que luz penetrante envolveria a sua humildade, diante da grandeza de Deus que se faz pão em suas mãos! O que é infinito não cabe em palavras. O Padre Gailhac nada deixou escrito.

A ordenação é o momento culminante da sua caminhada de seminarista. O seminário foi o local onde Jean fez a sua síntese entre fé, cultura e vida através da oração, do estudo e das atividades apostólicas.

Na contemplação, enriqueceu a sua relação com Deus e com os irmãos. Essa relação, incarnada sempre em atitudes concretas, vai agora projetar-se em novos desafios na missão de padre que o espera e que o levará a “amar e fazer amar a Deus”.

V

Caminho para o céu

Gailhac é agora padre. A paz e alegria que sente são tanto maiores quão difíceis e insistentes foram as suas dúvidas ao longo de todo o processo vocacional. Por isso não se cansa de agradecer a Deus este dom gratuito do seu amor.

Quase sem transição, lança-se com ardor no exercício das novas ocupações. Uma delas é o ensino da Teologia Dogmática. Professores e alunos admiram a sua maturidade espiritual e firmeza de convicções. As decisões que toma são sempre ditadas pelo bom senso e depois de discernimento em oração. Por isso, faz-se respeitar naturalmente.

A qualidade da sua presença junto dos seminaristas leva o diretor do Seminário a confiar-lhe a formação e orientação espiritual de um grupo de alunos. E o Padre Gailhac começa com eles um trabalho sério de exigência espiritual. Procura conhecê-los individualmente. Ouve e orienta cada um com respeito e amizade. Dá grande importância a formação da responsabilidade e liberdade pessoais, aos valores humanos postos ao serviço de Deus e do próximo, à caridade que os distinguirá como verdadeiros seguidores e amigos de Cristo.

Em particular ou em conferências e retiros, procura entusiasmar-lhes pela Pessoa de Jesus Cristo que lhes apresenta como homem perfeito capaz de satisfazer as aspirações humanas e dar sentido à vida. Insiste no conhecimento de Jesus, indicando-lhes a oração como meio privilegiado para o alcançar. Procura inculcar-lhes uma verdadeira dedicação a Nossa Senhora, fiel discípula de Jesus, sempre presente na caminhada para o Pai.

Fala-lhes da importância de fundamentar a vida na fé e ver Deus em todos os acontecimentos. Numa palavra, procura que eles se preparem conscientemente para o sacerdócio e tenham uma ideia clara da grandeza do chamamento e eleição de Deus.

Pela lei vigente em França, os professores de Teologia deviam assinar os “Quatro Artigos” de uma corrente político-ecclesiológica introduzida no país, no século anterior. Estes artigos sobrepunham a autoridade do Estado à do Papa e faziam depender a Igreja dos poderes políticos. Como professor de Teologia, o Padre Gailhac devia assiná-los. No entanto, recusa-se a fazê-lo porque, para ele, o Papa era a autoridade máxima da Igreja. Parece que foi o único professor do Seminário a assumir tal posição, levado pelas suas fortes convicções e, certamente também, pelo exemplo do Padre Martin que tanto o impressionava com as suas atitudes corajosas. Para o Padre Gailhac, tomar esta posição era ser fiel a uma exigência de Deus e da sua consciência.

Porém, continua sempre a pairar no seu espírito o receio de vir a ser obrigado pelo Governo a assinar os “Quatro Artigos”. E isso preocupa-o e agita-o interiormente. Por outro lado, vai crescendo nele o desejo de se dar àqueles que não têm nada nem ninguém.

Habitado a ver a vontade de Deus nos acontecimentos, pergunta-se o que quererá Deus dizer-lhe com aquela perplexidade e agitação que lhe perturba a paz interior. E a resposta de Deus não se faz tardar.

É então informado de que adoecera o capelão do Hospital Central de Béziers. Sem perda de tempo, dirige-se a Mgr. Fournier, bispo de Montpellier, pedindo-lhe para o substituir. E o bispo não tem dificuldade em conceder-lhe, interinamente, tal licença.

A realidade com que o Padre Gailhac depara no hospital – pobreza, marginalização dos doentes, falta de formação cristã – aumenta nele o desejo de dedicar a sua vida àquela gente rejeitada pela sociedade.

De fato, a situação dos doentes – soldados, prostitutas, velhos indigentes da cidade e redondezas – coloca-lhe grandes desafios.

Entretanto, morre o velho capelão do hospital. “E se fosse nomeado capelão efetivo do Hospital?” – pensa o Padre Gailhac. Sente intimamente que por aí passa a vontade de Deus. Sente que naqueles doentes marginalizados, poderá amar a Deus e fazê-Lo amar. Não hesita. É uma aventura de fé e ele quer arriscar. Pede a Mgr. Fournier que o nomeie para esse lugar.

Mais que surpreendido, Mgr. Fournier fica decepcionado com o pedido do Padre Gailhac. O Seminário, pensa ele, perdia um sacerdote jovem, inteligente, reto, excelente professor e educador, um verdadeiro homem de Deus. E tenta dissuadi-lo:

– Padre Gailhac, já pensou no bem que pode fazer no Seminário, como responsável pela formação dos seminaristas e pela preparação deles para o sacerdócio?

- Sim, Senhor Bispo, já tenho pensado. E até gosto deste ministério. Contudo, desde a minha ordenação que se põe o problema de me dedicar àqueles que a sociedade marginaliza, de os ajudar a encontrar a sua dignidade de pessoas humanas, de os despertar para o amor de Deus. Depois deste tempo em que trabalhei no hospital, estou consciente de que aqueles doentes precisam de mim. Depois de muito rezar, sinto que é esta a vontade de Deus.

- Mas que aconteceu – pergunta o bispo – para me pedir um lugar que é geralmente reservado a padres idosos e cansados, como última missão antes de morrer?

- Acontece que encontrei a vontade de Deus – responde Gailhac, decidido. Amadureci na oração a minha decisão e peço que me deixe concretizá-la.

- Isso não é caminho para parte nenhuma – diz o bispo.

- É caminho para o céu, Excelência – responde Gailhac.

Perante a convicção do seu jovem padre, Mgr. Fournier acaba por ver neste pedido a vontade de Deus. E nomeia-o capelão do hospital. Aqui passará dezenove anos, dos vinte e oito aos quarenta e sete, a juventude do seu sacerdócio.

A experiência de Deus vivida por Gailhac no contato com a miséria, deixara marcas para sempre. Tinha sido para ele a hora de Deus. Diante de tanta morte, dissera sim à vida. E essa vida estava ali, à espera dele, para ser repartida.

Para aquela gente marginalizada, Gailhac tornara-se assim o milagre de Deus, na compaixão com que acolhe os seus sofrimentos.

Dá-se totalmente a todos os que acorrem ao hospital. Vai de enfermaria em enfermaria, de cama em cama visitando os doentes, confessando outros e, com frequência, encontra moribundo a quem procura falar da bondade de Deus, do seu perdão e misericórdia e a quem administra a Santa Unção, quando há condições para tal.

Mas o zelo de Gailhac não se esgota no hospital. Confessa e prega na Igreja de Saint-Aphrodise, a igreja que o viu nascer e crescer na fé. Acompanha ainda espiritualmente muitas pessoas.

Mgr. Fournier nomeia-o capelão de algumas comunidades religiosas. Com um horário exigente e totalmente ocupado, o Padre Gailhac tem de se levantar muito cedo para poder fazer a meditação, a oração litúrgica e uma hora de leitura espiritual.

Tendo consciência da necessidade de aprofundar continuamente os seus conhecimentos teológicos, dedica-se ao estudo da Teologia, sempre que lhe é possível. Chega à noite cansado e desejoso de passar algum tempo junto ao Sacrário, entregando-se e entregando o seu dia e todos aqueles que o haviam preenchido.

O tempo de Gailhac é de todos os que o procuram. Apesar disso, uma certa insatisfação matiza o seu exame geral, ao fim do dia. É a exigência de fidelidade a Deus. Sente-se infinitamente amado por Ele e quisera ser capaz de dar tudo, dar-se totalmente a si mesmo, para O fazer conhecer e amar.

Por vezes, surgem situações de calamidade. Numa ocasião, é a cólera que alastra pela cidade e traz ao hospital numerosos doentes contaminados ou moribundos. Não há espaço nas enfermarias nem camas para tantas pessoas atingidas pela doença. Ficam nos corredores, em macas, infectando todos os espaços e o ar que se respira. O calor é sufocante. Não chove. As moscas invadem o hospital, pousando sobre os doentes.

Com tantas pessoas acamadas, vêm a faltar, além de muitas outras coisas, os lençóis. Gailhac lembra-se de pedir à mãe que lhe envie alguns. Ele próprio não se atreve a ir buscá-los, receando contagiá-la. Pede, então, a um rapaz vizinho para ir em vez dele.

Mas o desgaste provocado por emoções tão violentas, tantas preocupações e trabalho intenso, atingem em cheio o Padre Gailhac que adoece com febre muito alta. Passam os dias e a febre não cede. Vem então o médico e declara que não se trata de cólera, mas de uma pleurisia e que seu estado é grave. E deixa as receitas de medicamentos com a recomendação de lhos administrarem com regularidade.

A mãe vem visitá-lo e fica assustada com o seu aspecto. Aproxima-se da cama, preocupada.

Gailhac olha para a mãe e pergunta:

-Mãe, esses papéis são receitas que o médico deixou?

-São, meu filho – responde a mãe.

-Faça-me então um favor: rasgue essas receitas.

A mãe nem quer acreditar no que ouve. Estará o filho a delirar?

-Meu filho, não posso fazer tal coisa. Estás gravemente doente e estes medicamentos são essenciais para a tua cura.

-Por favor, mãe, rasgue esses papéis ou dê-mos para eu rasgar.

E a pobre mãe não tem remédio senão dar-lhes as receitas, que ele rasga apressadamente. Ainda diante dela, Gailhac levanta-se, trêmulo, e pede-lhe que o ajude a vestir-se. Uma vez pronto, sai do quarto meio cambaleando, para visitar os doentes. E, com a admiração de todos, começa a fazer a sua vida normal.

O médico é informado e vai ao hospital ver o que se passa. Encontra-o numa enfermaria e diz-lhe:

- O senhor ainda ontem estava tão mal e agora já aqui está a visitar os doentes?

- Senhor Doutor, foi Deus que me curou.

A sua grande fé adicionada a uma poderosa energia e força de vontade, restituíra-lhe a saúde.

VI

Um sonho dinamizador

Naquela manhã, logo após a Eucaristia, o Padre Gailhac dirige-se para a enfermaria das mulheres vindas da prostituição. Entra. E visivelmente preocupado, olha para aqueles rostos macerados, infelizes e desiludidos. Comove-se e interroga-se: “que mais posso fazer para aliviar tanto infortúnio”?

Quando estas mulheres chegam ao hospital, ele acolhe-as com bondade e simpatia. Enquanto ali permanecem faz tudo o que pode para que se sintam em ambiente amigo e nada lhes falte.

Compreende e desculpa as atitudes agressivas com que rejeitam os seus gestos de boa vontade. Procura por todos os meios desviá-las daquele caminho. Conversa com elas, quando o tempo lho permite, e com muita paciência, fala-lhes da dignidade da mulher, da sua própria dignidade. Aproveita todas as circunstâncias para despertar nos seus corações o desejo de uma vida diferente. Mas como é difícil! Não se cansa contudo na sua dedicação.

Lentamente, vai incutindo nelas a confiança na misericórdia de Deus e o desejo de conversão. No fim de muito tempo, consegue que algumas se arrependam e recebam os Sacramentos. Mas não vê maneira de lhes assegurar os meios necessários para perseverarem, quando saem do hospital e regressam ao ambiente do passado. Por outro lado, não as pode reter ali, uma vez curadas das doenças.

Tenta arranjar trabalho para as que vão saindo, mas depara com inúmeras dificuldades. Nas casas comerciais dele

conhecidas, não as empregam. Nas vinhas, apenas lhes pode conseguir trabalho nos meses de verão.

Recorre ainda a pessoas amigas que ele pensa que as poderiam assalariar. Mas raras vezes é bem sucedido. Se consegue emprego em Béziers, são perseguidas e voltam à mesma vida.

“Que mais posso eu fazer”? É a pergunta que lhe assalta o pensamento, naquela manhã. Lembra-se, então, do Refúgio de Montpellier, dirigido por Irmãs. E uma luz de esperança começa a brilhar nos seus olhos. “Se pedisse lugar para três raparigas que estão prestes a deixar o hospital”?

Escreve então à Superiora:

“As circunstâncias em que me encontro não me permitem pagar a pensão a três raparigas, mas peço-lhe que faça o possível por aceitar pelo menos duas”.

De uma outra vez, pede insistentemente:

“Peço-lhe um grande favor. Que digo eu? Não sou eu, é Jesus Cristo, o Salvador, que lho pede. Uma das ovelhas que Ele tanto ama está em perigo. Procure ajudá-la. A Adelaide é essa ovelha. É por ela que lhe escrevo, é por ela que Jesus Cristo lhe suplica”.

Aumenta o número das suas protegidas, aumenta também a despesa. E começa a fazer contas: quinze francos por mês... cento e oitenta por ano, por cada uma...

Não são apenas três ou quatro raparigas que precisam de ajuda após a saída do hospital. Pede para mais uma...mais duas... mais três...mais quatro... No total, chegam a treze. Com elas, crescem sem medida as dificuldades econômicas do Padre Gailhac.

Como “ecônomo dos pobres”, procura, ao máximo, evitar despesas pessoais ou reduzi-las ao mínimo indispensável. O ordenado que lhe é atribuído no hospital – oitocentos e cinquenta francos por ano – está longe de cobrir a despesa de dois mil, trezentos e quarenta francos anuais, que tem de pagar no Refúgio.

Gailhac tinha feito da pobreza a “sua moda”. E não se arrepende, apesar de a pagar agora bem cara. Mas é fiel em a seguir até às últimas conseqüências.

Como lhe é possível equilibrar tanta despesa com tão pequena receita, só Deus o sabe. Talvez o saibam seus pais que, possivelmente, lhe forneceriam as refeições diárias. É natural que as pregações nas aldeias das redondezas de Béziers ajudassem, ou os honorários das missas. Certamente também a tolerância das Irmãs do Refúgio de Montpellier.

Nem sempre as suas contas estão em dia. E a superiora é forçada a escrever-lhe:

“A última vez que tive a honra de o ver, prometeu-me ter a bondade de me enviar alguma coisa. Esqueceu-se, sem dúvida, ou então os seus meios não lho permitem”.

Como a fogueira que mais se ateia, quando o vento sopra, assim a fé e confiança do Padre Gailhac vão crescendo à medida que os ventos das dificuldades parecem querer apagá-las.

Ele sabe como as suas protegidas são amadas por Deus e como Cristo se entregou por elas. E confia.

É grande a sua alegria quando alguma decide enveredar por uma vida nova. E podemos verificar que algumas mudavam mesmo de vida.

Um dia, uma delas, chamada Felicité, escreve-lhe:

“Senhor Padre, tomei a resolução de me manter no bom caminho e pode ter a certeza de que não o enganei. A minha decisão está tomada. Prefiro viver na miséria a recair. Não esquecerei nunca os bons conselhos que me deu”. Quando tudo vai bem, quando, com os seus poucos recursos, consegue recuperar algumas raparigas, aparece quem esteja interessado em contrariar o seu zelo desviando-as do bom caminho. E há também quem o calunie, não só por este seu trabalho no hospital, mas por outras atividades apostólicas.

Ele fundara uma Associação do Rosário Vivo, que se destinava a fomentar a oração diária do Rosário e a viver no quotidiano uma vida cristã séria. Senhoras e jovens de Béziers aderiam com entusiasmo à proposta e o seu número ia aumentando.

Algumas pessoas não gostavam da sua capacidade de iniciativa. Levantam-se, então, várias acusações acerca da Associação.

As queixas chegam a Mgr. Fournier. Este, conhecendo bem o Padre Gailhac, não lhes dá crédito e pede-lhe que seja ele próprio a dizer o que se passa.

Desfeitas as acusações, o Padre Gailhac sente-se amplamente compensado pela confiança do seu bispo.

Entretando, a permanência das suas protegidas no Refúgio de Montpellier traz-lhe dificuldades cada vez maiores. Por outro lado, muitas mulheres, saídas do hospital, precisam de assistência contínua para não voltarem à situação anterior. É impossível continuar a mandá-las para Montpellier.

O Padre Gailhac recorda, então, um sonho antigo, concebido quando era ainda muito jovem, em conversa com o Padre Martin. Relembra essas conversas e o entusiasmo com que o Padre Martin lhe falava do desejo de abrir um refúgio em Béziers para jovens prostitutas. “E se conseguisse realizar esse desejo do seu grande amigo”? – pensa ele, agora. Esta ideia assalta-o a cada momento e deixa-o muito feliz. Parece-lhe ver nela a vontade de Deus.

Continuar a Obra de Jesus Cristo – a salvação das pessoas – é a grande e única preocupação do Padre Gailhac. Essa Obra parece-lhe agora bem concretizada na salvação daquelas mulheres. E entrega-se a ela com ardor e coragem.

VII

O Refúgio – “Bom Pastor”

O alvorecer do sonho do Padre Gailhac – fundar em Béziers um Refúgio para jovens caídas na prostituição – deve procurar-se nos anos que precedem a sua ordenação sacerdotal, durante o tempo de Seminário. Muitas vezes se surpreendia então a pensar naquelas conversas antigas com o Padre Martin, sobre a fundação de um Refúgio na cidade.

Agora, conhecendo bem a situação daquelas jovens e a urgência de tal obra, o Padre Gailhac vive ainda mais preocupado. Sente pesar sobre os seus ombros uma grande responsabilidade. Refugia-se na oração, pedindo a Deus que lhe faça conhecer a Sua vontade e procura tranquilizar-se convencido de que Deus o atenderá.

E, de fato, Deus começa a manifestar-se, através das graves dificuldades econômicas, sempre crescentes, que ele encontra em manter as treze protegidas no Refúgio de Montpellier, “Conservá-las lá está a tornar-se insustentável. Retirá-las de lá, sem lhes dar outra oportunidade? Impossível. Que fazer então”?

O sonho antigo do Refúgio em Béziers começa a aparecer-lhe como última e única solução. Não deixa de ser, contudo, um sonho que requer muita criatividade, capacidade de invenção e dinamismo para se tornar realidade. Requer sobretudo muita confiança em que Deus lhe proporcionará os meios necessários para o tornar realidade.

Pouco a pouco, vai-se fazendo luz e o Padre Gailhac sente que Deus o chama a fundar um Refúgio para essas jovens.

Não há alternativa. Mas será ele capaz? A resposta é confiar, sem medos nem hesitações. A experiência de presença e atuação de Deus nas suas iniciativas, no passado, não deverá ser incentivo para agora se lançar confiadamente nesta grande obra? Nesta perspectiva intensifica a sua oração. Procura amadurecer o sonho.

Conversa com padres amigos. Expõe-lhes as suas hesitações. Como amigos, que bem conheciam a capacidade de iniciativa e empreendimento do Padre Gailhac, estimulam-no a andar para a frente e começar a obra. O Padre Gailhac resolve então ir a Montpellier falar com o bispo e apresentar-lhe o seu plano.

Muito mais tarde, em 1881, em carta ao Cardeal Hohenlohe, primeiro cardeal protetor do Instituto do Sagrado Coração de Maria, Gailhac recordará:

“Muito jovem ainda, mesmo antes de ser padre, Deus inspirou-me o desejo de criar uma obra para salvar as mulheres tão expostas no mundo. Ainda jovem sacerdote, enviei-as para Montpellier, pagando com meu próprio dinheiro a pensão que era exigida. Mais tarde, depois de ter conversado longamente com Mgr. Fournier, comprei em Béziers uma casa ampla com pátios grandes e, com a sua aprovação, comecei a obra que corria bem, com os meios que a Providência me fornecia”.

Logo após a conversa com Mgr. Fournier, o Padre Gailhac regressa a Béziers cheio de entusiasmo. O seu olhar de fé antevê já claros sinais de vida nova para aquelas mulheres. Está convencido de que a falta de trabalho e de uma fé esclarecida são a causa de tão grande calamidade. Procurará arranjar-lhes trabalho, embora saiba, por experiência, que é difícil. E espera poder ajudá-las no crescimento da fé.

Mas impõe-se a compra de um edifício. Como? Se não há dinheiro e não é fácil encontrar uma casa que lhe convenha! Gailhac sabe a quem recorrer. Alguém que nunca o desilude. Fecha-se no quarto e fica ali, a sós, sem contar o tempo. Reza e confia. Depois, animado de esperança, começa a percorrer a cidade a ver se descobre alguma casa à venda e capaz de servir aos seus intuítos.

Desce a noite e ele sem encontrar o que procura. Volta para casa. Reza mais e pede em orações. Por vários dias se repetem as suas buscas. E, enquanto olha esta ou aquela casa que parece convir-lhe, pensa imediatamente: “E o dinheiro”? A Providência não o abandonará. Confia. E a resposta não se faz esperar.

Aparece então uma casa grande, semiabandonada e com escritos de venda. Exatamente o que ele precisa. Mas tão arruinada que, além da compra, terá de gastar muito dinheiro em reparações urgentes e muito demoradas.

Vencendo todas as hesitações e dificuldades, compra a casa e manda fazer as obras necessárias. Como ele supunha, a adaptação e reparações levam tempo.

Entretanto, e providencialmente, vai chegando algum dinheiro para pagar aos operários e satisfazer os primeiros juros da compra. E Gailhac observa com alegria o progresso dos trabalhos. Finalmente, as obras ficam concluídas. É uma bela casa e as reparações tornaram-na ainda mais atrativa. Há que pensar na inauguração – convidados e festa.

Gailhac celebra solenemente a Eucaristia, na presença de benfeitores, amigos e protegidos que mandara vir de Montpellier e outras pessoas que lhes juntara. À homilia, o seu coração

expande-se em expressões de entusiasmo e ação de graças. E dá à casa o nome de “Bom Pastor”. As suas ovelhas têm finalmente um aprisco.

Entre as pessoas conhecidas e amigas, nomeia um grupo de senhoras para a direção e administração da Obra. Acompanha a par e passo o início da obra. Sob a sua orientação, aquelas senhoras vão conseguindo criar hábitos de disciplina, sem rigidez, mas com firmeza e bondade.

Pouco tempo depois de nascer o Refúgio “Bom Pastor”, outra obra se impunha, de forma totalmente imprevista. Começa a constar, na cidade, a existência do “Bom Pastor”. “Não poderá ele estender-se também às crianças filhas das prostitutas”? – pensa uma pobre mulher. E, sem mais raciocínios, toma a sua filha nos braços e bate à porta, dizendo:

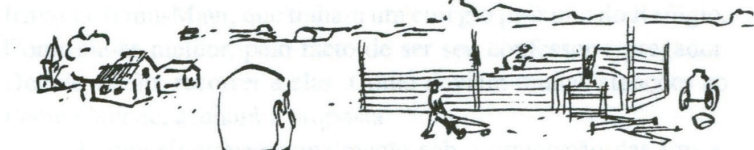
- Sou uma miserável. Não posso pensar que, um dia verei a minha querida filha levar a má vida que eu vivo. Trago-a para a preservarem. Façam dela uma cristã. E pondo-a no chão, à entrada, afasta-se. Assim nasce o Orfanato, que se instala no mesmo edifício do Refúgio.

Bem depressa outras crianças órfãs, ou filhas da prostituição como a pequena fundadora, acorrem a refugiar-se naquela casa. E o “Bom Pastor” passa a incluir duas obras – Refúgio e Orfanato.

Entretanto, morre Mgr Fournier, que dera sempre ao Padre Gailhac grande apoio, simpatia e estima. Sucede-lhe Mgr. Thibault. Dois dias depois da sua entrada na diocese, escreve ao Padre Gailhac, manifestando o apreço em que tem as suas obras e assegurando-lhe a sua colaboração.

Até ao fim do século XIX, a maioria dos que buscavam as águas de São João tinham o costume de por dentro, a calça, em um saco, e usar uma roupa de algodão para proteger a pele e a roupa de qualquer contaminação.

Podem lembrar-se de uma das que costumavam ser usadas por São João, as tradicionais calças de algodão, com o nome de "calça de São João".



As calças de algodão eram usadas para proteger a pele e a roupa de qualquer contaminação.

As calças de algodão eram usadas para proteger a pele e a roupa de qualquer contaminação.

As calças de algodão eram usadas para proteger a pele e a roupa de qualquer contaminação.

As calças de algodão eram usadas para proteger a pele e a roupa de qualquer contaminação.

As calças de algodão eram usadas para proteger a pele e a roupa de qualquer contaminação.

As calças de algodão eram usadas para proteger a pele e a roupa de qualquer contaminação.

As calças de algodão eram usadas para proteger a pele e a roupa de qualquer contaminação.

As calças de algodão eram usadas para proteger a pele e a roupa de qualquer contaminação.

As calças de algodão eram usadas para proteger a pele e a roupa de qualquer contaminação.

As calças de algodão eram usadas para proteger a pele e a roupa de qualquer contaminação.

As calças de algodão eram usadas para proteger a pele e a roupa de qualquer contaminação.

As calças de algodão eram usadas para proteger a pele e a roupa de qualquer contaminação.

As calças de algodão eram usadas para proteger a pele e a roupa de qualquer contaminação.

Não tarda, porém, a levantar-se uma onda de boatos contra o Padre Gailhac. Muitos padres dão-lhes crédito e dizem que ele é ambicioso, imprudente, orgulhoso e demasiado jovem para tal obra.

Tentam mesmo levá-lo a desistir. Até o bispo, que inicialmente lhe dera toda a confiança, parece agora retirar-lha. Para cúmulo, a própria família, ofendida com as críticas que vai ouvindo por toda a cidade, procura que ele abandone o “Bom Pastor”.

É fácil perceber a solidão em que se encontra o Padre Gailhac. Isolado e sem apoios, procura força e coragem em Jesus, Bom Pastor que dá a vida pelas Suas ovelhas. “Deus ainda não lhe pedira a vida”, pensa ele. “Mas pede-lhe que procure regenerar aquelas mulheres, dedicando-se a elas”. É o que ele fará, custe o que custar.

Mgr. Thibault, convencido de que, afastando as senhoras da direção e substituindo-as por Irmãs, acabariam os boatos, insiste com o Padre Gailhac para procurar uma comunidade que dirija a obra.

O Padre Gailhac não sabe a que congregação recorrer. Na diocese, há várias congregações religiosas, entre as quais a das Irmãs de Saint-Maur, que tinham um colégio próximo do Refúgio. Conhecia-as melhor, pelo fato de ser seu confessor e pregador.

Decide, então, recorrer a elas. Como deviam muitas atenções ao Padre Gailhac, aceitam a proposta.

A obra singrava normalmente sob a orientação das Irmãs. Mas passado pouco tempo, por motivos não totalmente

conhecidos, estas Irmãs deixam o Refúgio. E lá fica, de novo, o Padre Gailhac com o problema da direção do “Bom Pastor”.

Depois de muito procurar, sofrer e rezar, recorre à Congregação de Saint-Joseph de Lyon. Mas também estas Irmãs vão permanecer pouco tempo no Refúgio, deixando mais uma vez o Padre Gailhac perante a dura realidade de não ter religiosas para o “Bom Pastor”.

Entretanto, uma senhora assume a direção da casa. Durante vários anos, com grande dedicação e de acordo com o espírito que o Padre Gailhac queria imprimir à obra, é ela que alicerça o “Bom Pastor” até à vinda de outra congregação.

Mgr. Thibault continua a insistir na necessidade de o Padre Gailhac confiar a outras Irmãs a direção da obra. Ou então, fundar ele próprio uma congregação especialmente destinada ao “Bom Pastor”.

Esta última sugestão cai como uma enorme surpresa no espírito do Padre Gailhac. Nem queria acreditar no que os seus ouvidos ouviam. “Fundar ele próprio uma congregação? Ele? Com quem”? E muitas outras interrogações se levantam, umas após outras. Para lhes pôr termo, conclui: “Só se mais tarde a vontade de Deus se vier a manifestar...” Mas a ideia fica latente no seu espírito.

Tão mergulhado nestes pensamentos, o Padre Gailhac nem dá pelo tempo que passa. E, como que acordando de um sonho, volta à realidade: “É preciso encontrar uma terceira congregação...”

Mas, como dispensar os serviços daquela senhora tão dedicada à obra do “Bom Pastor” para procurar outras Irmãs?

Deus vai facilitar ao Padre Gailhac a solução deste problema. A senhora tem de se ausentar para acompanhar a mãe idosa e doente.

Gailhac convida, então, as Irmãs de Marie-Joseph para assumirem a orientação da obra. As Irmãs interessam-se muito e dedicam-lhe o melhor de si mesmas, assegurando a direção do “Bom Pastor”, durante seis anos.

Apesar disso, continuam as queixas contra o funcionamento da Obra. Mgr. Thibault decide então ir ele próprio de surpresa ao “Bom Pastor”, para verificar o que se passa... O Padre Gailhac não está. Mgr. Thibault visita todos os lugares, fala com as Irmãs, com as mulheres e com as órfãos, uma por uma. Satisfeito com o que observa, manda chamar ao hospital o Padre Gailhac, que vem imediatamente, e com alguma ansiedade, como era natural. O bispo tranquiliza-o e felicita-o com palavras de amizade, restituindo-lhe a sua confiança. Para pôr fim à campanha difamatória, nomeia-o cônego honorário.

Não tanto por ele como pelas suas Obras, o Padre Gailhac fica muito feliz com a atitude do seu bispo. No íntimo, nunca fora interrompida a comunhão eclesial com ele nem com a autoridade diocesana.

O Padre Gailhac está satisfeito com o andamento da casa. As pessoas que nela trabalham merecem a sua confiança. Entre elas destacam-se Rose Jeantet e Cécile Cambon, que se oferecem a todos os sacrifícios pelo bem das mulheres e crianças. Pela manhã, lá vão elas, pelas ruas da cidade e aldeias dos arredores, fazer o peditório. Levam consigo um burrinho para carregar os alimentos e toda a espécie de mercadorias, que amigos e

simpatizantes lhes vão dando. E só voltam à tardinha, quando o sol doura já com os seus raios amortecidos campos e casas por onde passam. Sentem-se cansadas, mas felizes por poderem, deste modo, aliviar um pouco as dificuldades econômicas do “Bom Pastor”.

De fato, estas dificuldades são preocupação constante para o Padre Gailhac. O seu modesto ordenado como capelão do hospital e a remuneração pelos ministérios são a única receita permanente. Os contributos da maior parte dos seus amigos e benfeitores nem sempre são certos. O Conselho Municipal começara a dar um pequeno subsídio, mas este, tal como outros contributos, também não era certo.

Apesar de tudo, sente que Deus quer esta obra porque continua a protegê-la, nunca lhe deixando faltar o essencial e, por vezes, de modo inesperado e admirável. Por isso, confia totalmente em Deus. E tão longe leva agora a sua confiança que decide comprar mais terreno e ampliar as instalações, bem exíguas para o número sempre crescente de protegidas.

Loucura ou sabedoria? Gailhac acredita que “a loucura de Deus é mais sábia do que a sabedoria dos homens”. Entretanto, o seu amigo Eugène Cure regressa a Béziers. Eugène Cure e Gailhac haviam terminado juntos os estudos secundários, ingressando um na Universidade e outro no Seminário.

Eugène formara-se em advocacia e casara com Appollonie Pelissier. Regressa agora como advogado. Em breve se torna conhecido em Béziers, inspirando confiança aos clientes.

O Padre Gailhac alegra-se com o regresso de Eugène. Encontram-se de novo como bons amigos. Recordam os anos

de estudos superiores que os distanciaram. Neste desenrolar de recordações, não podia faltar a última conversa daquela manhã junto do Rio Orb, em que ambos confidenciaram entre si os respectivos projetos de futuro.

Entre o Padre Gailhac e Eugène Cure reata-se a velha amizade, que se estende também à Senhora Cure. O Padre Gailhac é visita assídua e conselheiro espiritual do casal. Longas conversas entre os três, nas frequentes idas de Gailhac a casa deles, aprofundam aquela amizade e põem os Cure a par das suas grandes preocupações com o Refúgio ou “Bom Pastor”. Não admira que eles estejam na primeira linha dos amigos e benfeitores. Sem filhos e dispondo de uma fortuna, contribuem com quantias avultadas para a ampliação das instalações e para os melhoramentos da obra que, para eles, era resposta a uma necessidade urgente em Béziers.

Conhecem bem o Refúgio para não se aperceberem de que a capela é pequena para tanta gente. Resolvem então fazer uma surpresa ao amigo. Contratam um arquiteto para lhe fazer o projeto de uma capela redonda, como Gailhac gostava. Concluído o projeto, apresentam-no ao Padre Gailhac, que não pode conter a sua admiração e contentamento. E põem à sua disposição os materiais necessários para a construção dessa capela do “Bom Pastor” – La Rotonde.

Era a resposta de Deus à sua confiança sem limites. O antigo sonho de Gailhac está agora no seu apogeu, no que diz respeito à parte material. Tem instalações convenientes. Tem capela.

Gailhac pensa com gratidão nestas e outras graças com que Deus o acompanhou sempre, através de caminhos obscuros e tortuosos, por vezes!

Quantos pesadelos caminharam com o seu sonho desde jovem capelão – tinha ele vinte e oito anos – até agora, aos seus quarenta e poucos anos!

Presentemente, preocupa-o a contingência das várias soluções encontradas para a direção do “Bom Pastor”.

Interroga-se acerca dos planos de Deus a seu respeito: “Fundar uma congregação religiosa, como Mgr. Thibault lhe sugeria, há tempos? Mas como”? E continuam as interrogações...

Intensifica a sua oração. Até ali, Deus tinha-se manifestado sempre nas suas grandes incertezas e dificuldades. Não ia abandoná-lo agora. Ele, Gailhac, é que tem de se abandonar a Deus.

Ser um padre “bom e santo” é o compromisso dos seus dezoito anos. Nele cabem todos os desafios. Não caberá também este novo desafio, por impossível que lhe pareça? Ele sabe que a Deus nada é impossível.

VIII

Da morte à vida

Dois de Novembro de 1848. Noite fria e invernososa. O dia fora de intenso trabalho para o Padre Gailhac. Eucaristia em Saint-Aphrodise, confissões e orientação espiritual, atendimento a doentes, serviços burocráticos, assuntos a tratar em várias repartições públicas da cidade... um vaivém contínuo. Todavia, nada o impede de comunicar com Deus a quem, momento a momento, entrega os seus trabalhos.

Nesse dia, tinha ido jantar com os Cure. De regresso, dá uma volta pelos doentes, entra no quarto. Já é noite alta. No preciso momento quem se preparava para fazer a oração da noite, Gailhac começa a ouvir ao longe o trotar de um cavalo e o tinido das rodas de um coche. Os ruídos tornam-se cada vez mais nítidos, mais próximos, acabando por parar em frente da casa. Suspende a respiração por uns momentos. Alguém toca à porta, com uma certa impaciência. Vai ver quem é.

- Que se passa? – pergunta, ansioso, o Padre Gailhac, que reconhece o cocheiro do casal Cure. A sua preocupação cresce. “Alguma coisa muito urgente aconteceu”, pensa ele, pois havia poucas horas se separara do casal.

- É que ... – responde o cocheiro com voz tremula – o Senhor Doutor está a sentir-se muito mal, muito mal, e a Senhora mandou-me buscar o Senhor Padre. Venha depressa, que é muito urgente.

- Vou imediatamente.

Gailhac arranja-se, pega nos Santos Óleos e salta para o

coche. Com o cavalo a toda a velocidade, depressa percorrem as ruas que levam à Avenida Paul Riquet, onde vivem os Cure.

O Padre Gailhac chega. Administra a Santa Unção ao seu amigo, que fora vítima de uma congestão cerebral. Em poucos minutos, o Dr. Cure expira serenamente, nos braços de Appollonie.

Impossível descrever a angústia que transparece no rosto lívido da viúva, ainda há pouco tão feliz na companhia do seu querido Eugène. Dezessete anos de felicidade conjugal, reduzidos a uma dor sem limites.

- Padre Gailhac – diz Appollonie, lavada em lágrimas – que vou fazer agora? O meu querido Eugène era tudo para mim. Impossível viver sem ele.

Gailhac a custo encontra palavras para a consolar.

- Compreendo a sua dor. Mas tenha fé e coragem. O seu marido é agora, mais do que nunca, o seu intercessor junto de Deus. Ele era um homem justo, íntegro e de muita fé. A sua intervenção é muito forte em favor da sua querida esposa. Acredite que ele estará sempre consigo. Sempre presente à sua vida.

Nem um nem outro tem mais palavras para dizer. Segue-se um silêncio feito de angústia, esforço de aceitação e fé. A morte do Dr. Cure é também uma dura prova para Gailhac. Acaba de perder um amigo, um confidente e um benfeitor.

Habituará-se a partilhar com o casal as preocupações relativas às suas Obras. E, em troca, receberá sempre compreensão, apoio e grandes ajudas materiais. Confidenciá-lhes até a sua última e grande intenção, sugerida por Mgr. Thibault – fundar uma congregação religiosa, especialmente

dedicada ao Refúgio do “Bom Pastor”. E não lhes ocultara as perplexidades que o acompanhavam.

Gailhac repete para si mesmo as palavras dirigidas à viúva. Também para ele, a presença do amigo continuará a ser uma realidade. O auxílio à sua Obra do “Bom Pastor” também há de continuar. Do modo que só Deus sabe, é certo. Mas não tem dúvida de que continuará.

A sugestão dada por Mgr. Thibault, de fundar uma congregação para a sua obra, vem com muita frequência ao espírito do Padre Gailhac, na oração sobretudo e vai-se tornando, progressivamente, sinal da vontade de Deus.

Gailhac vai até descobrindo, em algumas pessoas das suas relações, capacidade para integrar e dar vida ao novo projeto tão inesperado como surpreendente.

Rose Jeantet e Cécile Cambon, empregadas no “Bom Pastor”, desejam consagrar a Deus as suas vidas nesta Obra. A ela se haviam dedicado, em serviço humilde e difícil, que muito contribuirá já para o seu desenvolvimento. Não admira que queiram levar até ao fim o dom de si mesmas, através do “Bom Pastor”, em consagração a Deus.

Outra jovem, Marie Roques, que o Padre Gailhac acompanha espiritualmente, quer ser religiosa. Entretanto adocece e é internada no hospital, de onde sai, passado algum tempo. O médico recomenda-lhe os ares da terra natal, durante a convalescença. Há quem receie que ela desvie do seu ideal e aconselhe a que permaneça em Béziers. Não é, todavia, a opinião do Padre Gailhac: “Nada há de temer. Eu conheço-a”.

E não se engana. Marie Roques vai ser um dos membros da comunidade fundadora.

Eulálie Vidal e Rosalie Gibbal são duas jovens orientadas pelo Padre Gailhac, e a quem ele já falou do seu projeto. Também elas desejam entregar-se a Deus pela consagração religiosa, na congregação que ele vai fundar. Assim, põe-nas em contato uma com a outra. Ambas se encontram com frequência e se fortalecem no seu desejo comum.

São, portanto, cinco pessoas com quem ele pode contar e pelas quais não se cansa de dar graças a Deus. Mas ainda lhe falta uma, para completar e dar solidez a este primeiro núcleo.

No meio da sua profunda dor, Appollonie não se deixa vencer pela tristeza. Sente que Eugène está sempre presente e até lhe parece que ele a impulsiona a dar a vida que lhe resta às jovens e crianças do “Bom Pastor” e a consagrar-se a Deus. Acreditara sempre nos resultados maravilhosos desta Obra, tão acarinhada pelo seu marido. E agora deseja mesmo dedicar-se a ela. Ocupar nela a sua vida.

Depois de muito rezar, Appollonie vai ter com o Padre Gailhac. Começa, sem hesitações e sem preâmbulos:

- Padre Gailhac, o que hoje me traz aqui é um grande desejo de ser fiel à vontade de Deus. Na verdade, tudo parece indicar-me que me consagre a Ele na sua Obra.

Atônito, o Padre Gailhac nem a deixa continuar:

- Mas, Senhora Cure, estamos ainda muito perto da morte do seu marido para tomar uma decisão tão radical...

Appollonie interrompe:

- Eu sei. Mas gostaria de continuar, por assim dizer, a dedicação com que o meu marido sempre privilegiou o “Bom Pastor”. E isso dá-me muita paz.

- Mas não será esse desejo uma fuga à sua dor? – pergunta Gailhac.

- Não costuma o Padre Gailhac dizer – atalha a Senhora Cure – que a fé cresce nas dificuldades? Ouvi-o afirmar isto tantas vezes!...Penso que Eugène me vem alcançando de Deus esta graça e alcançará muitas outras.

- É verdade – concorda o Padre Gailhac. – Mas nunca foi meu princípio deixar-me arrastar por soluções fáceis, quando se trata de obras de Deus. Há o perigo de querer dedicar-se à obra, só porque o Dr. Cure a estimava e apreciava.

- Não! – responde a Senhora Cure, com energia – Sinto que há forte apelo e imperativo de Deus neste desejo de continuar a doação de meu marido ao “Bom Pastor”.

Nem assim se dá por vencido o Padre Gailhac. E insiste:

- É necessário deixar passar mais tempo da morte de seu marido, para poder decidir com lucidez e clareza. Sobretudo, continue a rezar muito para que a vontade de Deus se manifeste também a mim.

- Padre Gailhac, considere o meu pedido e atenda-o, que não se arrependerá – conclui a Senhora Cure.

E despedindo-se, retira-se.

Appollonie persiste na sua determinação. As razões de fé que continua a evocar vão mostrando ao Padre Gailhac que é essa a vontade de Deus.

O Padre Gailhac consulta, então, Mgr. Thibault para o informar e pedir o seu conselho. Persuadido de que se trata de

um verdadeiro chamamento de Deus, o bispo não tem dificuldade em aprovar a decisão da Senhora Cure.

Só então Gailhac aceita, como verdadeira, a vocação de Appollonie. Começam, desde logo, os preparativos para a fundação, entre ações de graças e louvores a Deus, que misteriosamente encaminhara os acontecimentos. Mgr. Thibault fixa a entrada da Senhora Cure e suas companheiras para o dia 24 de Fevereiro de 1849. O “Bom Pastor” será o berço da nova congregação.

Acontece que as Irmãs de Marie-Joseph, que dirigiam o Refúgio, só o deixam a 23 de Fevereiro, véspera do dia marcado para a fundação do Instituto e tomada de posse da obra do “Bom Pastor”.

As mulheres e órfãs gostavam daquelas Irmãs e não ficaram contentes ao vê-las sair. Começam então a exaltar-se e enfurecer-se. Nem o Padre Gailhac nem outros sacerdotes presentes conseguem serenar os ânimos. As mais velhas incitam as mais novas e todas gritam:

- Queremos as nossas antigas mestras.

Para mais depressa pôr termo à agitação, Gailhac pede auxílio particular a um policial amigo, que facilmente restabelece a calma.

Assim, o Padre Gailhac não pode ausentar-se para se encontrar com Appollonie Cure, como tinha combinado, a fim de ultimar os preparativos. Escreve-lhe então: “Deus está conosco. Portanto, um pouco de cruz. As coisas hão de compor-se. Não posso ir aí, esta noite. Vê-la-ei amanhã e espero que seja o dia da sua entrada. Deus e Maria dar-lhe-ão a coragem necessária. Seremos apoiados por Deus”.

Chega finalmente o dia 24 de Fevereiro. Eulalie Vidal e Rosálie Gibbal encontram-se na casa de Appollonie Cure.

Comovidas, partilham entre si os sentimentos que as dominam. Quantas graças de Deus, ao longo do caminho que as conduziu até este momento!

A Senhora Cure lança um olhar de despedida a tudo aquilo que deixa atrás de si. Leva consigo apenas o que de material lhe é estritamente necessário. Leva a saudade do seu querido Eugène...e o desejo de aderir à vontade de Deus, em todas as circunstâncias, favoráveis ou adversas. As três entram no coche. Depois de indicar ao cocheiro o local a que se dirigem, a Senhora Cure diz resolutamente “vamos”!

Na torre da Catedral de Saint-Nazaire, marca quatro horas da tarde. No “Bom Pastor”, espera-se com grande ansiedade o Padre Gailhac, com Cécile Cambon, Rose Jeantet e Marie Roques, que chegara da sua terra.

Depois dos cumprimentos de boas vindas, que a situação melindrosa do Refúgio não deixa que sejam efusivos, dirigem-se ao interior da casa, passando pela capela, para uma visita rápida ao Santíssimo. Não têm tempo para dar largas aos seus sentimentos de louvor e ação de graças, porque as jovens e as crianças estão reunidas para as receber, numa sala contígua.

A recepção, porém, está longe de ser calorosa. Ao contrário, é fria e hostil. As mais velhas, sobretudo, manifestam nos rostos sombrios e carregados a contrariedade que sentem com a chegada das novas mestras. Não as vence a amabilidade com que estas procuram acarinhá-las e cativá-las.

Mas paciência. A alegria que sentem, ao verem-se finalmente reunidas, ultrapassa todas as dificuldades. E faz

crescer nelas a esperança de que Deus as ajudará a conquistar aqueles ânimos rebeldes.

Segue-se uma pequena cerimônia, presidida pelo Padre Gailhac, em representação de Mgr. Thibault.

Cheio de emoção, o Padre Gailhac realça o significado daquele momento tão importante, que é nada menos do que o lançamento dos alicerces do Instituto do Sagrado Coração de Maria, do qual elas são as pedras basilares. Entrega-lhes a direção e administração do “Bom Pastor”. Confidencia-lhes que a cruz, que tem acompanhado sempre as suas Obras, não podia faltar agora, a confirmá-las de que também esta Obra é realmente de Deus.

Gailhac tem diante de si, como fundamento das suas esperanças, os seis primeiros membros do novo Instituto. O seu próprio projeto será, no futuro, redimensionado pelas Irmãs, cada uma com os talentos que lhe são próprios.

A sua visão de fé, agora partilhada com elas, irá sempre crescendo e abrindo caminho à realização do plano de Deus sobre ele e sobre o Instituto nascente.

IX

Novos desafios

Fortes emoções haviam marcado aquele dia 24 de Fevereiro. À noite, Gailhac sente necessidade de se recolher em oração. Vai à capela e ali fica, sem contar o tempo, a agradecer a Deus as colaboradoras que lhe dera, como primícias do Instituto que acabava de nascer.

Voltam-lhe à memória os momentos já distantes em que encontrara cada uma pela primeira vez, sem suspeitar então que elas estariam com ele, agora, nesta grande aventura de fé.

Conhece-as bem. Pensa com carinho nos dons de cada uma, na maturidade das suas decisões em resposta ao chamamento de Deus. E confia que serão capazes de orientar as obras do Refúgio e Orfanato.

Recorda a morte de seu amigo Eugène. Desígnios insondáveis de Deus! Ela viera, tão inesperadamente, dar o impulso final ao Instituto! Tantas recordações, quantas graças a dar a Deus! Gailhac está cansado, mas feliz!

No dia seguinte, faz a primeira reunião com elas. A encher de luz a pequena sala onde se encontram, o sol entra pela janela, dando a impressão de radiosa Primavera. Sendo este fenômeno tão pouco comum em Fevereiro, torna-se símbolo da alegria que transparece em todos os rostos e aquece os corações.

Depois de uma breve oração de louvor a Deus, o Padre Gailhac traça-lhes o quadro geral do seguimento de Jesus Cristo,

que a vida religiosa supõe, e da entrega generosa à missão que as espera. Missão difícil, é certo, mas que lhes trará também grandes alegrias. Com a sua pedagogia própria vai-as esclarecendo sobre os princípios da vida religiosa presente na caridade e no amor mútuo.

Sobretudo procura incutir-lhes ânimo e generosidade e uma confiança sem limites no amor de Jesus Cristo a quem acabam de entregar as suas vidas.

Fala-lhes da mudança de nome, nessa época entendida como sinal de que tudo deve ser novo na vida nova que vão abraçar. Assim, Appollonie recebe o nome de Saint-Jean Évangéliste. Eulálie, o de Sainte-Croix. Rosálie, o de Saint-Stanislas. Rose, o de Saint-Modeste. Cécile, o de Saint-Aphrodise. Marie, o de Sainte-Agnès.

Mas faz recair o acento principal na transformação interior e na docilidade ao Espírito Santo. Indica também a cada uma o serviço a prestar no Refúgio, no Orfanato e na Comunidade. Nos primeiros dias, o Padre Gailhac observa atentamente a maneira como as Irmãs desempenham os seus trabalhos e vê com satisfação que cada uma emprega todos os esforços por agir o melhor que pode.

Ajuda-as a resolver as dificuldades que vão surgindo no dia a dia, sobretudo no Refúgio, onde a situação, longe de melhorar, é cada vez mais difícil. Aconselha-as a unir a firmeza à bondade e a procurar ajudar aquelas jovens pela amizade e compreensão, a fim de que elas acabem por aceitar uma vida melhor. Mas sabe por experiência quanta abnegação isso requer.

Acima de tudo, porém, a sua grande preocupação é formar a Madre Saint-Jean. Ela é a primeira superiora geral do Instituto.

É ela que, por sua vez, deverá guiar os primeiros passos das Irmãs na vida religiosa. Por isso, Gailhac entrega-se de alma e coração a este trabalho, lento mas compensador.

Procura ter em conta os fatores psicológicos que condicionam a situação atual da Madre Saint-Jean: A sua idade – quarenta anos; a perda do marido “Deus levou-me aquele que fazia toda a minha felicidade...”; a transição brusca de um lar feliz e de um lugar de destaque no meio aristocrático de Béziers, para uma situação difícil e totalmente oposta às regalias anteriores; a responsabilidade na orientação das outras Irmãs; a administração e direção do Instituto.

O Padre Gailhac conhece bem a caridade generosa e a fé profunda que sempre animaram a vida cristã de Appollonie. São alicerces seguros que não vacilarão. Admira nela agora a vontade decidida com que abraça uma vida radicalmente nova de serviço e dedicação. Conhece também as outras Irmãs, as suas qualidades e aptidões. E diante dele começa a levantar-se já, em esperança, o corpo para a missão que será, no futuro, o Instituto nascente. Ele sonha-o bem fundado na unidade e bem temperado pelos diferentes dons de cada uma.

Simultaneamente ele vai sentido que não tem tempo nem forças físicas para se dedicar, com serenidade, às suas múltiplas ocupações: formação das Irmãs – a primeira de entre todas – Refúgio, Orfanato, capelania do hospital e outros ministérios da cidade.

Começa então a admitir a hipótese de deixar o hospital, por muito que isso lhe custe. É um ministério que lhe ocupa muito tempo. E depois de muita oração, pede a demissão da capelania, a 3 de junho de 1849.

Passa então a residir na casa dos pais que, de acordo com os irmãos, lhe cedem o último andar. Pode, assim, ocupar-se totalmente da comunidade de obras, que bem precisam da sua atenção, até porque há sinais de que a comunidade irá crescendo gradualmente. Na verdade, em breve se lhe juntam mais dois elementos: Jeanne Froment, em religião Saint-Cyprien e Marie Maymard, Saint-Félix.

É o mês de Outubro de 1849. O grupo total, isto é, as oito, começa intensamente a sua preparação para a vida religiosa. Mgr. Thibault nomeia o Padre Gailhac para as orientar na fase que precede a Tomada de Hábito.

É um grande desafio para elas. E não o é menos para Gailhac. Sobre ele pesa a responsabilidade de lhes inculcar o verdadeiro sentido da consagração. É isso que não tem cessado de fazer desde a chegada do primeiro grupo, em Fevereiro. Procura ainda alicerçá-las na fé e no zelo. Levá-las a ver Deus em tudo e em todas as pessoas, a andar na presença de Deus, a não querer senão a Sua vontade.

Uma das grandes preocupações é formá-las na consciência de que são as continuadoras da missão de Jesus Cristo e suas colaboradoras na Obra da Redenção. Como Jesus Cristo, elas devem fazer bem a todos, mas sobretudo aos mais carenciados. E ainda como Jesus Cristo, que veio para que todos tenham vida, elas devem levar a todos a verdadeira vida.

Convida-as a contemplar Maria, perfeita imagem de Jesus, a imitar todas as suas virtudes e a confiar-se ao seu coração de Mãe. Incentiva-as a ser, como ela, fiéis ao Espírito Santo.

Por etapas, vai iniciando-as nos caminhos de Deus. Para isso, orienta-as na oração pessoal e comunitária. Celebra-lhes a Eucaristia. Faz-lhes conferências semanais. Prega-lhes o retiro. Acompanha-as individualmente na vida espiritual, porque considera muito importante o acompanhamento pessoal. Sabe que cada uma reage à sua maneira e, segundo os próprios dons, à proposta comum. E fazem-no com tanta generosidade que o Padre Gailhac se sente maravilhado com a ação de Deus.

Os seis meses de preparação passam rapidamente. O bispo marca com antecedência a Tomada de Hábito para o dia 13 de Abril de 1850, vigília da festa do Bom Pastor. Nessa mesma época, pede ao Padre Gailhac que escreva as Constituições.

Escrever as Constituições é trabalho que agora vai absorver o Padre Gailhac. Ele tem consciência de que elas devem ser letra viva, a dar vida ao Instituto, no espírito que as deve formar. E não perde tempo nem oportunidade para colher dados, orientações e informações, junto de outros institutos religiosos com experiência.

Nas Constituições, o Padre Gailhac acentua fortemente o espírito de fé e zelo, como espírito do Instituto, e a glória de Deus, como fim. Insiste na ideia de universalidade da missão de Jesus Cristo, que veio para que todos tenham vida.

A 4 de Abril de 1850, o bispo aprova as Constituições. Faltam apenas nove dias para a cerimônia da Tomada de Hábito. Mgr. Thibault promete estar presente. As Irmãs, apreciando embora o apoio que isso seria para a comunidade, têm pena de não receber o hábito diretamente das mãos do Padre Gailhac. E Deus faz-lhes a vontade. À última hora Mgr. Thibault comunica

que não pode estar presente, por motivos imprevistos.

Grande alegria para todas, que assim veem satisfeito o seu desejo! O Padre Gailhac preside então à cerimônia. Comovido, entra na capela com paramentos solenes. À volta do altar, estão as oito Irmãs, já revestidas com os seus hábitos.

A capela, bem iluminada e adornada com flores, convida à festa e à alegria. Mas a festa principal passa-se no coração do Padre Gailhac e no íntimo de cada uma. A custo reprimem as lágrimas. Elas sabem – o Padre Gailhac repetira-lho muitas vezes – que, (no contexto da Vida Religiosa dessa época), a mudança de vestuário significa a entrada numa vida nova de fê, amor e serviço.

Entretanto, a família de Eugène Cure levanta calúnias e faz correr boatos insultuosos, difamando a Madre Saint-Jean e o Padre Gailhac. É que, com enorme descontentamento, via empregar, nas obras do “Bom Pastor”, todo o dinheiro e propriedades que ela possuía. Ambos sofrem muito, mas apóiam-se mutuamente. A Madre Saint-Jean escreve ao Padre Gailhac:

“Deus concede-lhe alegrias que o ajudam a suportar a grande calúnia que, há alguns dias, parece levantar-se encarniçadamente, de uma forma atroz e espantosa. Coragem!... As grandes provações são para me consolidar e prender ainda mais ao “Bom Pastor”, do qual só a morte poderá separar-me”.

Pela experiência que o Padre Gailhac tem no acompanhamento espiritual da Madre-Saint-Jean, confia firmemente que assim será, com a graça de Deus. Entre alegrias e esperanças, por um lado, calúnias e acusações por outro, a Obra do “Bom Pastor” avança por caminhos de fidelidade, para a glória de Deus.

dois dias seguintes à realização da Jornada de Iniciação.

A penitência que envolve a saída do "Som Basso" envolve a entrega e a reconciliação. É o momento em que se firmam os laços de união de cada um com os outros e uma, em seguida, reconciliação com a oração as palavras dadas entre que o Padre também se prepara a sua comunhão e o momento de encerrar a jornada com uma oração a Deus e ao Espírito Santo.

É importante lembrar que a saída do "Som Basso" é um momento de reconciliação e não de separação. É um momento de reconciliação e não de separação. É um momento de reconciliação e não de separação.

É importante lembrar que a saída do "Som Basso" é um momento de reconciliação e não de separação. É um momento de reconciliação e não de separação. É um momento de reconciliação e não de separação.

Como não pode se passar no Retúgio onde as dificuldades não podem ser evitadas. A saída de algumas raparigas transmite-se às outras, tornando o ambiente difícil. O Padre Galvão reagiu ao ponto e imediatamente esta situação. E depois de conversar com a Mãe São Cipriano, decide convidar algumas das raparigas para ir ao Retúgio. Mesmo assim, não conseguiu o



X

Visão de Fé

Era o dia seguinte à cerimônia da Tomada de Hábito. A penumbra que envolvia a capela do “Bom Pastor” convidava à reflexão e ao recolhimento. Ao ouvirem o sinal para o fim da oração, as Irmãs deixam a capela, uma a uma, em silêncio. Recordam em seu coração as palavras fortes com que o Padre Gailhac exprimia a sua convicção de que a mudança de vestuário significa uma vida nova de fé e serviço. Penetradas deste espírito, retomam as atividades, com coragem e energia.

A Madre Saint-Cyprien e a Madre Saint-Félix, responsáveis respectivamente pelo Refúgio e pelo Orfanato, não têm missão fácil. Mas seu fervor não arrefece perante as dificuldades que se fazem sentir.

Com o passar do tempo, a vida no Orfanato começa a inspirar confiança. Lentamente, as crianças vão correspondendo à solicitude da Madre Saint-Félix e ao carinho do Padre Gailhac, que as ama verdadeiramente, as ajuda por vezes na oração e até as anima nas suas brincadeiras. Assim, à medida que se sentem felizes, elas vão-se tornando dóceis e acabam por gostar de viver no Orfanato.

O mesmo não se passa no Refúgio onde as dificuldades não param de aumentar. A má vontade de algumas mulheres transmite-se às outras, tornando o ambiente difícil. O Padre Gailhac segue de perto e atentamente esta situação. E depois de conversar com a Madre Saint-Cyprien, decide convidar algumas das mais indisciplinadas a sair do Refúgio. Mesmo assim, não consegue o mínimo de disciplina capaz de permitir a formação indispensável àquelas mulheres. Que fazer então?

O Padre Gailhac continua a acreditar nos sinais de Deus, expressos nos acontecimentos. Na oração e diálogo com Deus vai descobrindo, cada vez com maior clareza, que os talentos das Irmãs não se ajustam à condição daquelas jovens vindas da prostituição. Interroga-se então sobre os planos de Deus para o Instituto. Em diálogo com as Irmãs reflete sobre as dificuldades que elas não conseguem superar. Os dons que nelas reconhece vão-no ajudando a abrir caminhos para uma solução inesperada e dolorosa para ele. E, passado algum tempo, admite a hipótese de, em vez de mulheres vindas da prostituição, acolherem adolescentes ainda não iniciadas nessa vida, mas em risco de seguir por ela.

Não é fácil para o Padre Gailhac tomar esta decisão, apesar de bem amadurecida junto de Deus. Ele tinha lutado e sofrido tanto pelo estabelecimento do Refúgio em Béziers! Porém a sua visão de fé vai mais longe.

Das jovens perdidas se ocupara desde os seu primeiros tempos no hospital. Agora, Deus mostra que o caminho é outro.

Se tinha fundado o Refúgio em Béziers, é porque percebera que a vontade de Deus passava por aí. Se agora o extingue, é porque essa vontade se manifesta claramente de outro modo. É seu princípio entregar tudo e entregar-se a si mesmo, ao menor sinal de Deus.

É assim que nasce a Preservação. Das mulheres do Refúgio, umas regressam às suas casas, outras vão para o Refúgio em Montpellier, onde o Padre Gailhac lhes arranja lugar, assumindo ele próprio todas as despesas. Há ainda as que desejam consagrar-se a Deus no “Bom Pastor”. Para estas, funda uma Ordem Terceira – as Irmãs da Virgem.

Desta vez, trata-se de servir também as classes sociais influentes, sem perder de vista a classe marginalizada que, na sua perspectiva, aquelas devem ajudar.

A França tinha então uma rede escolar deficiente. A publicação de certas leis relativas ao ensino, facilita à Igreja a abertura de escolas. A Igreja, por sua vez, faz apelo às congregações religiosas para que adiram à concessão do Estado.

O Padre Gailhac, vendo nesse apelo um caminho para dar resposta às necessidades da Igreja e do bem comum, procura discernir na oração qual será a vontade de Deus, nesta circunstância. Reune a comunidade e expõe-lhe o que se passa. Depois de pesarem os prós e os contras, chegam à conclusão de que o Instituto deve abrir mais esta Obra, que oferece duas vantagens: educar, nos princípios cristãos, as famílias abastadas e conseguir fundos para ajudar as obras gratuitas da comunidade.

Assim se funda o primeiro Internato do Instituto. O Padre Gailhac e a Madre Saint-Jean nomeiam a Madre Sainte-Croix, como diretora oficial. Esta tivera, antes de entrar para a vida religiosas, grande experiência pedagógica na direção de dois pequenos internatos.

O Internato do Sagrado Coração de Maria progride, impulsionado pela exuberante personalidade da Madre Sainte-Croix e pela sua longa experiência de educadora. A bondade e a firmeza que a caracterizam impõem-se às alunas e marcam as suas vidas.

Pode dizer-se que a Madre Sainte-Croix traçou uma linha de orientação a nível educacional e que essa orientação se tem manifestado através dos tempos, no Instituto.

O Padre Gailhac, capelão do Internato nos primeiros anos, e enquanto as suas múltiplas atividades lho permitem, vai ter com as alunas, de vez em quando, orienta retiros e faz-lhes conferências.

No dia passado no campo, uma vez por ano, o Padre Gailhac celebra-lhes a Eucaristia logo de manhã cedo e parte com elas e com algumas Irmãs. Participa nos jogos e anima-as com a seu dinamismo. Sente-se bem no meio daquelas crianças e jovens alegres e barulhentas. À noite, regressam cansadas mas felizes e não se deitam sem o Padre Gailhac lhes orientar uma curta oração, para darem graças a Deus pelo maravilhoso dia. Em pouco tempo, o Internato torna-se muito conceituado na cidade.

Sempre atento aos que mais precisam, Gailhac multiplica-se em iniciativas para alívio dos que sofrem, agora sobretudo através da comunidade. É assim que a Irmã Agnès funda o Dispensário para atender os doentes pobres da cidade. Depressa se espalha a notícia da abertura do Dispensário e a fama da Irmã Agnès, tão carinhosa e competente. Muitas pessoas usufruem de seus cuidados gratuitos e não se cansam de lhe agradecer o carinho com que as acolhe e o bem que lhes faz, curando ou aliviando as suas doenças. Até as Autoridades civis veem com simpatia e apreciam este serviço prestado pela comunidade do Sagrado Coração de Maria.

O Padre Gailhac aparece de tempos a tempos no Dispensário. Todos gostam de o ver. Fala com as pessoas e interessa-se pelos seus problemas. Estimula a Irmã Agnès, elogiando o seu serviço e o carinho com que trata os doentes.

Entretanto um ano é passado sobre a Tomada de Hábito. Mgr Thibault marca a dia 4 de Agosto de 1861 – Festa do Bom Pastor – para a Profissão Religiosa, a que ele próprio presidirá.

O bispo estava a par das calúnias injustamente levantadas contra o Padre Gailhac e a Madre Saint-Jean. Através de um jornal, informa aos habitantes de Béziers da sua presença no “Bom Pastor”, para a Profissão Religiosa, querendo assim mostrar publicamente que estava ao lado do Padre Gailhac e da Madre Saint-Jean. Na véspera, fala com cada irmã e fica contente com as disposições que nelas vai descobrindo.

Finalmente, amanhece o grande dia. Tudo na capela convida à festa – a entrega a Deus das vidas das primeiras Irmãs do Instituto. Com o coração cheio de alegria, e na presença de Mgr. Thibault, cada uma fez votos de castidade, pobreza e obediência.

As obras fundadas pelo Padre Gailhac, sobretudo o Instituto, fazem-nos sentir a necessidade de religiosos que os possam assistir espiritualmente. Para dar resposta a esta necessidade, funda os Padres do Bom Pastor. Indica-lhes o fim da Congregação – “Glorificar o Pai Celeste e salvar as pessoas, por ser esta a finalidade de toda a vida de Jesus Cristo, Bom Pastor”. O “espírito de Jesus Cristo” deverá ser o seu espírito. O seu zelo há-de ser “esclarecido, prudente e sem limites”.

Compra um terreno para a construção da sua residência. Alguns anos depois, decide mandar construir uma grande capela, destinada sobretudo a reunir os jovens adolescentes das classes pobres da cidade, para continuar com eles o Catecismo da Perseverança, além de outras obras de caridade. A inauguração solene desta capela realiza-se a 18 de Abril de 1863, vigília da Festa do Bom Pastor. Preside à celebração o bispo da diocese.

A Congregação dos Padres do Bom Pastor deve ainda dirigir um Orfanato para rapazes – Colônia Agrícola – fundada

pelo Padre Gailhac, no domínio de Bayssan-Le-Haut, perto de Béziers, e comprado expressamente com esse fim. A Colônia destina-se a rapazes órfãos de pai e mãe, que ali ficam até aos vinte e um anos ou até à incorporação militar. Recebem preparação escolar ao nível da instrução primária e são orientados profissionalmente para a agricultura. Ao lado desta preparação, tem lugar de destaque a educação religiosa, que visa fazer deles bons cristãos.

O bispo, conhecendo bem o Padre Gailhac e a natureza da Congregação, entrega-lhe a responsabilidade da criação de uma nova paróquia, no bairro da Ponte, onde existem graves problemas sociais. Trata-se da freguesia de Saint-Judes, cujos habitantes faziam parte de duas paróquias antigas e muito vastas. Com uma Igreja e presbitério improvisados, os Padres do Bom Pastor conseguem, no espaço de quinze meses, formar uma comunidade cristã organizada e florescente. Além destes ministérios, os Padres do Bom Pastor devem ajudar, em Béziers, os párocos doentes ou impossibilitados de exercer o seu dever pastoral.

No seu início, esta Congregação é para o Padre Gailhac fonte de alegria e esperanças. Contudo, ao longo de mais de vinte anos da sua existência, irá causar-lhe grandes preocupações e desgaste.

Não tem descanso a atividade do Fundador. Nem a sua criatividade. Acolhe com amor todas as carências e multiplica suas obras para as aliviar: o Refúgio, mais tarde substituído pela Preservação, o Orfanato, o Instituto do Sagrado Coração de Maria, as Irmãs da Virgem, o Internato, o serviço no Dispensário, a Congregação dos Padres do Bom Pastor, a Colônia Agrícola para rapazes. É uma diversidade de ministérios, iluminados por uma única visão de fé: a maior glória de Deus e o maior bem das pessoas.

XI

“Deus mais forte que os homens”

O número de jovens que querem consagrar-se a Deus, colaborando nas Obras do Padre Gailhac, cresce pouco e pouco. O Noviciado vai-se enchendo. E a vida corre feliz.

O Padre Gailhac aparece de vez em quando para estar com as noviças. As palavras que lhes dirige revelam um profundo conhecimento de Deus e uma tal sintonia com a Sua vontade que fazem crescer nelas o desejo de se entregarem totalmente a Ele.

O entusiasmo com que lhes fala da beleza da vida religiosa e suas exigências, do amor de Deus por cada uma e como este se revela no chamamento que lhes fez, encoraja-as a uma resposta generosa.

Quando vai aos recreios do Noviciado, já de si muito alegres, com o seu jeito para a brincadeira anima-os ainda mais. E no fim, sente-se feliz ao ver aquele bando de noviças de véus brancos, esvoaçando pelo pátio, a caminho de suas ocupações.

Um acontecimento imprevisto vem perturbar, por uns tempos a vida das Irmãs e do Padre Gailhac. Uma noviça, Claire Jeanjean, em religião Saint-Basil, adoece repentinamente. Grande agitação no Noviciado, habituado à vida calma do dia a dia. Vem o médico e declara que o caso é muito grave.

O Padre Gailhac avisa logo a família, com quem vai contactando várias vezes, durante a doença. Mas esta evolui de forma tão rápida que a noviça morre, sem haver tempo de prevenir os pais de que o estado de saúde da noviça se agravara subitamente.

Pareceu melhor ao Padre Gailhac e à comunidade que só aos pais e a uma irmã fosse permitido ver o corpo, por estar bastante desfigurado. Os restantes familiares não foram autorizados a vê-la. indignados com tal proibição, provocam grande desordem no cemitério e perturbam o funeral, levantando boatos de crime grave.

Para tornar a situação mais difícil, não tinham esquecido ainda que, poucos meses antes, morrera subitamente uma Irmã da Virgem, Cléri Cannac, em religião Séraphine.

Os dois acontecimentos são agora aproveitados para atacar o Padre Gailhac. Entre outros acusadores, aparece um que escreve ao Prefeito do Departamento do Hérault e ao Procurador Geral de Montpellier, acusando a Padre Gailhac de não permitir que os pais assistissem à morte da filha e de não autorizar os outros familiares a verem-na depois de morta.

Nestas cartas, o autor faz perversas e gravíssimas insinuações de crime. Ataca fortemente o Padre Gailhac e culpa-o de terem explorado uma viúva, levando-a a doar-lhe todos os seus bens. Que alguns fanáticos da religião, dizia, louvavam e admiravam o Padre Gailhac, enquanto este se servia de sua pretensa boa reputação para esconder fins ambiciosos e interesseiros e evidenciar uma falsa filantropia na suas obras. Que até numeroso clero na cidade se juntava à indignação pública, pela máscara de caráter sagrado de que se revestia a sua ambição.

Outras cartas são dirigidas pelo mesmo caluniador às mesmas entidades, com acusações semelhantes, relativas à morte de Séraphine. O Procurador Geral recebe ainda cartas anônimas, pressionando-o a agir.

De todos os lados chegam ao Padre Gailhac informações sobre calúnias que se levantam contra ele e boatos alarmantes que se alastram pela cidade. Não se fala de outra coisa. É o escândalo a alimentar o gosto disfarçado das más línguas que murmuram a meia voz, como quem não quer agravar a situação. Mas a verdadeira causa de todas estas calúnias é o interesse de algumas pessoas em recuperar a fortuna da família Cure.

Uma parte do clero de Béziers também não o poupa, integrado-se nesta rede de intrigas, como já anteriormente acontecera nos primeiros tempos do Refúgio. O Padre Gailhac tem consciência de que a sua reputação e a fama das suas obras não são bem vistas por alguns Padres.

Porém, o que o faz sofrer muito é a afastamento e a incerteza em que o deixa Mgr. Thibault, guardando silêncio, apesar de Gailhac lhe escrever várias vezes. Começa então a pensar que também o seu bispo, antes tão amigo, está agora contra ele. E a sua angústia é cada vez maior. Gailhac sabe, por experiência, que os caminhos de Deus são difíceis e misteriosos. Sabe que as suas obras são sempre marcadas com a cruz. Fora sempre assim, até ali. Agora Deus não ia mudar.

Apesar de tudo, sofre imensamente. A sua consternação é profunda. Reza continuamente. Procura refugiar-se na fé e na confiança de que esta tribulação o vai purificar e fortalecer. Assim vai aguentando a dura prova e subindo a seu calvário.

Um dia cobra ânimo e resolve ir ter com a sua mãe. Ela é para ele uma referência de fé e coragem nos momentos difíceis. E ele está sem forças para reagir. Sente-se quase aniquilado, apesar da força de vontade e energia que todos lhe conhecem.

Fala-lhe com o coração nas mãos e, cheio de amargura, conta-lhe o que se passa. Aliás, ela já sabe de algumas coisas, através de rumores que lhe têm chegado.

A Senhora Gailhac acolhe o filho, com grande ternura e compaixão. Deixa-o desabafar e consola-o com palavras de sabedoria e bom senso. Na despedida diz:

- *Gailhac, coragem, Deus é mais forte do que os homens.*

No túnel sombrio em que entrara, estas palavras brilham como luz de esperança. Jamais as esquecerá.

Gailhac sabe que não é só ele e a comunidade a sofrer. Sabe que também as suas obras são desprestigiadas com estas calúnias. Por isso, resolve apresentar no Tribunal uma queixa contra os autores das desordens no cemitério.

São ouvidas várias testemunhas, umas a favor, outras contra. Os depoimentos destas últimas são discordantes e mostram a falsidade das acusações. Nestas circunstâncias, o Procurador resolve não dar andamento ao Processo. Começa a desanuviar o ambiente.

Também Mgr. Thibault se vai mostrar solidário com o Padre Gailhac. Através do secretário, justifica o seu silêncio para defesa dos interesses dele. Não se deixa influenciar pelas informações acusatórias que lhe haviam chegado. Mas achara que era melhor para o Padre Gailhac, não lhe escrever nem ter com ele contatos, durante as investigações.

Mgr. Thibault conhecia bem o Padre Gailhac. Já noutra situação anterior e difícil lhe havia escrito: “Não se entristeça pela maneira como o tratam. As obras de Deus custam este preço”.

Certo dia, Mgr Thibault recebe uma carta do Procurador que o deixa muito satisfeito, porque lhe traz uma boa notícia: “As calúnias inventadas pela mais odiosa maldade contra o Padre Gailhac e a sua casa foram postas a descoberto e este digno e virtuoso eclesiástico, cuja piedade e caridade só deviam provocar elogios, foi falsamente acusado”.

Assim se concluía esta perseguição que, pelo sofrimento que provocou, ajudara mais uma vez a amadurecer a visão de fé de Gailhac e a consolidar as suas Obras.

O Padre Gailhac respira de alívio. Tinham sido três longas semanas em que a sua fé e confiança foram posta à prova de fogo.

Tinham feito a profunda experiência de que “Deus é mais forte que os homens”.

XII

Da Irlanda para Béziers

Era uma manhã amena de Primavera. O sol incidia os seus raios dourados sobre o vidro das janelas do convento, intensificando a luminosidade do ar. Flores e arbustos, que por ali havia, tornavam-se ainda mais atraentes.

O Padre Gailhac, a passo lento e sorrindo a tanta beleza, atravessava o pátio do Internato. Vem de substituir, numa sala de aula, a Irmã que tivera de se ausentar naquela hora. É que ele, quando pode, gosta de ajudar as irmãs e sente-se bem junto das crianças e jovens das diferentes classes sociais. E isto é tão conhecido que as Irmãs não têm dificuldade em lhe pedir coisas como esta. Assim, mantém com todas uma relação simples e informal.

Não tem limites a sua dedicação ao Instituto. No dia a dia, visita uma ou outra Obra, informando-se com interesse do seu andamento. Fala com as alunas que encontra. Se vê alguma triste, logo a conforta com palavras de alento. Tem sempre uma expressão de simpatia, uma bênção para cada uma.

A formação das Irmãs é, desde o início, a principal ocupação do Padre Gailhac. Ele tem confiança que as obras vão prosperar para a glória de Deus e o bem da sociedade, se as Irmãs forem fiéis seguidoras de Jesus Cristo e imitadoras de Maria, como tanto lhes recomenda.

E parece que Deus abençoa e multiplica as Irmãs, pois o número de vocações continua a crescer. Aumenta o número, redobram as esperanças.

O Padre Gailhac está atento e capta todas as oportunidades. É assim que o Instituto se vai alargar até à Irlanda. É o ano de 1851, dois anos apenas após a fundação do Instituto. O Padre Gailhac conhecia, em Béziers, Miss Murphy, senhora irlandesa e professora de inglês numa família da cidade.

Sabendo da fé e forte espírito missionário que caracterizava a Irlanda e que levava muitas e muitas jovens a desejarem anunciar Jesus Cristo em outros países, o Padre Gailhac manifestou um dia a Miss Murphy o desejo de estender ao seu país o Instituto do Sagrado Coração de Maria, através de jovens irlandesas que quisessem vir para Béziers.

Miss Murphy que conhecia bem o Padre Gailhac e apreciava a sua Obra, fica muito feliz por servir de instrumento. E escreve a uma tia religiosa, que surpreendida com tal carta e sem saber que responder à sobrinha, a mostra ao confessor da comunidade, que, por sua vez a entrega ao pároco, o Padre O'Connell. Ora o Padre O'Connell conhecia uma jovem que desejava consagrar a sua vida a Deus, mas queria ir para a Austrália o que muito contrariava os pais. Ao ler a carta, o sacerdote esboça um sorriso de esperança: "Talvez a Rosanna aceite trocar a Austrália pela França. Quem sabe?" - pensa ele.

Rosanna Mc-Mullen desejava realmente ser religiosa, num convento longínquo, na Austrália, bem distante de seu país, para poder dar-se mais totalmente a Deus. Os pais, bons cristãos como eram, não se opunham à sua vocação, mas, sim ao desejo de partir para tão longe.

O Padre O'Connell mostra então a carta à Rosanna, que a lê desinteressada, persistindo na sua ideia. Todavia, aceita a

proposta do Padre O'Connel de fazer uma novena de orações com a família para conhecer melhor a vontade de Deus. E a verdade é que, ao longo da novena, Rosanna vai compreendendo que Béziers já representa uma distância capaz de satisfazer os seus desejos, e decide entrar no convento em França.

Inesperadamente, surge uma outra candidata. É Theresa Hennessy. A família Hennessy, originária de Kilkenny, transferira-se para Dublin, fixando-se na paróquia do Padre O'Connel. Apressam-se a ir cumprimentar o pároco e apresentam-lhe as suas filhas Margaret, Bridget e Theresa. Esta última pensava consagrar-se a Deus e comunica esse seu desejo ao Padre O'Connel, que não hesita em propor-lhe a Congregação em Béziers.

Theresa promete refletir sobre a proposta. Passados uns dias, informa ao Padre O'Connel de que aceita entrar no convento francês. Feliz com a decisão de Theresa Hennessy, o pároco põe-na em contato com Rosanna, para ambas de fortalecerem na sua comum aspiração.

A partir de então estabelece-se entre as duas jovens uma relação de amizade. E passam a encontrar-se aos domingos para rezar e falar sobre o pouco que sabem acerca da vida religiosa. Nesta conversas há sempre uma interrogação que fica suspensa.

“Quando chegará o dia da partida?” E um misto de curiosidade natural e de saudade dos que vão deixar, parece fortalecer o desejo de se entregarem a Deus naquele convento de França, que já as atrai tanto.

Finalmente é marcada a viagem para o dia 11 de Setembro de 1851. Tinham-na esperado com visível satisfação. Agora podem realizar o seu desejo.

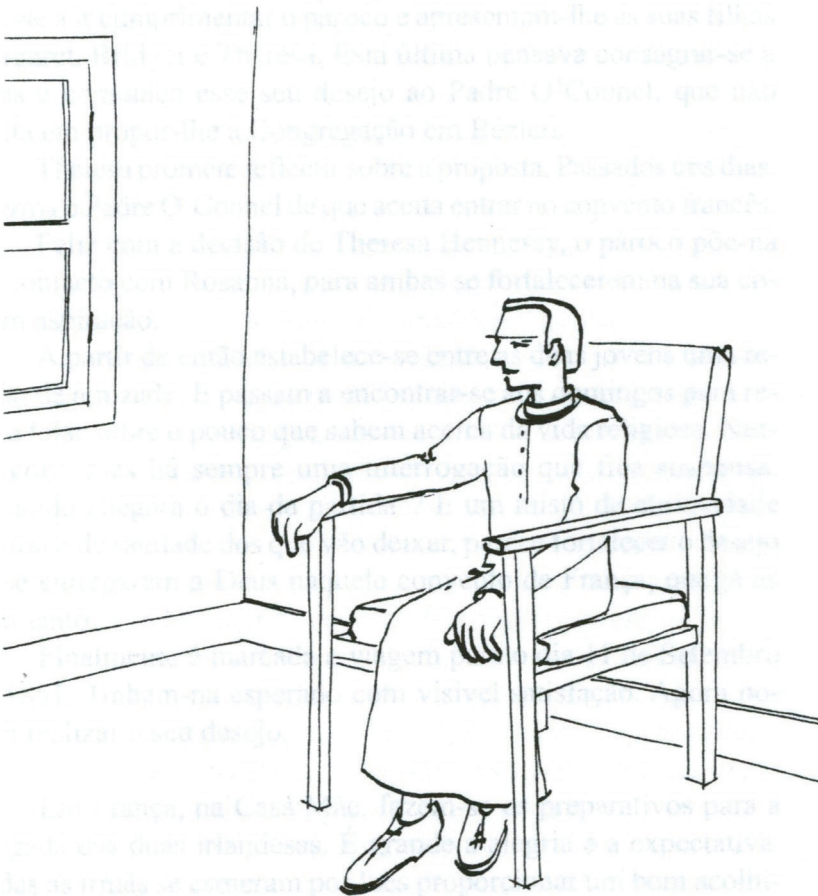
Desperadamente, surge uma outra candidata: é Theresa Hennessy.

A filha de Hennessy, originária de Kilkenny, transferira-se para Dublin, ficando-se na paróquia do Padre O'Connell. Apesar de a família não querer o papado e apresentarem-lhe as suas filhas, Theresa aceita o Padre O'Connell. Esta última pensava entregá-lo a si mesma, mas acabou por ceder o seu desejo ao Padre O'Connell, que não aceita a paróquia em Congregation em Béziers.

Theresa promete o seu voto sobre a proposta. Passados uns dias, o Padre O'Connell de aqui aceita entrar no convento francês. Porém, devido ao destino de Theresa Hennessy, o padre é pô-la no convento de Rosanna, para ambas se fortalecerem na sua vida religiosa.

Theresa de Congregation estabelece-se entre os conventos franceses. É possível a encontrar-se com os monges e padres que sabem a língua portuguesa e sabem a língua francesa e o pouco que sabem a língua portuguesa. Theresa sempre se encontra com os monges e padres que sabem a língua portuguesa e sabem a língua francesa e o pouco que sabem a língua portuguesa. Theresa sempre se encontra com os monges e padres que sabem a língua portuguesa e sabem a língua francesa e o pouco que sabem a língua portuguesa.

Theresa, na Casa de... preparativos para a... e os seus irmãos se converteram para... um bom acolhimento? Não é tão adaptar-se ao clima mediterrânico de Béziers? São gontas? que também aqui ficam sem resposta, entre prestígio,...



Em França, na Casa Mãe, fazem-se os preparativos para a chegada das duas irlandesas. É grande a alegria e a expectativa. Todas as irmãs se esmeram por lhes proporcionar um bom acolhimento. “Irão elas adaptar-se ao clima mediterrânico de Béziers? Como irão reagir à vida num convento tipicamente francês?” São perguntas que também aqui ficam sem resposta, entre presságios, esperanças e anseios.

As duas jovens, embora cansadas, mostram-se felizes e confiantes quando dão entrada no convento. Saúdam-nas as irmãs que as esperavam com alegria. E de tal modo se adaptam e se sentem no seu meio que, passados alguns meses, são admitidas à Tomada de Hábito. Rosanna Mc-Mullen recebe o nome de Saint-Charles e Theresa Hennessy, o de Saint-Thomas.

Com Rosanna Mc-Mullen e Theresa Hennessy, inicia-se a cadeia de vocações da Irlanda para Béziers. A pouco e pouco, esta cadeia vai aumentando, a ponto de, algum tempo depois, haver jovens irlandesas a fazer a profissão, todos os anos. Começa, então, a parecer oportuna e até necessária uma fundação na Irlanda.

É uma bênção de Deus esta abertura da comunidade a um outro país. Mas tanto o Padre Gailhac como a Madre Saint-Jean dão-se conta de que são precisos novos meios para manter viva a unidade na diversidade, não só de nacionalidade como de ministérios.

Gailhac não se cansa de repetir às irmãs que vivam unidas, formando um só corpo. É que, para ele, a união é a essência da comunidade. Para fomentar esta união o Padre Gailhac insiste no uso da língua francesa entre as irmãs da Casa Mãe. Todas as Irmãs irlandesas deviam falar bem o francês. E de tal modo se aplicam a essa recomendação que, nos recreios, não faltavam anedotas engraçadas e simples, a alegrar o espírito de família da comunidade.

O Padre Gailhac ia frequentemente a Montpellier, sede da diocese, falar com Mgr Thibault. Sentia necessidade de comunicar ao seu bispo o andamento do Instituto, as vocações vindas da Irlanda, as suas dificuldades e esperanças.

Por sua vez, o bispo ouvia-o com sincera amizade e interessava-se pelo Instituto que ele amava, vira nascer e aprovara. A relação entre os dois aprofundava-se na simplicidade e lealdade.

Entretanto, morre Mgr Thibault. Gailhac perde um grande amigo. Pouco tempo depois, é nomeado bispo de Montpellier Mgr François Le Courtier, com quem o Padre Gailhac mantém a mesma relação aberta e simples.

Mgr Le Courtier aprecia o Padre Gailhac e o Instituto por ele fundado. Mostra-se feliz quando ele lhe dá boas notícias da sua comunidade, que considera “tão fiel e piedosa”. Por outro lado, apoia-o e anima-o nas dificuldades.

Todavia, os problemas da diocese, nos aspectos religiosos, social e político, são muitas vezes causa de grandes preocupações e desgostos para Mgr Le Courtier. Quando isto acontece, invertem-se os papéis. É o bispo que se volta para o Padre Gailhac a pedir conselho, a confidenciar-lhe as suas dificuldades em orientar a Igreja, numa diocese “em que o ministério episcopal é tão ingrato”.

Gailhac, com o seu claro sentido de Igreja, está sempre pronto a apoiar o seu bispo, a ouvir-lhe as confidências, a dar-lhe palavras de ânimo, apesar de discordar dele em ideias de fundo. Na verdade, Mgr Le Courtier defendia a ideia de uma Igreja com uma certa independência de Roma, enquanto Gailhac rejeitará esta ideia

durante toda a sua vida. Para ele, o Papa é sempre a figura principal da Igreja Católica, como seu chefe e sucessor de Pedro.

Além das relações de caráter eclesiástico, Gailhac reconhece que o Instituto, para crescer, deve inserir-se bem em Béziers e ter bom relacionamento com as autoridades municipais.

E não faltam oportunidades para isto. Construções e compras de terreno para desenvolver e dar instalações condígnas às suas obras, obrigam-no a frequentes contatos oficiais com as autoridades civis. Estas, por sua vez, manifestam respeito e estima pelo Instituto, o único nascido em Béziers.

Na verdade, o Conselho Municipal atende sempre com solicitude os pedidos oficiais que o Padre Gailhac lhe dirige. Aproveita mesmo todas as ocasiões para mostrar apreço pela sua boa administração e organização das obras, para evidenciar as suas vantagens para a cidade, enriquecendo-a com boas construções, com estabelecimentos de educação e beneficência, que são um apoio a grupos carenciados da região de Béziers.

Também os seus habitantes mostram estima pelo novo Instituto. Comentam frequentemente, com grande admiração, o ato heróico da Senhora Cure em deixar todo o seu conforto para se fechar no convento, ao serviço dos pobres. E, com gestos de amizade e de presença, encomendas de bordados e ofertas, demonstram o seu carinho pelas Obras de Gailhac.

Bem consolidado em Béziers, o Instituto pode, no futuro, estender-se a outros países, o primeiro dos quais será a Irlanda.

XIII

Quando a seara está madura

Na última vez que o Padre Gailhac estivera com sua mãe, achara-a bem mais alquebrada. Cada dia a encontrava mais frágil. De fato, ela andava já com muito custo, mas queria ir ao convento visitar as Irmãs. Eram sempre momentos de paz e de muita consolação os que ali passava. Desta vez, pensa intimamente que será a despedida. É o que lhe dizem os seus oitenta e cinco anos e o cansaço do coração que vai sentindo.

Gailhac também não tem ilusões. Na verdade, ela não voltará a sair de casa. O seu estado de saúde piora sensivelmente. Passado pouco tempo, já nem sequer da cama pode sair.

O filho visita-a sempre que pode e as suas múltiplas ocupações lho permitem. Traz-lhe a comunhão e conforta-a com palavras de fé e de carinho. E, com muita dor, vai assistindo ao agravamento progressivo da doença de sua mãe. Vê apagar-se aos poucos aquela vela ardente. E com os seus sessenta anos, pensa nos tempos de criança... “ Nos joelhos de minha mãe comecei a acreditar na Imaculada Conceição e na infabilidade do Papa...” Na força que ela lhe dera toda a vida... “Gailhac, Deus é mais forte do que os homens” – dissera-lhe um dia sua mãe.

Agora, é Nossa Senhora que a vem buscar. É um momento doloroso para Gailhac. Cheio de coragem, dá-lhe a Santa Unção e a Comunhão como Viático. Assiste-lhe aos últimos instantes, imóvel e recolhido.

Ao terminar as Ave-Marias, morre dizendo: “Sou de Deus. Já não tenho nada de meu”. Para Gailhac fica a saudade, que a fé ajudará a apagar, fazendo-o sentir-se em comunhão mais íntima com a sua mãe.

Dois anos depois morre o pai, com noventa e um anos. A messe vai sendo ceivada pelo Pai de família. A ceifa, porém, começa uns anos antes. Tinha morrido já quinze Irmãos do Sagrado Coração de Maria. Entre elas, a Madre Stanislas Gibbal, até ali a única das seis primeiras religiosas do Instituto a partir para o céu. Tinha sido mestra de noviças e formara na vida interior e para a missão as primeiras gerações das Religiosas do Sagrado Coração de Maria. Marcara-as profundamente com os ensinamentos de Gailhac e com o testemunho da sua própria existência e da sua vida muito orientada para os mais carenciados.

Como é obvio, o Padre Gailhac sente muito a sua morte. Aliás ele sofre sempre quando morre alguma Irmã. Porém, a morte da Madre Saint Jean é a que ele vai sentir profundamente.

As lembranças do passado, ligadas à família Cure, acodem ao seu espírito. Tal como, ao cair da tarde, as sombras se alongam, sob o sol poente, assim para Gailhac a doença progressiva de Appollonie Cure (Madre Saint-Jean) dá mais vulto àquelas recordações e reaviva-as penosamente no seu espírito.

Ao ir viver em Béziers, algum tempo depois de casar com Eugène Cure, Appollonie passara a partilhar, com interesse e amizade, as alegrias e dificuldades do Padre Gailhac. De acordo com a tradição das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, o casal tinha decidido, em oração e discernimento, que aquele que sobrevivesse se entregaria totalmente à obra do “Bom Pastor”.

Coube-lhe a vez a ela. E, de fato, a entrega foi mais que total. Foi radical. Com todos os seus bens, entregou sobretudo a vida.

Gailhac nomeara-a primeira superiora geral do Instituto e, como tal, estivera sempre ao lado dele, com a sua dedicação e espírito de serviço.

A partir de certa altura, a saúde da Madre Saint-Jean começa a debilitar-se e ela cai de cama com uma pneumonia. O seu estado físico tão precário vai piorando sempre mais.

Vendo-a preocupada por não poder dar à comunidade a assistência que desejava, o Padre Gailhac procura tranquilizá-la.

-Uma superiora faz bem à comunidade, tanto na saúde como na doença, desde que esteja unida a Jesus Cristo.

No final de 1868, a doença agrava-se rapidamente e, a 24 de fevereiro de 1869 – aniversário da fundação do Instituto – volta a ficar de cama, para não mais se levantar.

O Padre Gailhac vai visitá-la com frequência, rezando com ela e partilhando os seus sofrimentos. Ambos tinham vivido, em grande solidariedade, muitas dificuldades e esperanças.

É a hora de Deus para um e outro, por caminhos diferentes. Gailhac aceita essa hora, com fé e coragem.

Melhor do que ninguém, ele sabe como a Madre Saint-Jean acolhera sempre com generosidade os projetos de Deus, ao longo da vida. Agora, no momento da morte, Deus vai acolhê-la dos braços de Maria, que ela tanto amara na terra.

Profundamente emocionado, o Padre Gailhac conforta-a com a Santa Unção e a Eucaristia e reza com ela as orações próprias daquele momento. A Madre Saint-Jean morre a 4 de Março de 1869, às seis horas da tarde.

Com a energia interior que todos o conheciam, e apesar de profundamente atingido pela dor, o Padre Gailhac consola as Irmãs, também elas mergulhadas no mesmo desgosto.

Como verdadeiro alento para ele, o Padre Gailhac guarda o tesouro das suas últimas palavras: “Meu pai, tenha coragem. Deus estará consigo e saberá consolá-lo nas provações. Sim as nossas obras vão prosperar”.

A fé diz que a Madre Saint-Jean, partindo fica presente. No dia seguinte, Mgr Le Courtier escreve ao Padre Gailhac: “Estou consigo na dor que experimenta, diante de tão grande perda, e quero que diga a todas as Irmãs que o meu profundo pesar se une à sua profunda tristeza.”

Grãos de trigo caídos à terra. A seara estava madura... Primícias da sementeira, a Madre Saint-Jean está também entre as primícias da colheita. Como grão maduro, cai à terra vinte anos após a fundação do Instituto.

E morre para que este dê fruto abundante.

XIV

Olhares voltados para a Irlanda

É o primeiro dia de Maio. As flores estendem-se em manto glorioso sobre os campos e jardins, matizando-os com as suas cores e perfumando o ambiente. É o mês do esplendor da natureza. E Gailhac sintoniza com o cosmos no louvor da criação.

Dois meses são passados após a morte da Madre Saint Jean. Na capela do convento, há um ar festivo a contrastar com a sobriedade dos meses anteriores. O altar tem a majestade de um trono, em que as luzes e flores disputam os olhares complacentes e maravilhados de quem entra. Tudo leva adivinhar que qualquer coisa de novo está para acontecer.

O Padre Gailhac preparara já a comunidade para a primeira de todas as eleições no Instituto – a eleição da superiora geral que sucederá à Madre Saint-Jean. O Ato é precedido pela Eucaristia. O Padre Gailhac sobe os degraus do altar com firmeza, como quem quer vencer os sinais de emoção que transparecem no seu rosto. Na homilia, porém, há uma tônica de alegria e de confiança no sentido da responsabilidade das Irmãs. Elas estão ali para, pela primeira vez, exercerem o direito máximo de participação na vida do Instituto – eleger a superiora geral.

Depois da Eucaristia, o Padre Gailhac começa a entoar solenemente o hino ao Espírito Santo, que todas as Irmãs cantam com ele, seguindo-se ao escrutínio. É eleita a Madre Sainte-Croix Vidal, uma das fundadoras e que tinha sido durante largos anos, assistente da Madre Saint-Jean, Tem cinquenta e três anos. O Padre Gailhac conhece-a desde muito jovem, quando,

juntamente com sua irmã Céline, dirigia um internato para meninas em Béziers.

Antes de entrar para o Instituto, assumira a direção desse estabelecimento de ensino, durante vários anos.

O seu caminho espiritual cedo começou a delinear-se num amor forte à Eucaristia e à Paixão de Cristo. Por isso, o Padre Gailhac lhe dera o nome de Sainte-Croix. De temperamento enérgico e criativo, a Madre Sainte-Croix possuía um trato afável com todos. A missão do Instituto era para ela uma paixão. Disso dera provas durante os vinte anos de vida do Instituto. Tem, portanto, agora uma ampla experiência que muito a vai ajudar na expansão do Instituto a que o Padre Gailhac a associará intimamente.

Havia já dezoito anos, isto é, depois da entrada para o Noviciado de Rosanna Mc Mullen e Theresa Hennessy que o Padre Gailhac escrevera a dois bispos da Irlanda, no sentido de o seu Instituto “ser um dia capaz de trabalhar para a glória de Deus, levando as suas obras de zelo a esse país eminentemente católico”. Era grande o seu desejo de enviar Irmãs para a Irlanda.

A este desejo, porém, junta-se agora a grande preocupação com a saúde das jovens irlandesas que, por vezes não se davam com o clima de Béziers. Preocupa-o, sobretudo, a família Murphy da qual já tinham morrido duas filhas – uma jovem professa e outra noviça. E a agravar terrivelmente esta situação, a terceira filha da família Murphy, noviça na Casa Mãe, adoece pouco tempo depois.

É grande a consternação da comunidade e o desgosto do Padre Gailhac que se solidariza profundamente com a família Murphy. Mas, olhando mais longe e vencendo o próprio desgosto,

o Padre Gailhac vê neste acontecimento a urgência de reativar o projeto de uma fundação na Irlanda. Pede então à Madre Saint-Thomas Hennessy, mestra de noviças, que acompanhe a noviça doente à Irlanda e, ao mesmo tempo, procure caminhos para uma fundação no seu país natal.

Feliz com esta última incumbência, a Madre Saint-Thomas parte decidida e começa a explorar todas as possibilidades. E, no horizonte das suas diligências, depois de muitas frustrações, Lirburn aparece-lhe como uma grande esperança .

Entretanto, a Guerra Franco-Prussiana vem precipitar os acontecimentos. A França é vencida e há o perigo de o exército prussiano avançar para o sul. Maior é ainda o perigo de os revolucionários franceses atacarem e profanarem alguns conventos, como acontecera nos fins da Revolução Francesa, em algumas cidades perto de Béziers.

Assim, a urgência de uma fundação na Irlanda tem agora uma dupla justificação. Primeiro, assegurar às Irmãs irlandesas a possibilidade da continuação das obras do Instituto e a permanência no seu país, tão necessária à saúde, já demais prejudicada com o clima do sul de França. Segundo, facilitar às irmãs francesas um lugar seguro, fora da França, sendo certo que só algumas dessas irmãs poderiam acolher-se em suas famílias.

A ansiedade do Padre Gailhac é muito grande e tarda-lhe o resultado definitivo das buscas incessantes da Madre Saint-Thomas. Ele próprio escreve cartas urgentes ao Cardeal Cullen, Arcebispo de Dublin, e ao Arcebispo de Westminster Mgr Manning, mostrando a situação de perigo em que se encontram as Irmãs de França. Mas nada resulta.

É precisamente neste momento que Lisburn se apresenta como o culminar de todas as esperanças. Uma carta do Padre Edward Kelly, pároco de Lisburn, comunica a boa notícia de que o Bispo Dr. Dorrian acolhe a nova fundação, fazendo saber que a maior necessidade de sua paróquia é uma escola paroquial para crianças e jovens das classes mais pobres. É ouro sobre azul, para o Padre Gailhac.

Na resposta ao convite formal do Dr. Dorrian, diz-lhe confiadamente que há muito desejava enviar religiosas para a Irlanda a fim de trabalharem para a glória de Deus e salvação de muitos. O Padre Gailhac pode, finalmente, enviar o primeiro grupo de Irmãs para Lisburn.

As dez Irmãs destacadas, quase todas irlandesas, sentem-se felizes por serem escolhidas para esta primeira missão fora de França. Preparam-se com entusiasmo. Os baús estão prontos. Podem partir.

O Padre Gailhac procede à cerimônia do envio da pequena comunidade missionária, com um ritual comovente que, no futuro, se repetirá em todos os envios. Sob a sua presidência, e com a presença da comunidade, alunas internas e órfãs, o ato começa com algumas orações litúrgicas de circunstância.

Depois de um cântico ao Espírito Santo, Gailhac dirige-se às Irmãs enviadas, com palavras cheias de entusiasmo e de estímulo. Em seguida, entrega as Constituições à Madre Saint-Thomas, designada para liderar o grupo. No fim, ele e os sacerdotes presentes dão a bênção.

Era o dia 13 de novembro de 1870, aniversário do Padre Gailhac. No dia seguinte, logo pela manhã - uma manhã fria e

invernosa – o Padre Gailhac acompanha as Irmãs a Bordeaux. Após seis longos dias de viagem por barco, chegam a Belfast. Espera-as o Padre Kelly, que segue com elas até Lisburn de comboio levando-as ao seu destino.

A viagem tinha sido muito cansativa e as Irmãs aguardam com ansiedade o momento de chegar à casa. Mas ao chegar, nem podem acreditar no que veem: uma casa grande, vazia... apenas uma mesa de cozinha abandonada! Vêm cheias de frio. Para se aquecerem, não têm mais que um pouco de carvão ali deixado.

Naquela noite, depois de uma refeição frugal com as provisões que uma boa mulher tinha trazido, dormem vestidas, lado a lado, para se aquecerem melhor. Os vizinhos emprestam-lhes o estritamente necessário para os primeiros dias, enquanto esperam que as malas cheguem de Béziers.

De longe, o Padre Gailhac segue atentamente os primeiros tempos da nova fundação. O seu cuidado pelas Irmãs que estão longe é tão grande que se desdobra para estar espiritualmente presente. Nas suas cartas anima, exorta, aconselha, abre perspectivas para que mais facilmente se adaptem à nova situação muito diferente de Béziers. Por isso escreve com muita frequência à comunidade.

É raro o dia em que não escreve também particularmente a duas ou três Irmãs. Quantas vezes, noite fora, ele lá está debruçado sobre a secretária a escrever-lhes palavras de conforto ou de orientação em alguma dificuldade!... As suas cartas são diretas, claras, interpelativas e geralmente muito pessoais.

Consciente do meio protestante em que se encontram, faz referência ao testemunho que elas devem ser para católicos e protestantes e está atento a que respondam às necessidades do local.

Gailhac preocupa-se muito com as irmãs doentes, sobretudo as que estão longe. Escreve-lhes frequentemente. Exorta-as a aceitar a cruz, lembrando-lhes como ela é preciosa para a glória de Deus e sua santificação.

Segue a par e passo o caso da superiora, Madre Sacré-Coeur, com problemas de saúde, desde o início. Em carta de Abril, diz-lhe: “Estou preocupado com a sua saúde. É para mim uma verdadeira cruz sabê-la cansada. Vá ao médico e explique-lhe bem o que sente e que ele estude o seu caso” Quinze dias depois, em Maio: “Receio que o médico não tenha acertado com a sua doença. Consulte-o novamente...” Noutra carta, procura incutir-lhe sentimentos de confiança em Deus, com a ideia, revolucionária para aqueles tempos, de que Deus também é Mãe: “Deus não é somente Pai, é Mãe também e mais que Mãe. A sua ternura é incomparável”.

É sua grande preocupação manter as Irmãs unidas à Casa Mãe, Béziers. Para ele, era o símbolo do verdadeiro espírito do Instituto. Incentiva-as a uma profunda atitude de fé, orienta os seus critérios de ação e fortalece-as na entrega generosa à missão dura e exigente.

Poucos meses depois, em Janeiro de 1871, Gailhac anuncia a sua primeira visita à comunidade. E em Maio escreve: “Aproxima-se o momento em que, se Deus permitir, estarei convosco. Teremos muitas coisas a combinar para a glória de Deus”. Nessa visita, em princípios do Verão de 1871, mostra-se muito feliz com a dedicação das Irmãs às crianças carenciadas da cidade, que frequentavam a escola paroquial. E fica satisfeito com as múltiplas atividades das irmãs em favor da população mais pobre.

Querendo atender às inúmeras necessidades que vão descobrindo à sua volta, as Irmãs tinham organizado a Escola do

Domingo, que consistia em três aulas de religião para crianças, jovens e mulheres de todas as idades.

Não contentes com isso, ofereciam três vezes por semana, aulas noturnas às empregadas das fábricas, na área de Lisburn. Em breve chegaram a oitenta mulheres na escola da noite, aprendendo a ler, escrever e fazer contas.

O Padre Gailhac sabia de tudo isto por correspondência. Mas é diferente sentir agora o entusiasmo com que as Irmãs lhe falam das diversas obras, da boa vontade de toda a gente, das reações positivas que vão sentindo da parte das crianças e adultos, do modo receptivo como reagem à sua dedicação.

Gailhac não tem descanso enquanto ali se encontra. Prega um retiro à comunidade, fala individualmente com cada Irmã, deixa a todas palavras de apoio e estímulo. Todos os dias, pela manhã, lhes orienta a oração. À tarde, faz-lhes uma conferência.

O bispo, sacerdotes e outras pessoas que se encontram com Gailhac levam-no a comentar, em carta para Béziers: “Católicos e protestantes, todos respeitam e estimam as nossas Irmãs”. Tudo interessa ao Padre Gailhac. Numa das três cartas que, de Lisburn, escreve à comunidade de Béziers, comenta com simplicidade que a casa “é bonita, bem conservada e mais atraente que a Casa Mãe”.

Enquanto as suas forças lhe permitirem deslocar-se, o Padre Gailhac voltará todos os anos a Lisburn. A sua preocupação é manter a unidade entre as religiosas da Casa Mãe e as da nova comunidade. Ele não esquece que elas são as primícias de todas as fundações que vierem a fazer-ser fora da França.

XV

Por caminhos de Portugal

São vinte e duas horas. Uma noite de nevoeiro denso, como acontece frequentemente na cidade do Porto. O comboio dá entrada na estação, com um silvo final que se fazia ouvir desde Vila Nova de Gaia.

À espera das cinco Irmãs do Sagrado Coração de Maria que, pela primeira vez chegam a Portugal, está a Miss Margaret Hennessy, diretora de um colégio no Porto e irmã da Madre Saint-Thomas Hennessy, então em Lisburn, e da Madre Sainte-Marie Hennessy, superiora da nova comunidade.

As cinco viajantes tinham deixado Béziers, no dia 28 de setembro de 1871, com a bênção do Padre Gailhac. Na véspera, a cerimônia do envio em missão, presidida pelo Fundador, na presença de toda a comunidade.

Nas palavras do Padre Gailhac ao grupo que vai partir, há um misto de entusiasmo e preocupação, que ele não consegue esconder. Conhece a situação anticlerical em Portugal e tem informações sobre o meio maçônico do Porto. Mas está convencido de que um país tão descristianizado precisa, mais do que nenhum outro, do zelo e testemunho das Irmãs. Espera que elas façam muito bem, nesta nova missão. E sabe que à cruz estará sempre associada abundante graça de Deus.

O Padre Gailhac segue com ansiedade as viajantes. Está longe, porém, de pensar que as dificuldades comecem logo durante a viagem.

O vestuário religioso atrai atenções e insultos por parte das pessoas com quem se cruzam. Ao chegar a Madrid, trocam o hábito por trajes civis, mas tão fora de moda que são facilmente reconhecidas como religiosas por um grupo de estudantes espanhóis, a caminho da Universidade de Coimbra. Estes não perdem a oportunidade de se divertir à custa delas.

Depois de uma viagem penosa e longa, cheia de apreensões, e depois de terem esperado várias horas nas mudanças de comboio, chegam exaustas ao Porto. A Madre Sainte-Marie comovida, cai nos braços de Miss Hennessy, sua irmã. Depois dos cumprimentos de chegada, Miss Hennessy leva as Irmãs para o seu colégio. É para continuar esta obra que vêm as Irmãs do Sagrado Coração de Maria.

As viajantes apressam-se a escrever para Béziers, comunicando ao Padre Gailhac a chegada ao Porto fora de perigo. E o Padre Gailhac, ignorando os acidentes do longo percurso, escreve-lhes, cheio de gratidão a Deus: “Louvor e graças a Deus que, durante a viagem, as guardou como menina dos seus olhos e, ao longo do caminho, colocou os seus anjos para as proteger, dirigir e ajudar a alcançar a sua missão”.

Miss Margaret Hennessy tinha vindo para o Porto em 1850, um ano antes da profissão de sua irmã Theresa Hennessy – Madre Saint-Thomas – em Béziers. O Porto já era então uma grande cidade, com o comércio muito desenvolvido. Em virtude das relações comerciais com vários países da Europa, havia aí um grande número de estrangeiros residentes e escolas onde os filhos podiam aprender línguas usadas no “mercado”.

Assim, desde os meados do século XIX, existiam no Porto escolas para meninas e rapazes, como o “Colégio Francês”, o “Colégio Inglês” e o “Colégio Alemão”.

O “Colégio Inglês”, situado na rua da Picaria, era dirigido por Miss Hennessy e prosperava sob sua orientação. O corpo docente era internacional. Havia professores portugueses, franceses, ingleses e alemães.

Ao fim de vinte anos, sentindo-se cansada, Miss Hennessy resolve pedir ao Padre Gailhac que lhe envie Irmãs para tomar conta do colégio. O Padre Gailhac mede todas as dificuldades, mas pensa sobretudo no bem que se poderá fazer.

Depois de muitas hesitações e de grande insistência por parte de Miss Hennessy, decide enviar uma pequena comunidade para o Porto. Na sua carta de agradecimento, Miss Hennessy faz as recomendações que lhe parecem necessárias, entre as quais a conveniência de se manterem discretas, não se identificando como religiosas e, portanto, a impossibilidade de usarem hábito e de terem uma parte da casa reservada como clausura.

Por que tal recomendação?

Contra o absolutismo, entram também em Portugal as ideias liberais que dominavam a Europa. O liberalismo acentua-se depois das lutas entre D. Miguel, absolutista, e seu irmão D. Pedro, liberal, que acabou por vencer.

O clero que dera o seu apoio a D. Miguel, é fortemente combatido, os religiosos são expulsos, os noviciados extintos. As congregações religiosas femininas, apesar de menos alvejadas, também não podem manter noviciados.

Além disso, é forte, no país, o ressentimento nacional contra a França, em virtude de Portugal ter ainda muito presentes as Invasões Francesas, em princípios do século XIX. Por isso tudo, tal ocasião parece ser a menos indicada para o estabelecimento, em Portugal, de uma nova comunidade religiosa e, para cúmulo, francesa.

A cidade do Porto também não parece a mais propícia. Meio anticlerical e maçônico, ali se aplicam com especial rigor, as leis contra as ordens religiosas.

Contudo, Gailhac sente que ali há uma grande necessidade de tornar Deus conhecido e amado. Por isso é para lá que envia as Irmãs. Para ele não há obstáculos, quando a causa de Deus está em jogo. A própria situação – até então inédita no Instituto – de as Irmãs colaborarem com leigos, não usarem vestuário religioso e não terem espaços reservados, será para elas, confia ele, enorme desafio, do qual resultará grande glória para Deus.

Bem consciente de tudo isto, escreve à comunidade, logo nos primeiros dias: “Não há dúvida de que vão passar por sofrimentos e provações, porque são um grande meio de se fazer o bem. Mas, se amarem a Deus, Ele as defenderá em todas as dificuldades e lhes confiará o Seu Coração.

Apesar do anonimato a que as Irmãs se rodeiam, a notícia da sua presença no “Colégio Inglês” vai sendo conhecida na cidade. E os pais das alunas, burgueses liberais, começam a retirar as suas filhas.

Mesmo os pais que seriam favoráveis à presença das Irmãs receiam pela segurança de suas filhas e retiram-nas do colégio.

Diz a tradição que ficaram apenas duas alunas internas. Alarmada com a situação, a Madre Sainte-Marie escreve ao Padre Gailhac, pedindo-lhe que as deixe regressar a Béziers. O Fundador responde energicamente: “Fiquem onde estão, mesmo que tenham apenas uma aluna”.

Lentamente as Irmãs recuperam a serenidade. E as alunas começam a regressar, quando os pais sentem o colégio protegido pela bandeira inglesa que Miss Hennessy tinha mandado hastear.

A uma Irmã que lhe escreve, manifestando até certa alegria, o Padre Gailhac responde: “Vejo que o clima de Portugal não lhe fez perder a alegria... continue alegre... desconfie da tristeza. A vida dispersa pelo exterior é a ruína da alegria”.

O Padre Gailhac está atento e mantém abundante correspondência com a comunidade. Segue individualmente cada Irmã, atendendo aos seus problemas pessoais e dando a orientação que lhe parece mais oportuna.

A uma Irmã que se queixa de a casa ser pequena, e de ver só um pouco do céu, diz-lhe: “No céu seremos livres. Não haverá paredes. E veremos, não apenas uma nesga, mas o céu todo banhado na luz eterna. Gozaremos do oceano sem praias porque estaremos em Deus e Deus em nós... Deus habita no seu coração que é muito pequeno. Acha que Ele se sente apertado?”

Noutra carta, conforta as Irmãs com a promessa de uma visita: “Se Deus me der vida, espero que o próximo ano não termine sem que eu tenha a consolação de as visitar. Desejo muito falar-lhes de viva voz, ouvir preocupações e projetos”.

Passados seis meses depois da fundação, o Padre Gailhac decide enviar a Madre Saint-Thomas para o Porto. Vai apoiar a missão e ajudar a sua irmã Madre Sainte-Marie cuja saúde é débil.

Logo ao chegar, a Madre Saint-Thomas dá-se conta de que a situação da obra e da comunidade não é boa e confirma as apreensões das Irmãs. Vê a necessidade de mudança para uma casa mais espaçosa.

Em setembro de 1872, a escola é transferida para uma outra casa alugada na Rua Coronel Pacheco. É uma casa grande, com jardins, um pequeno bosque e um pomar. A situação é esplêndida. Domina toda a cidade do Porto e, de quase todas as janelas, tem uma vista para o mar.

Entretanto o “Colégio Inglês” progride e é contado entre os melhores da cidade. Um inspetor, que o visita e entrevista as alunas, considera-o como sendo “o melhor da área”.

Assim bem consolidado como está, é possível fundar uma escola gratuita para crianças economicamente muito carenciadas. O Padre Gailhac, consultado sobre tal projeto, responde prontamente: “Autorizo-a de todo o coração”.

A comunidade o Porto, sentindo-se isolada e longe da Casa Mãe, vinha pedindo ao Padre Gailhac a fundação de uma outra casa em Portugal. Braga é indicada por Deus, através dos acontecimentos.

No dia 2 de Fevereiro de 1877, começa a funcionar, naquela cidade a “Academia Inglesa do Sagrado Coração de Maria”. Tinham alugado para o efeito uma bela casa na rua de São Miguel, o Anjo. No largo, mesmo em frente da casa, havia uma grande cruz de pedra. Junto dela, uma lâmpada a

arder continuamente faz a alegria das quatro Irmãs fundadoras, entre as quais se conta a Madre Saint-Thomas, encarregada da fundação pelo Padre Gailhac.

A existência de Braga remonta aos alvares da História. O povo que então invadiu a Península Hispânica fundou, na parte mais alta, uma citânia, ou cidade, que mais tarde os romanos enaltecera com o título de Augusta, tornando-a uma das mais importantes cidades da Hispânica Romana.

Menos de um século após a proclamação do cristianismo, como religião do Império, os cristãos de Braga são orientados por um bispo. Com os suevos, Bracara Augusta mantém a sua importância e é mesmo elevada à categoria de capital.

No século IV a conquista dos visigodos pô-la a saque e tirou-lhe a supremacia política, conservando-lhe apenas o prestígio espiritual da sua Igreja Metropolitana, graças à prelazia de São Martinho de Dume, um dos maiores vultos do cristianismo no Ocidente. No século VIII a cidade foi destruída pelos sarracenos.

Reedificada a partir do seu ponto mais alto – cidade – o burgo medieval foi protegido por uma cintura de muralhas. No centro destas e, ao que parece, no local do templo dedicado à deusa Isis, os condes D. Henrique e D. Teresa fundaram a Catedral, elevada depois a Sede Arquiepiscopal, em fins do século XI, antes da fundação da nacionalidade portuguesa.

Sob forte e vigoroso impulso dos vários arcebispos, ao longo de toda a Idade Média, foi-se construindo a cidade primaz, de características intelectuais e artísticas.

Em Braga, as Irmãs tinham ultrapassado as dificuldades dos primeiros dias: uma casa grande, fria e vazia de tudo. E, embora com grandes carências no que dizia respeito à sua vida privada, davam-se de alma e coração ao grupo de alunas que, desde a primeira hora, começara a afluir à “Academia Inglesa do Sagrado Coração de Maria”.

O Padre Gailhac vem a primeira vez em Portugal, em 1878. Os tempos que em Béziers antecedem a partida são de grande alegria, na expectativa de ver e falar com as Irmãs das duas comunidades, de as animar na sua consagração a Deus e à missão.

Gailhac chega a Portugal cansado. Apesar disso, durante os dias que aí passa, cumpre com as Irmãs das duas casas o programa já habitual nas suas visitas às comunidades fora da França.: retiro, conferências, conversas com as Irmãs em grupo ou individualmente, visitas às diferentes obras. Recebe as pessoas que o querem ver e faz ele próprio visita ao bispo.

No seu regresso a Béziers, depois da ida ao Porto e Braga, Gailhac escreve: “As duas casas de Portugal são abençoadas por Deus. Todos os habitantes apreciam e estimam as nossas Irmãs. No Porto, há cento e cinco alunas internas. Braga, fundada há apenas um ano, tem quarenta. Não é possível exprimir a simpatia que as crianças e os pais manifestam”. E acrescenta: “Regressei satisfeito e não me cansei muito... Encontrei tudo em tão bom andamento que me sinto amplamente compensado”.

Não há dúvida de que a visita do Padre Gailhac a Portugal lhe proporcionou grandes alegrias e consolações e o refez do abatimento com que tinha chegado ao Porto, depois de uma

longa e cansativa viagem. “A minha cabeça está muito cansada”, escrevera ele, então, à Madre Sainte-Croix, em Béziers.

Gailhac virá de novo a Portugal, em 1885. Em 1886, ainda em vida do Padre Gailhac, o Instituto abrirá em Chaves, no Norte de Portugal – num antigo convento de clausura – o Colégio do Sagrado Coração de Maria. Era a primeira vez que se abria um colégio num convento de clausura. O convento fora habitado por um grande número de monjas, das quais apenas restava a Abadessa.

O seu grande desejo era de que uma comunidade de religiosas pudesse ocupar o convento. É que fundados receios faziam-na temer que, após a sua morte, o enorme casarão fosse usado para quartel. E partilha esses receios com um sacerdote amigo, pedindo-lhe que a ajude a realizar tal desejo.

Providencialmente, através de uma aluna da “Academia Inglesa do Sagrado Coração de Maria”, em Braga, o sacerdote entra em contato com as religiosas da “Academia” e expõe-lhes o desejo da Abadessa.

Seguiram-se negociações com o Padre Gailhac, das quais resultou a abertura do Colégio Sagrado Coração de Maria, em Chaves.

Assim, os caminhos de Portugal são abertos ao Padre Gailhac e ao Instituto do Sagrado Coração de Maria pelas três irmãs Hennessy. Cada uma, à sua maneira, ajuda a comunidade a manter-se fiel à sua identidade e espírito, na situação nova que as desafia na missão – a colaboração de grande número de leigos.

XVI

Pressentimentos e apreensões

Desde a partida das Irmãs para Liverpool, Inglaterra, o Padre Gailhac vive em grande ansiedade e inexplicável tristeza. Eram seis Irmãs enviadas. Entre elas, sua sobrinha a Madre Saint-Eugène, superiora. Tinham deixado Béziers no dia 18 de junho de 1872, pela manhã. Um belo dia de sol fazia prever que o bom tempo iria acompanhá-las na travessia do oceano até às costas da Inglaterra.

As despedidas tinham sido de saudades, mas alegres e cheias de esperança como as duas largadas missionárias anteriores, para a Irlanda e Portugal. Desta vez, a superiora geral, Madre Sainte-Croix acompanha o grupo. Na véspera, a costumada cerimônia do envio e a bênção solene do Fundador.

Em cada envio o Padre Gailhac sofre por não poder acompanhar fisicamente as Irmãs que partem, porque com elas parte o seu coração. Mas numerosos compromissos em Béziers impedem-no de se afastar.

Nessa manhã, o Padre Gailhac escreve à Madre Sainte-Croix e comunidade para que, à chegada a Liverpool, possam sentir a sua presença. Diz-lhes que as acompanha na travessia do oceano e que pede ao Senhor dos mares e dos ventos que lhes torne propícia a viagem. Nossa Senhora, Estrela do Mar, é também invocada para que leve a bom termo o frágil barco que as transporta. “Sim – termina – temos firme confiança de que todas chegarão com saúde”.

O grupo chegará a Liverpool no dia 22. Entretanto, ele soubera de uma terrível tempestade sobre a cidade.

No dia 23, isto é, cinco dias depois da partida, escreve de novo à Madre Sainte-Croix. Pergunta-lhe como está cada uma. Se tudo correu bem sob a proteção de Deus. Se não houve acidentes na viagem. Diz-lhe que está muito apreensivo e que tem momentos de muita ansiedade. Finalmente, pede-lhe pormenores da viagem e que não lhe esconda nada. O coração diz-lhe que alguma coisa se passara.

Durante o dia, os múltiplos afazeres mantinham o Padre Gailhac ocupado, sem todavia deixar de pensar nas viajantes. À noite, retirava-se para o seu quarto e mal dormia, preocupado com o que poderia acontecer às Irmãs naquela viagem que ele acompanhava com tanta apreensão. E esperava ansiosamente por notícias.

Elas chegaram enfim. E bem trágicas. Na véspera da chegada a Liverpool, a Madre Saint-Dominique Hyne fora acometida de uma súbita hemorragia intestinal. As Irmãs, com o coração a sangrar, assistem a rápida evolução da doença. O médico não dá esperanças, aplicando todavia os cuidados requeridos. Vem também o sacerdote que conforta a doente com a Santa Unção e a Eucaristia.

E entre lágrimas de saudades das Irmãs que a cercam, a Madre Saint-Dominique morre ao chegar à missão de Bootle, pequena cidade nas imediações de Liverpool. Esta morte é uma prova terrível para Gailhac.

Acompanhara a viagem para a Inglaterra com crescente angústia. Agora, compreende o porquê. Ferido pela dor, mas cheio de fé, abre-se aos “impenetráveis desígnios de Deus” e aceita corajosamente a perda desta irmã tão querida. Põe toda a sua confiança em Deus e entrega-lhe a nova comunidade já bem marcada pelo sofrimento.

Ainda mergulhado na escuridão de uma dor profunda, mas sempre fortalecido e iluminado pela fé, escreve logo à Madre Sainte-Croix e comunidade, confortando-as e incutindo-lhes coragem. No céu, com todas as outras Irmãs que já lá se encontram, a Madre Saint-Dominique vai interceder pelo Instituto. A confiança em Deus, que ele sempre manteve, assegura-lhe que esta dura prova atrairá grande bênçãos sobre a nova missão.

Gailhac tinha afirmado, vezes em conta, que todo bem nos vem da cruz. À sombra dela tinha começado as outras fundações. A pobreza e doenças em Lisburn. A rejeição nos primeiros tempos no Porto. Mas nunca como agora a morte marcara uma viagem missionária.

As Irmãs têm pouco mais de um mês para se refazerem da morte da Madre Saint-Dominique e para se prepararem para as aulas. A escola paroquial de Saint James, para a qual o Pároco, Padre Thomas Kelly as havia convidado, é como todas as escolas paroquiais católicas, subsidiada pelo governo e exige certificados de ensino que elas não possuem.

Imediatamente após a chegada, três de entre elas são destinadas à escola e começam a estudar para obter o diploma de professoras, tendo de fazer exames oficiais. Numa carta o Padre Gailhac recomenda que se organizem de tal maneira que cada uma tenha tempo suficiente para estudar. “Devem esforçar-se em todos os aspectos do ensino”.

Com o aumento de inscrições na escola, outras Irmãs têm que ir de Béziers para preparar os certificados de habilitação. E Gailhac insiste: “As Constituições ordenam que todas as Irmãs estudem constantemente para poder realizar qualquer trabalho que lhes seja confiado”.

Uma vez que a escola de Saint James está orientada, a comunidade pensa fundar uma escola secundária para alunas externas, filhas de famílias economicamente mais favorecidas. Gailhac aprova e dá a sua bênção.

No fim do verão de 1872, Gailhac visita, pela primeira vez a missão de Bootle. Mostra-se feliz com a ação das Irmãs nas duas escolas. Informa-se pormenorizadamente sobre o andamento de cada uma. Visita as salas de aula e faz as recomendações que lhe parecem úteis. Sobretudo estimula as Irmãs na sua formação espiritual e profissional.

Faz o retiro à comunidade. Passa muito tempo com as Irmãs. Acompanha-as espiritualmente, falando com cada uma, animando-as nas suas dificuldades e felicitando-as por todo o bem que pode constatar na comunidade. Deixa-lhes pensamentos de vida adequados às dificuldades a que têm de fazer face.

Antes da fundação de Bootle, ele já tinha ido à Inglaterra com a Madre Saint-Charles (Rosana Mc Mullen) para ultimar os preparativos. Não são portanto, desconhecidos para ele o Bispo Alexander Gross, o Padre Kelly e até o ambiente em que as Irmãs vivem e trabalham agora.

As instalações da escola de Saint James eram amplas, mas o mesmo não acontecia com os espaços reservados à escola secundária e às religiosas. O Bispo concedera já licença para a construção de um edifício maior. Todavia, o Padre Gailhac tem de fazer face a grandes obstáculos por parte do bispo e do Padre Kelly que, em favor de uma nova igreja, queriam reduzir à terça parte o espaço destinado à construção. Gailhac mantém firme a sua opinião: “A saúde das Irmãs e das crianças exige espaços maiores e mais ar livre”.

Finalmente esses obstáculos desaparecem mas a construção torna-se extremamente desgastante para as finanças da Casa Mãe, em Béziers. Gailhac pede ao Padre Kelly para omitir na construção o que não é estritamente necessário, até a comunidade de Béziers sair da difícil situação financeira em que se encontra. Mas o certo é que o Padre Kelly avança sempre, sem deixar para mais tarde o mais pequeno pormenor do projeto.

É muito difícil para Gailhac aguentar esta situação. Vê-se forçado a declinar o convite do Padre Dunphy, seu grande amigo, para uma fundação em Ferrybank, na Irlanda. Felizmente, esta viria a concretizar-se mais tarde, ainda durante a sua vida.

É uma verdadeira alegria para Gailhac saber que, apesar de todas as vicissitudes, a comunidade de Bootle colhe frutos abundantes daquela árvore ainda tenra, abanada pelo vendaval durante a viagem e transplantada para o céu, logo no início da fundação.

XVII

Roma – Coração da Igreja

Havia muito tempo que o Padre Gailhac sentia grande desejo e necessidade de ir a Roma, falar com o Santo Padre, confiar-lhe os trabalhos já realizados e os sonhos de futuro. Mas só em 1874 pode concretizar esse desejo.

Foi designado para a partida o dia 30 de Maio. O sol não tinha ainda despontado no horizonte. E não se ouviam os alegres chilreios dos passaritos adormecidos nas árvores frondosas que ladeiam a estrada Béziers-Marseille.

O ar é puro e estimulante e tem o perfume das flores da Primavera e a frescura da água das nascentes no verão. O Padre Gailhac com a Madre Sainte-Croix, superiora geral, a Madre Saint-Félix e o Padre Guillaume-Belmont-Galie da Congregação do Bom Pastor, chegam a Marseille, às quatro e trinta da manhã. É aí que têm de embarcar para Civitavecchia – porto que lhes dará acesso a Roma – no Comte Veléry-Line.

Antes do embarque, têm tempo de ir à Notre Dame de La Garde. Por entre grande multidão, dirigem-se para lá, naquele último domingo de Maio. É a primeira estação de sua viagem de peregrinos. O Padre Gailhac sente-se feliz aos pés de Nossa Senhora a confiar-lhe o sucesso da sua peregrinação a Roma, a lembrar-lhe as Irmãs que deixara em Béziers e as que, mais longe, em Lisburn, no Porto, Braga e Bootle, trabalham por tornar Deus conhecido e amado. Pede ainda pelo Santo Padre, pela França, pelo mundo inteiro. São momentos de intensa emoção.

O mar estava calmo. O tempo maravilhoso. Sentados no convés, de olhar perdido na imensidão do horizonte, o coração adivinha-lhes as alegrias que os esperam na Cidade Eterna. O silêncio permite-lhes ouvir o marulhar gracioso das ondas brincando à volta do barco e acariciando-o no seu movimento ondulante.

De vez em quando, Gailhac não pode calar a contemplação: “Mares e rios, bendizei ao Senhor” Dn 3,77. E como se prescrutasse o fundo do mar, onde baleias gigantes e corais minúsculos louvam a Deus: “Monstros e animais marinhos, bendizei ao Senhor” Dn 3, 79.

Às onze horas e trinta minutos do dia 3 de junho, depois de quatro dias de viagem, chegam a Roma. Ao atravessar a cidade, olham emocionados os grandiosos monumentos. Os olhos não se cansam de relancear de um lado para o outro, para nada perderem. Ao longe, aparece a cúpula da Basílica de São Pedro!

À sua sombra tinham vivido muitos papas e, atualmente, Pio IX. É por este que vão ter a dita de ser recebidos em audiência. Vão agradecer o Decreto de Louvor concedido a 9 de Maio de 1874, que fazia passar o Instituto do Sagrado Coração de Maria e a Congregação dos Padres do Bom Pastor, de estado diocesano a direito pontifício. Vão pedir também a aprovação das Constituições....

Com que sentimentos teria o Padre Gailhac transposto a Porta de Bronze e subido a Escada Régia, para a primeira audiência com o Papa!

Subindo compassadamente os largos degraus, pensava na graça de poder conversar com Pio IX, de lhe falar dos dois Institutos que fundara e das obras que empreendera... de lhe

pedir as suas bênçãos. E, esboçando um sorriso de ousadia, pensa até se não terá oportunidade de lhe dizer que, em criança, vira Pio VII quando este, no seu regresso do exílio em França, passara por Béziers. Gailhac sabia que Pio IX era muito bondoso e acessível... Mas o importante – rematava ele, chamando-se à realidade e quase ao cimo da escadaria – era agradecer concessões anteriores e fazer novos pedidos.

O Santo Padre acolhe-o com gestos de estima e simpatia. Gailhac sente-se à vontade e fala-lhe do espírito e objetivos dos dois Institutos, do seu carisma e missão, do seu desenvolvimento, da Casa Mãe, das casas da Irlanda, Portugal e Inglaterra. Agradece os benefícios recebidos e pede a aprovação das Constituições. Saem em silêncio, saboreando a alegria interior que a bondade do Papa lhes proporcionara.

Dois dias depois, o Padre Gailhac celebra a Eucaristia no túmulo de São Luiz de Gonzaga, visita o seu quarto e o de São João Berchmans. Um outro dia celebra também na Igreja da Madalena, no altar de São Camilo de Lellis, um dos santos de sua predileção.

Uma tarde são recebidos pelo Cardeal Hohenlohe, primeiro Cardeal Protetor do Instituto. Desejando acolhê-los com toda a cortesia, o prelado esperava-os já à sua chegada. Leva-os a visitar o palácio e jardins e, em seguida, à sua Igreja paroquial. No fim, convida-os para o jantar, juntamente com quatro cardeais, para que a conversação possa ser mais alargada e interessante.

Sensibilizado com tão requintada recepção, o Padre Gailhac oferece-lhe um lindíssimo paramento bordado a ouro. São fortes as emoções daqueles dias. Em cada momento deparam com nova surpresa.

Visitam as quatro Basílicas Romanas, as Catacumbas, o Coliseu e outros locais evocativos de recordações cristãs. Tudo lhes lembra a fé dos primeiros cristãos e a coragem dos mártires. Tudo lhes fala da universalidade da Igreja. Gailhac, tão sensível à mensagem da Igreja primitiva, tem a impressão de aspirar o perfume do sangue dos mártires. E escreve para a comunidade da Casa Mãe:

“Podemos ainda respirar o perfume do sangue que os mártires derramaram por Jesus Cristo. Tudo aqui é testemunho da generosidade do mundo cristão. Os nossos olhos podem ver, mais claro do que a Estrela da Manhã, que Roma é a cidade do Catolicismo”...

Durante a viagem de barco para Roma, dá-se um encontro providencial com uma senhora americana, Sarah Peter. Convertida do Protestantismo, ia com frequência a Roma, dirigindo peregrinações de católicos da América. Era muito conhecida e estimada por Pio IX.

Depois de ter aderido ao Catolicismo, uma das ocupações de Sarah Peter era chamar para os Estados Unidos congregações religiosas europeias, a fim de ocuparem dos católicos da América, que se contavam entre a população mais pobre daquele país.

Em conversa com o Padre Gailhac, fala-lhe do bem que o Instituto do Sagrado Coração de Maria podia fazer nos Estados Unidos e da sua disponibilidade para o ajudar numa possível fundação na América. E, em Roma, proporciona-lhe a participação na audiência geral de uma peregrinação dos Estados Unidos e Canadá organizada e dirigida por ela.

Ocupar-se dos pobres, em qualquer parte do mundo era a grande ambição de Gailhac. Por isso lhe sorria a proposta. Antes do regresso a Béziers, têm ainda uma terceira audiência com o Santo Padre, a 13 de junho.

Ao deixar Roma, Gailhac deixa também muitos amigos. Em novembro de 1882, voltará a Roma para saudar Leão XIII, que sucedera a Pio IX, e tratar de assuntos relativos ao Instituto. Escreve então:

“Tudo aqui fala do poder e da glória de Deus, na multidão dos santos que triunfam por todo o mundo pela sua virtude, pelo seu sacrifício. E revelam assim tudo o que a maravilhosa graça de Jesus Cristo Crucificado pode fazer nas pessoas”.

O olhar de fé do Padre Gailhac não se detém apenas nos símbolos cristãos dos monumentos e ruínas que visita na Cidade Santa. Mas vai muito além, para se fixar no verdadeiro edifício espiritual de pedras vivas que fazem de Roma o “coração do Catolicismo”

XVIII

Bodas de Ouro do Padre Gailhac

Caminhava-se para o dia 23 de setembro de 1876, data em que se completavam os cinquenta anos de ordenação sacerdotal e primeira missa do Padre Gailhac.

Havia já muito tempo que a ideia de jubileu inundava o seu coração de sentimentos de louvor e ação de graças. Desejando porém, preparar-se mais intensamente, retira-se para a Abadia de Fontfroide onde era então abade o Padre Jean Marie Léonard, seu grande amigo e conselheiro espiritual. São frequentes os diálogos entre ambos, nesses dias de retiro.

A austeridade da Abadia, as suas pedras seculares, a sobriedade dos claustros e sobretudo o ambiente espiritual que envolve o Padre Gailhac, contribuem para ele se sentir mergulhado em profunda gratidão a Deus por tantos gestos de bondade e misericórdia.

As maravilhas do amor divino durante os cinquenta anos decorridos, estão intensamente presentes no espírito de Gailhac. Com a humildade que lhe é própria, reconhece o contraste entre tantos dons recebidos e as suas faltas. Arrepende-se e contrista-se por elas. Mas está profundamente convencido de que a misericórdia de Deus não tem limites, que é um oceano sem praias. E mergulha nesse oceano, cheio de confiança e abandono, saboreando o perdão de Deus.

O Verão está no fim. Regressam as manhãs frescas e as brumas do outono. Respira-se o ar puro do campo. Tudo isto facilita a contemplação. Gailhac passeia e reza, ora nos claustros,

ora nos prados circundantes. Mas sobretudo dá longas horas à oração, na Igreja da Abadia, fortemente atraído pela presença eucarística que ele reverencia em profunda adoração.

Entretanto, no convento de Béziers, há grande movimentação e um vaivém desusado. As Irmãs aproveitam a ausência do Padre Gailhac para preparar a festa do seu jubileu, que terá lugar a 11 de outubro. Querem, todavia, fazer-lhe a surpresa de uma celebração em família, a assinalar o próprio dia. E, quando na vigília do dia 22, o Padre Gailhac regressa a Béziers, surpreendem-no com uma comemoração íntima e simples.

O Padre Gailhac aceita sensibilizado a manifestação inesperada de carinho a que as Irmãs conseguiram dar um tom festivo e simples, ao mesmo tempo, e sobretudo um tom de intimidade e recolhimento inexcelsível. No dia seguinte, o próprio dia do aniversário da sua primeira Missa, celebra a Eucaristia na presença da comunidade e de todas as crianças de suas obras, à exceção das alunas do Internato, que ainda se encontravam de férias.

Apesar do esforço para conter a comoção, as palavras da homilia denunciam os seus sentimentos. Este é verdadeiramente o dia que Deus fez para Gailhac. A gratidão e a alegria incontidas são evidentes para todos.

Agora, urge preparar a celebração solene do Jubileu, da qual não o dispensam o Bispo da Diocese e outros bispos amigos, os sacerdotes de Béziers e das cercanias, e até os leigos. O Padre Gailhac aceita sem resistência. No seu coração intui que esta celebração será uma fonte de energia e coragem para todas as pessoas ligadas às suas Obras e “um testemunho de amor à Igreja e ao sacerdócio”.

Além dos bispos e sacerdotes, são convidadas as autoridades civis e militares e os amigos. Estão presentes representantes de todas as Obras fundadas por Gailhac.

A Eucaristia solene é celebrada ao ar livre, no pátio do Internato porque a capela não é bastante espaçosa para conter as centenas de convidados. Inicia-se com a procissão em que a cruz é levada por um rapaz negro da Colônia Agrícola de Bayssan, seguido pelos outros rapazes da Colônia e do Orfanato masculino, dirigido pelos Irmãos do Bom Pastor. Seguem-se alguns soldados, jovens do Orfanato, da Providência e da Preservação, as alunas do Internato, as Irmãs Oblatas, as Irmãs do Sagrado Coração de Maria, a Congregação dos Padres do Bom Pastor, clero da cidade e muitos outros padres dos arredores, numerosos amigos, as autoridades civis e militares.

Atrás, ladeando o Padre Gailhac, paramentado com a casula dourada, três bispos, entre os quais Mgr. de Cabrières, de Montpellier, sucessor de Mgr Courtier. O Padre Gailhac alheia-se a todo este aparato para se concentrar no mistério que o invade. Meio século o separa daquele dia 23 de setembro de 1826...Uma deliciosa tensão o envolve. Com as maravilhas de graça desse passado, quantos sofrimentos e quantas lutas!

Mas a Obra de Deus triunfara sempre, desdobrando-se nas obras que fundara. Ali estavam como sinais do poder de Deus atuante no pobre instrumento que a sua humildade reduzia a bem pouco.

A Eucaristia é o momento culminante da cerimônia e prolonga-se no espírito do Padre Gailhac, durante o dia inteiro. A força do Espírito Santo, que dá às suas palavras o poder de

transformar o pão e o vinho no Corpo e Sangue de Cristo, marca a plenitude do mistério. E Gailhac todo se concentra nele.”Eis o mistério de fé”.

À Eucaristia segue-se um banquete em que participam os bispos, o clero, magistrados, amigos e alguns soldados. O Padre Gailhac agradece humildemente os brindes que lhe são dirigidos pelos bispos e padres que ele considera “a glória da França e a mais bela joia na coroa da Igreja”.

Os soldados não são esquecidos, comparando-os aos sacerdotes, por serem também chamados a dar a vida em favor dos irmãos. Na verdade, para Gailhac, dar a vida é missão permanente do padre “porque a sua vida não é senão privação, sacrifício e imolação de todo o seu ser, a cada momento”.

De Lisburn, Porto e Bootle chegam presentes. Da Irlanda, um grande bolo, da Inglaterra, uma lâmpada de cristal, de Portugal, seis duzias de garrafas de vinho do Porto. Mas o melhor presente da festa é a primeira vocação portuguesa, Maria da Conceição Pancada, mais tarde Madre Saint-Joseph, primeiro elo da cadeia de vocações que virão de Portugal.

Das Irmãs que estão fora da França, só pode estar presente a Madre Saint-Eugène. A ausência das restantes é para Gailhac uma sombra a empalidecer o brilho da festa.

Gailhac chega ao fim do dia cansado mas feliz. A lembrança maravilhosa que dele guarda acompanhá-lo-á como dom precioso da infinita gratuidade de Deus.

XIX

O Novo Mundo

Na escuridão da capela - La Rotonde – apenas se vislumbrou a chama trêmula de uma lâmpada de azeite a assinalar a presença eucarística. Quem ali entrasse àquela hora da noite, não daria pela presença de um vulto negro, em frente do Sacrário. Era o Padre Gailhac. Havia já muitas horas que ali estava em oração.

Lembrava aquela viagem a Roma, em junho de 1874. Lembrava o encontro no barco com a Senhora Peter, que procurava entusiasmar-lo a enviar Irmãs para o serviço dos pobres nos Estados Unidos e se oferecera gentilmente para ajudar numa possível fundação.

O Padre Gailhac nunca esquecera tão generosa e gratuita promessa. Naquela noite, agradecia a Deus tê-lo feito chegar, através de um longo discernimento, à decisão final de abrir o Instituto ao Novo Mundo.

Dois anos e meio são passados após aquela viagem. Em janeiro de 1877, ultimam-se em Béziers os preparativos para a partida das seis Irmãs que deviam integrar a primeira fundação na América do Norte. Entre elas, conta-se a superiora, Madre Saint-Basil.

Não era sonho fácil este de enviar para o continente americano a primeira comunidade de Religiosas do Sagrado Coração de Maria, no século XIX. Era gigantesco o salto da velha Europa para um país novo sem tradições, mas com tal pujança de vida que o tornava já uma grande nação no mundo ocidental.

Gailhac não hesita. Humilde e simples, mas corajoso, não teme lançar-se na aventura dos caminhos de Deus e aceita o risco do desafio que conduz o Instituto ao Novo Mundo. Em fevereiro do mesmo ano escreve três cartas decisivas: uma ao bispo da diocese, outra ao pároco de Saint-Andrew, em Sag Harbor, para onde as Irmãs se destinavam, e uma terceira a Sarah Peter. A esta, o Pe. Gailhac recorda a viagem a caminho de Roma e louva a Deus pela graça daquele encontro, que Deus abençoaria com a presença das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, na América. Depois de Deus, a ela pertencia a glória da nova missão. E conclui:

“Já que é sua fundadora, permita-me constituí-la também sua mãe. Elas vão amá-la como filhas. E porque vão ficar longe da casa que as viu nascer para a vida religiosa, sei que as ajudará, quando necessário. A minha gratidão e a delas será para sempre.”

Eram porém, bem diferentes os desígnios de Deus. Sarah morre a 6 de fevereiro de 1877, alguns dias antes da viagem das Irmãs de Béziers para os Estados Unidos.

Como de costume, antes da partida, tem lugar a cerimônia do envio na Casa Mãe. Era já o quinto envio em seis anos.

Gailhac dá à superiora a cópia das Constituições. Depois do rito de costume, abençoa solenemente as seis Irmãs que, ao cântico de despedida, não podem conter as lágrimas. Embarcam no Saint-Laurent, no dia 17 de fevereiro de 1877. O navio leva onze dias a transpor o Atlântico. O Padre Gailhac escreve às Irmãs que estão fora da França, pedindo-lhes que rezem por este pequeno grupo fundador:

“Que Deus as proteja durante a viagem e lhes dê sucesso na missão, pois estou certo de que Deus nos quer abrir de par em par as portas deste imenso país”.

A 28 de fevereiro o grupo chega a Sag Harbor. Esta cidade, grande porto de pesca da baleia, em Long Island, é o berço da missão a que Deus as chama para trabalharem na Igreja Paroquial de Saint-Andrew.

Gailhac e as Irmãs só foram informadas do falecimento da Senhora Peter algum tempo depois da chegada aos Estados Unidos. Pode-se compreender o seu profundo desgosto.

Felizmente, a Senhora Peter já tudo tinha organizado com antecedência. E o Padre J. Heffernan, pároco de Saint-Andrew, sabendo da sua morte, tomara a seu cuidado ultimar os preparativos para a chegada das Irmãs.

De longe, o Padre Gailhac e a comunidade da Casa Mãe seguem atentamente as Irmãs recém-chegadas. Ele escreve-lhes com frequência. Ninguém melhor do que o seu coração sente a distância a que elas se encontram, as demoras dos correios e as incertezas que destas resultam.

Numa das suas cartas, depois de perguntar por cada uma individualmente, pela sua saúde, pelas dificuldades de adaptação à nova cultura, o Padre Gailhac exorta-as à entrega generosa à missão a que tinham sido enviadas. Fala-lhes do grande desejo que tem de que elas se ocupem dos protestantes da área.

“Procurem a amizade dos protestantes... Uma palavra a propósito e um exemplo de dedicação são muitas vezes mais eficazes do que um longo sermão... Preguem, preguem continuamente pelo testemunho de vida e produzirão muitos frutos”.

Por vezes, as Irmãs encontram-no a ler, com ar feliz, o “Sag Harbor Express”. Um artigo desse jornal referia-se aos objetivos do Colégio das Irmãs do Sagrado Coração de Maria. E terminava assim:

“Uma escola de dia e outra de noite para jovens, estão ligadas ao Colégio”

Supõe-se que a escola da noite, semelhante à de Lisburn e anexa ao Colégio, fosse para mulheres ainda jovens que trabalhavam em pequenas fábricas na localidade. A escola incluía catecismo e matérias básicas, como leitura, escrita e aritmética. Estas mulheres eram extremamente pobres e alheias ao ritmo normal da vida. À noite iam ao convento e as Irmãs mostravam-lhes também como deviam vestir-se e comportar-se. Era como se lhes dessem cursos de boas maneiras e cultura.

Gailhac, sempre tão voltado para os pobres, apreciava muito este trabalho das Irmãs junto dos mais desfavorecidos. Não fora para estes, especialmente, que a Senhora Peter o animara a estender o Instituto aos Estados Unidos?

Gailhac não cessa de estimular as Irmãs, de as animar nas dificuldades que vão encontrando, como por exemplo, o avanço lento do número de alunas no Internato e Externato do Colégio. Dirige-se sobretudo à Madre Saint-Basil, sobre quem pesava maior responsabilidade. Para a ajudar, desce a pormenores tais como aconselhá-la a admitir na Associação das Filhas de Maria as alunas mais velhas e a confiar-lhes as classes de catecismo destinadas às mulheres das fábricas.

Entretanto, a Madre Sainte-Croix, superiora geral, sempre mais ou menos doente, piora consideravelmente. Ela fora sempre de saúde frágil, mas a sua força de vontade e o

desejo de em tudo colaborar com o Padre Gailhac, dedicando-se inteiramente ao Instituto, davam-lhe energias para esconder os seus sofrimentos, que se aumentavam, desde princípios de 1877.

O Padre Gailhac segue com preocupação esta situação dolorosa. Profundamente ferido pela iminência da prova que vai abater-se sobre o Instituto, com a morte da superiora geral, confia a uma Irmã, no dia 22 de agosto de 1877:

“Querida Filha, eu que, em idade avançada, tive de chorar a morte de tantas filhas...estou agora prestes a chorar a morte da segunda Madre Geral.”

Mas estes sofrimentos não obscurecem nele a fé e a pura adesão à vontade de Deus. Assim, no dia seguinte, 23, escreve a uma comunidade:

“Que em nós viva sempre a vontade de Deus. É o único caminho da vida, da paz e da felicidade... Que a nossa vontade seja a de Deus”.

No dia 04 de setembro de 1878, a Madre Sainte-Croix morria serenamente, aos sessenta e três anos. Apesar de não ser surpresa, a morte da Madre Sainte-Croix é um grande choque para Gailhac. Mas a sua energia espiritual não lhe permite deixar-se abater pelo enorme desgosto. Passados cinco dias, escreve uma carta circular a todas as comunidades. Nessa carta insiste sempre na aceitação da vontade de Deus, ultrapassa a dor e lembra os deveres que a morte da Madre Sainte-Croix sugere:

“Que a santa, amável e adorada vontade de Deus se faça em tudo e sempre. A triste notícia da morte da Madre Sainte-Croix mergulhou-nos a todos em profunda tristeza. Mas as lágrimas não bastam para testemunhar a veneração por tão santa mãe. A sua memória impõe deveres a cumprir. O primeiro é rezar sem cessar para que a sua bela alma entre na união com Deus, que é a felicidade do céu... Um

outro dever é a renovação no espírito da vocação”.

Um mês mais tarde:

“As nossas queridas Irmãs falecidas devem ser de grande conforto para nós. No céu continuam a servir-nos como intercessoras diante de Deus”.

“A servir como intercessora diante de Deus”, pela fundação de Ferrybank, pela qual tanto trabalhara na terra, está certamente a Madre Sainte-Croix”

Ferrybank é uma cidade da diocese de Ossory, no sul da Irlanda. É interessante ler nos anais da diocese que, em 1151 fora ali fundada a Abadia de St. Mary of Kilkenny. Mas tarde, em 1540, a Abadia fora entregue à coroa.

Em 1868, ainda em vida da Madre Saint-Jean, nascera e crescera com entusiasmo a esperança de uma fundação naquela diocese, na cidade de Callan. Porém, graves dificuldades se opuseram à concretização desse projeto.

Em 1875, nascia uma nova luz de esperança. O Padre Dunphy escrevia ao Padre Gailhac, convidando-o a fazer uma fundação em Ferrybank.

A alegria na Casa Mãe era tanto maior quanto maiores tinham sido as desilusões da tentativa de Callan. Em nome do Padre Gailhac, a superiora geral visitara a propriedade em vista, situada em parte dos terrenos e bosques da antiga Abadia.

O sol brilhava entre as árvores, tremeluzindo a agitar as folhas, pela brisa da tarde. À noite, as águas do Rio Suir refletiam, em ambas as margens, as luzes das cidades de Ferrybank e Waterford fazendo lembrar Veneza.

Juntavam-se a beleza natural e o sentido espiritual de uma presença religiosa no passado. Novos revezes impedem ainda desta vez a realização dos sonhos de Gailhac e da comunidade de Béziers.

Mas Deus persiste nos planos, apesar das contradições humanas. Em 1878, retomavam-se a correspondência e negociações com o Padre Dunphy até se decidir finalmente a ida de um grupo de Irmãs para Ferrybank.

E na festa da Anunciação, 25 de março do mesmo ano, o Bispo Dr. Moran benzia a pedra angular de um novo edifício. Porém, só em setembro de 1879 as Irmãs chegariam a Ferrybank. As nove Irmãs que integram o grupo fundador, do qual é superiora a Madre Alphonse, deixam a missão de Bootle, última etapa da viagem, no dia 15 de setembro, festa de Nossa Senhora das Dores. Chegam ao cais de Waterford na manhã do dia 16.

O Padre Dunphy espera-as à saída do barco, feliz por ver finalmente realizada a sua grande aspiração – trazer para Ferrybank as Irmãs do Sagrado Coração de Maria.

Adjacente ao convento, ainda em acabamentos de construção, está a capela da propriedade onde as Irmãs, logo à chegada, têm a dita de participar na Eucaristia. Ali se encontram sacramentalmente com o Senhor que as envia: “ide pelo mundo” (Mc 16,15) E, em sentimentos de gratidão e súplica, expandem os corações cansados das sucessivas viagens e abandonados aos cuidados de Deus numa terra desconhecida.

As Irmãs preveem que muita coisa lhes irá faltar, nos dias imediatos. Tinham conhecimento das dificuldades dos primeiros tempos, nas cinco fundações anteriores, fora da

França. Por isso, contam que lhes falte o necessário. Todavia as expectativas sombrias são de longe ultrapassadas pela realidade que encontram, apesar das atenções do Padre Dunphy e da generosidade de alguns vizinhos.

As atividades escolares começam no dia 2 de outubro, festa dos Santos Anjos. Quinze dias para a adaptação e preparação das classes é pouco tempo. Cada Irmã preocupa-se e procura dar o que tem de melhor nas situações imprevistas que se lhes vão deparando. É que, além da escola para as crianças pobres, as Irmãs abrem um Internato e um Externato para as classes mais favorecidas.

Em 1881, o Padre Gailhac está presente à distribuição de prêmios. Mostra-se feliz com a alegria contagiante das crianças e a evidente felicidade dos pais. É a primeira vez que vai a Ferrybank. Voltará em 1884 e 1887.

Nas visitas, dirige o retiro anual da comunidade, estimula as Irmãs em particular ou em conferências. Visita as escolas, interrogando e conversando com as crianças. Recebe a visita de sacerdotes amigos e dos pais dos alunos. Cumprimenta e agradece ao bispo a sua solicitude pelas Irmãs.

Mas é sobretudo com o Padre Dunphy, seu grande amigo, que tem longas conversas sobre o andamento das escolas e as perspectivas de futuro.

Entre os dois mundos, o novo e o velho, desdobra-se o dinamismo apostólico de Gailhac. E à medida que as Irmãs se espalham por esses mundos ele parece querer encurtar as distâncias, apelando e promovendo a unidade.

XX

Os Pobres – joia da comunidade

Naquela noite, como de costume, Gailhac deixa o convento, onde passara mais um dia de intensas ocupações. A passos lentos, parando de vez em quando dirige-se para o seu quarto, à distância de alguns minutos.

O céu era azul profundo. As estrelas cintilavam à porfia, no espaço imenso que o seu brilho percorria à velocidade de milhares de anos-luz, até chegar a ele, naquele preciso momento.

Era noite de lua cheia. E, à sua claridade, Gailhac contempla o mistério de Maria que recebe do Sol Divino, seu Filho, a luz que docemente reflete. Gailhac pede à Nossa Senhora que, nessa luz, qual manto de ternura, envolva a sua noite, a noite das Irmãs, a noite do Universo.

Os passos lentos e as pausas de Gailhac, aqui e além, permitem-lhe ir contemplando o céu de veludo azul, bordado de pontos dourados e inquietos. O peso de seus oitenta anos também o impede de caminhar mais depressa.

Apesar de, pouco a pouco, ir langando os seus ministérios, primeiro nos arredores de Béziers e em seguida na cidade, Gailhac continua com o seu tempo muito ocupado.

Só em 1885 se demite do exercício de confessor da comunidade do Mosteiro de Sainte-Claire, de Béziers, a quem pregava retiro, fazia conferências e atendia as Irmãs. Fica assim mais livre para se ocupar unicamente das suas comunidades.

Continua a levantar-se às quatro horas da manhã. Depois da Eucaristia, atende às pessoas que o procuram. Visita as Irmãs nos diferentes lugares de trabalho na Casa Mãe. Escreve às comunidades da Irlanda, Portugal, Inglaterra e Estados Unidos. Ocupa-se dos serviços burocráticos, relações com as autoridades religiosas e civis e muitos outros imprevistos fora de seu programa habitual.

Cada ano visita uma comunidade fora da França, exceto a dos Estados Unidos, onde nunca chegará a ir. Sempre que regressa a Béziers, lembra com entusiasmo os momentos mais significativos dessas visitas, descrevendo com vivacidade e alegria os diferentes ministérios das Irmãs, os locais onde os exercem, a receptividade das crianças e de seus pais nas escolas, dos adultos nas paróquias, o apoio dos bispos, sacerdotes e amigos.

Depois de contar as suas experiências, fica por momentos em silêncio, com ar muito feliz, como que a saboreá-las de novo e pronto a responder às perguntas que lhe façam. E estas chovem de todos os lados.

Gailhac gostará sempre de recordar as suas visitas às comunidades. Porém, as suas forças físicas vão escasseando e sente que em breve terá de renunciar às suas viagens a outros países.

Em dezembro de 1886 escreve às comunidades reconhecendo que se sente muito cansado. E em julho de 1888 escreve a todas as superiores:

“Vendo-me no termo da vida, aproveito os instantes que ainda me restam...” E deixa recomendações importantes sobre a fidelidade ao espírito do Instituto que é segundo ele, o próprio espírito de Jesus Cristo.

A última viagem e última visita foi à Inglaterra em agosto de 1888. Tinha então 86 anos. Esta viagem foi para ele um longo e penoso calvário, que muito lhe custou a subir. Ao regressar desta vez à Casa Mãe, a Madre Saint-Félix, que tinha sucedido como superiora geral à Madre Sainte-Croix, vendo-o tão extenuado, propõe-lhe um programa de vida menos austera.

“Sinto – diz ela – que a viagem lhe exigiu um grande esforço e que agora poderia suavizar o seu horário. Por exemplo, levantar-se às seis horas, Eucaristia às sete horas...”

Gailhac nem a deixa continuar:

“- De modo nenhum. Foi esse o programa que me impus quando jovem sacerdote e não quero agora no fim da vida faltar aos meus compromissos.”

E acrescenta:

“-Se queremos que Jesus Cristo nos renove totalmente, o primeiro passo é levar com Ele a cruz de cada momento. Os discípulos não podem passar senão por onde Cristo passou. Temos que nos deixar conduzir pelo Espírito Santo. Guiados por este Espírito ultrapassaremos tudo o que em nós é terrestre, tudo o que não é conforme ao modo de ser de Jesus. “O servo não é mais que o seu Senhor”. Jesus passava a noite em oração. E eu?”

A Madre Sain-Félix teve que se render a tão persuasivos argumentos. E a conversa ficou ali.

O Padre Jean Marie de Fontfroide está convencido de que o Padre Gailhac “é conduzido pelo Espírito e não se deve pôr obstáculos à obra de Deus”. Assim será até os últimos meses de sua vida.

Um dia, a Madre Saint-Félix encontra-o no corredor maior, à saída da capela onde passara longas horas em oração diante do Santíssimo Sacramento. Vendo-o com o ar abatido, leva-o a uma sala próxima e indica-lhe uma cadeira. Ele aceita. Senta-se e diz à superiora geral:

“Estive a pensar muito e a rezar pelas nossas comunidades. E pedi para todas a caridade, esta preciosa virtude que eu desejaria ver fortemente enraizada no Instituto e profundamente vivida por cada irmã.” E continua, apertando as mãos entrelaçadas contra os joelhos como que a imprimir força às suas palavras. *“Recomendo muito a predileção pelas crianças pobres confiadas ao Instituto. É pelas obras de caridade que atrairemos sobre ele as bênçãos de Deus”.*

E concluiu:

“ - Os pobres são a joia da comunidade.”

Esta joia que desde criança começara a atrair a sua atenção, vai-se tornando cada vez mais preciosa ao longo da sua vida. Sem excluir ninguém e acolhendo também as classes mais favorecidas – sempre na perspectiva dos pobres – as suas preferências incidem marcadamente sobre os excluídos da sociedade, os que precisam de mão amiga para se erguer das próprias ruínas.

XXI

“Felizes os que morrem no Senhor” Ap 14,13

“É esforço demasiado para sua idade”! - pensava a Madre Saint-Félix. “Sair do convento, por vezes a altas horas da noite, depois de um dia fatigante”. Mas hesita em propor ao Padre Gailhac a adaptação do seu pequeno apartamento, de modo a poder passar aí as noites. Receia a sua reação negativa.

Um dia, porém, enche-se de coragem e faz-lhe a proposta:

- Gostaria que aceitasse um quarto na Casa Mãe, para ficar sempre conosco, dia e noite.
- Está bem, se vê que é útil às Irmãs – é a resposta.

E a partir de então, o Padre Gailhac passa a dormir no convento. É o primeiro alarme entre as Irmãs relativamente ao estado de saúde do Fundador. Conhecendo-o bem, compreendem o alcance de tal assentimento. Outros sinais de declínio se vão suceder. Veem-no enfraquecer dia a dia.

O ouvido falha também. É preciso preparar-lhe um lugar na sacristia para atender a confissão. Às Irmãs enchem-se os olhos de lágrimas ao falar do Fundador, tão fragilizado o sentem. No dia 13 de novembro de 1889, aniversário de seu nascimento, Gailhac celebra a última Eucaristia e confessa algumas pessoas.

E começa a não poder sair do quarto, tal é o seu estado de fraqueza. As Irmãs visitam-no por grupos para não o cansarem muito. E recolhem, avidamente, as suas palavras.

No dia 7 de dezembro, diz às Irmãs que o visitam:

“-Agora, já só espero o céu. Amem a Deus... É a única coisa que as acompanhará na hora derradeira. Façam tudo por amor e nada lhes custará, nada lhes será penoso. E para mim peçam a Deus que me triturar, que me crucifique, para me tornar digno de entrar no céu”.

No dia 21 de janeiro, fica de cama para não mais se levantar. O sofrimento agutiza-se e sobreveem uma febre ardente. Mgr. de Cabrières, avisado da gravidade do seu estado, vem visitá-lo e traz-lhe a bênção. Recebe com grande recolhimento a Santa Unção e a Comunhão. Depois, mergulha em profundo silêncio.

A Madre Saint-Félix tornara-se a sua confidente e depositária das suas últimas vontades. Na véspera da morte, Gailhac faz-lhe um pedido:

“- Diga a todas as Irmãs que lhes deixo a minha bênção, uma bênção para cada uma em particular.”

- É tudo? – pergunta a Madre Saint-Félix.

- Diga-lhes que recomendo a união e a caridade.

É a última recomendação que resume a aspiração de toda a sua vida.

A Bênção papal é-lhe enviada por telegrama, bem como a Bênção de Mgr. de Cabrières. Ao receber as duas bênções o Padre Gailhac faz, respeitosamente, o sinal da cruz. A partir de então é o recolhimento e o diálogo íntimo com Deus. São frequentes as preces e a manifestação do desejo profundo de estar unido a Deus, de O amar e O possuir por toda a eternidade.

No último dia, não quer receber visitas. Pede apenas à superiora geral que não o deixe só e lhe vá sugerindo fervorosas orações. É às três horas da tarde do dia 25 de janeiro de 1890, depois de uma curta agonia, o Padre Gailhac adormece tranquilamente nos braços de Deus. O seu rosto irradia paz e felicidade.

Era a festa litúrgica da conversão de São Paulo. As Irmãs veem nesta coincidência um sinal da bondade de Deus a distinguir o seu servo. Gailhac ia a caminho dos oitenta e oito anos. Na cidade espalha-se depressa a notícia: “morreu o santo! Morreu o santo!” E a notícia chega também a todas as casas do Instituto.

As Irmãs choram saudosamente a morte do querido Fundador, que as não surpreende, é certo, mas que é para todas uma dor muito grande.

A visão de fé, herança tão preciosa por ele legada, conforta-as agora e inunda-lhes a alma de paz e suavidade. Era como se ouvissem as suas palavras por ocasião da morte da Madre Sainte-Croix:

“Ditosos aqueles que viveram segundo Deus e a sua vontade. Quando parecem terem perdido a vida, então é que a possuem”. Deus concedeu ao Padre Gailhac um coração de fogo. “O amor é chama” – diz ele – “Abrasa tudo o que o cerca e procura abrasar o mundo”

Aqui se encerra a vida de Gailhac, mas não sua missão. Esta transpõe a morte e continua-se no Além porque sua visão de fé foi sempre iluminada e aquecida pela chama do amor, que jamais se apagará e que subsiste através do Instituto do Sagrado Coração de Maria, a que deu a Vida.

PARA QUE TODOS TENHAM VIDA!

Ficha Técnica

Edição:

*Religiosas do Sagrado Coração de Maria
Província Brasileira - Belo Horizonte, 2013*

Conselho Provincial:

*Ir. Ana Helena Andreão
Ir. Judith Caliman
Ir. Marília da Paz Bellini*

Autora:

Ir. Margarida Maria Gonçalves, rscm

Projeto Gráfico:

*Coordenação - Ir. Lúcia Pereira de Rezende
Diagramação e Capa - Lucienne do Carmo Félix Teixeira*

Impressão:

Gráfica e Editora O Lutador - Edição de 500 exemplares



*Centro de Fontes
email: cfontes@rscmb.com.br*

HOMENAGEM PÓSTUMA



*Ir. Margarida Maria Gonçalves
Religiosa do Sagrado Coração de Maria*

“Recordar esta nossa Irmã, falecida no dia 8 de dezembro de 2012 é como evocar um ícone da vida consagrada, tão significativo, tão visível foi o testemunho de vida da Ir. Margarida Maria, nos caminhos do Instituto e da Igreja, por onde Deus a foi conduzindo.

Foi longa a sua vida entre nós. Foram muitos os capítulos da história que nos legou e que ficaram registrados na memória de quantos a recordam com imenso apreço e gratidão.

Lúcida, entusiasta, comprometida e interessada em tudo o que dizia respeito à Igreja e à Vida Religiosa, a Ir. Margarida Maria, aos 95 anos de idade, mereceu a forma tão serena e tão pacífica com que partiu, inesperadamente, ao amanhecer do dia da Imaculada Conceição”.

Reeditando o livro “Uma Vida para Todos” Edição Brasileira/2013, é justo fazermos uma carinhosa homenagem póstuma à sua autora que nos presenteou com esta pesquisa importante para o enriquecimento de nossas FONTES.

A Irmã Margarida Maria Gonçalves, religiosa do Sagrado Coração de Maria, movida por uma convicção muito forte de fidelidade ao Espírito, quis transmitir às gerações futuras a mensagem do Venerável Padre Jean Gailhac, Fundador do Instituto a que pertence, confiando no impacto que essa mensagem possa causar em todos os que melhor o vierem a conhecer...

De forma decidida, lançou-se no desafio de escrever a biografia do Venerável Padre Gailhac, numa linguagem mais atualizada e adaptada aos jovens de hoje...

O modo como se familiarizou com o percurso do Venerável Padre Gailhac, desde o seu tempo de menino, seminarista, jovem sacerdote, fundador de várias Obras, permitiu-lhe falar dele com conhecimento de causa, de uma forma tão simples e acessível...

O Venerável Padre Gailhac continua vivo nas muitas vidas que, em diferentes partes do mundo e diversas formas de missão, se têm colocado ao serviço de todas as classes sociais, "para que todos tenham vida".

(do Prefácio)



Instituto do Sagrado Coração de Maria - Província Brasileira
www.rscmb.com.br - cfontes@rscmb.com.br